FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 10 DE JANEIRO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 12 963

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O novo gabinete francês

foi hoje apresentado a de Gaulle por Michel Debré, no Eliseu

PARIS, 10. — O presidente de Gaulle recebeu esta manhã, no palácio do Eliseu, o chefe do Governo, Michel Debré, que lhe apresentou o seu Gabinete, constituido por 25 ministros.

Duas horas antes de se dirigir ao Eliseu, Debré instalou-se na residência oficial dos presidentes do Conselho da França, o palácio de Matignon, onde, segundo se julga, ainda hoje se realizará a primeira reunião do novo Gabinete.

Esta reunião destina-se a dar início á elaboração do programa que Debré tenciona apresentar ao Parlamento, na próxima quinta-feira, numa sessão extraordinária. De harmonia com a nova Constituição, a primeira sessão ordinária do Parlamento eleito em Novembro ultimo só se efectuará em Abril.

Espera-se que o presidente de Gaulle anuncie hoje a amnistia de muitos presos argelinos, incluindo os dirigentes da F. L. N. que se encontram detidos desde 1956. Circulos autorizados dizem saber que o decreto de amnistia, embora não ponha em liberdade efectiva dois dos principais dirigentes da F. L. N., os coloca num regime de detenção menos rígido. Ben Bella será transferido da Santé, a penitenciária de Paris, para a Belle Ile, ao largo da costa atlantica, onde, sob «vigilancia especial», viverá em relativa liberdade.

Por sua vez, Messali Hadj, que se encontra na Belle Ile, será transferido para a região de Paris, onde lhe é fixada residência. Mantido, também, sob vigilancia especial, Hadj não será autorizado a regressar á Argélia.

Além disso, o decreto de amnistia comuta a pena de morte imposta a muitos rebeldes que se encontram nas cadeias da Argélia e liberta grande numero de Muçulmanos internados em campos de concentração. — (A. N. I.).

Junto de René Coty, o Presidente de Gaulle reacende a chama do tumulo do soldado desconhecido, no Arco do Triunfo, no dia da sua investidura na suprema magistratura da nação

Um projecto de tratado de paz com a Alemanha

foi hoje entregue pela Rússia às potências ocidentais

MOSCOVO, 10. — O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Russia convocou hoje os embaixadores da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos e de outras potências da Aliança Atlantica e entregou-lhes a resposta russa á nota ocidental de 31 de Dezembro, acerca da questão de Berlim.

Dizem os círculos diplomáticos que foram dois os documentos entregues hoje por André Gromyko, ministro dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S. O primeiro é a resposta soviética á nota ocidental acerca de Berlim, de 31 de Dezembro; o segundo, um projecto de tratado de paz com a Alemanha. Cópias destes documentos foram entregues a outras embaixadas em Moscovo.

O documento respeitante ao tratado de paz alemão conta 25 páginas, e 11, o texto da resposta ás notas ocidentais.

A Emissora de Moscovo e a Tass anunciam a divulgação dos dois textos ainda hoje.

Por outro lado, a «Pravda» e a «Izvestia» publicam sem comentários o texto do memorando do Governo da Republica Democrática Alemã a respeito de Berlim. Os textos das respostas ocidentais á nota soviética de 27 de Novembro ainda não foram publicados em Moscovo.

O Governo soviético propõe agora ás três potências ocidentais e á Republica Federal Alemã, a convocação, dentro de dois meses, em Varsóvia ou Praga, de uma conferência para elaborar o tratado de paz com a Alemanha.

«A conclusão de um tratado de paz com a Alemanha teria grande influência positiva, não só para garantir a manutenção da paz na Europa, mas ainda para resolver o problema da reunificação alemã, tarefa nacional de todos os Alemães» — afirma o Governo da U. R. S. S. na nota entregue.

Além disso, as notas dirigidas ás três grandes potências ocidentais contêm uma resposta sobre o problema de Berlim: «O Governo soviético torna a exprimir o empe-

(Continua na ultima página)

Nota do dia

Inovação

Conforme anunciámos ontem, projecta-se organizar no nosso País um serviço de socorros de urgência que faz parte de um vasto plano em que está empenhado o ministro da Saude e que, entre outros aspectos, prevê a utilização de helicópteros. O assunto está a ser devidamente estudado pelos técnicos da Direcção Geral de Assistência e dos Hospitais Civis, de acordo com o Subsecretariado da Aeronáutica, que pôs amàvelmente á disposição daquelas entidades os aparelhos necessários, e conta-se que o serviço possa começar a ser utilizado dentro de poucos meses. O helicóptero desempenha hoje em dia um papel de primordial importancia na prestação de socorros urgentes a sinistrados em lugares pouco acessíveis ou mesmo inacessíveis a outros meios de transporte. E' rápido e é cómodo. Uma inovação deste género representa, sem duvida, um grande serviço prestado ao País e não pode, de modo nenhum, ser tomado de animo leve ou prestar-se a comentários sorridentes, que entre nós sublinham, por vezes, as mais belas e as mais uteis iniciativas em prol da comunidade. Em todos os países onde os serviços de assistência estão organizados de modo eficiente, o helicóptero conta já no seu activo um numero considerável de vidas humanas salvas. Vidas que se teriam perdido irremediàvelmente se essas aranhas do céu, tão dóceis na manobra como um puro sangue em exercícios de alta escola, não desempenhassem com tanta eficiência a sua missão humanitária.

150 cadáveres já foram retirados das ruinas da aldeia de Ribadelago

ZAMORA, 10 — O jornal «Correio de Zamora» informou que, até ao meio-dia de hoje, haviam já sido retirados das ruinas da aldeia de Ribadelago 150 cadáveres.

Nos hospitais desta cidade, encontram-se 87 sobreviventes da aldeia. Continua a não haver indicações da cifra global dos sobreviventes. — (A. N. I. e F. P.).

O general Franco «adoptou» a aldeia mártir

MADRID, 10 — O chefe do Estado espanhol «adoptou» a aldeia de Ribadelago, em virtude de um decreto do Conselho de Ministros, que se reuniu ontem sob a presidência do general Franco. Os ministros do Interior, das Obras Publicas e do Alojamento, bem como o ministro secretário-geral do Movimento Nacional, tomarão com toda a urgência as medidas necessárias para socorrer os sinistrados e remediar a situação — esclarece o comunicado que foi tornado publico depois do Conselho.

Os socorros enviados rápidamente de Zamora e Astorga e das povoações vizinhas pouca eficácia tiveram, em consequência da rapidez com que a catástrofe se deu. Permitiram, no entanto, a evacuação dos habitantes que não estavam em Ribadelago propriamente dita e dos sobreviventes que conseguiram fugir em barcos ou jangadas.

Os arredores da aldeia destruida

(Continua na ultima página)

Faleceu hoje de madrugada o prof. Vitor Hugo de Lemos reitor da Universidade Clássica de Lisboa

Prof. Vitor Hugo de Lemos

Com a morte do prof. dr. Vítor Hugo de Lemos, ocorrida ás primeiras horas da manhã, há a deplorar a perda de um cientista, que, com projecção além fronteiras, marcou posição de relevo no ensino, como mestre pedagogo e investigador no campo das grandes especulações matemáticas, e na vida publica, onde exerceu elevados cargos que culminaram no desempenho das funções ministeriais, afirmando uma vigorosa personalidade, a mais ampla compreensão e um nobre sentido de independência.

Foi, porém, e acima de tudo, o cientista de sólida formação, estruturada numa profunda cultura especializada, que lhe deu justa reputação e largo prestígio, ao longo de

(Continua na 14.ª página)

O grupo de Santa Marta de Portuzelo, que se deslocou a Londres para tomar parte no Festival do Ano Novo, organizado pela Sociedade de Danças e Canções Populares, despertou particular interesse entre os que assistiram á sua exibição no Albert Hall. Tem sido, aliás, muito acarinhado ali o conhecido grupo folclórico português, não só pela garridice dos seus trajos, como pela alegria saudável das suas figuras, entre as quais se conta a bela minhota Maria da Piedade, cujo sorriso foi fixado nesta imagem alegre por um fotógrafo britanico

Chuva de meteoros

ALBUQUERQUE, 10—Ontem, ao anoitecer, assistiu-se a uma chuva espectacular de meteoros no céu do Novo México, na direcção Nordeste-Sudoeste. — (F. P.).

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Ar e luz para todos

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

COMO a maioria dos animais superiores, o homem é um animal de sangue quente, de temperatura constante, homeotérmico. Os de sangue frio, com temperaturas variáveis, de acordo com o meio ambiente, são heterotérmicos.

Para que um ser, com temperatura constante, possa viver num ambiente com temperatura variável, tem de produzir a cada instante uma quantidade de calor igual á que é subtraída pelo meio ambiente. A manutenção deste equilíbrio faz-se á custa de um persistente e contínuo trabalho vital. Se a quantidade de

(Continua na 13.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

PROPAGANDA REALÍSTICA

UM cão apareceu na Granja, aldeiazita da freguesia de Mões. Era um cão de olhos tristes que se chegava ás pessoas e, de repente, lhes fincava o dente. «Está raivoso este cão!» gritaram uns. «Coitadinho, deixem-no que está doente e tem fome!» disseram outros, afagando-o. Mas, pelo sim, pelo não, quando a Margarida (filha de Joaquim Rodrigues) foi dentada pelo bicho, correu ao médico (Castro Daire). Foi este que aconselhou a observação do animal. Levaram-no ao veterinário, este, suspeitoso, cortou-lhe a cabeça, mandou-a para Lisboa e a observação confirmou as suas suspeitas. Morreu o cão mas salvaram-se as pessoas. E isto porque uma propaganda sistemática, posta ao serviço de uma assistência eficiente e rápida pôde funcionar na hora própria e devida. Como em regra se fazem referências e críticas ao que é mau ou funciona mal, sempre é grato verificar que algo de bom e constante no dia-á-dia vai ocorrendo a tempo, horas e onde deve. A luta contra a raiva e a sua profilaxia está no caso.

FEIXE DE IMAGENS

O prof. Vitorino Nemésio que nas horas livres do seu exercício universitário, maneja a pena de escritor com grande fulgor, pediu a exoneração de director da Faculdade de Letras. Deram-lha e vai transitar para a comissão executiva das Comemorações Henriquinas, onde a sua colaboração terá o prestígio do seu nome e da sua obra. A' frente da Faculdade, como manda o regulamento, ficará por agora o prof. Manuel Heleno, por ser o mais antigo do «areópago».

*** Goa, a dos miríades de recordações e fulgores históricos, esteve em festa. Foi para fazer ao governador-geral da India, entrega do bastão de S. Francisco Xavier. Acto simbólico, espiritual e muito português, a ele se associou o patriarca das Indias que celebrou missa e fez uma alocução.**

*** Foi na freguesia de Pontével (Cartaxo). Tinham todos abancado, jogando e beberricando na taberna. O jogo porém não corria sereno, os animos acenderam-se e ambos vieram para a rua. Eram parentes e trabalhadores rurais, o Américo Carlos Rodrigues e o Manuel António Rodrigues. Foi aquele que co ma faca prostrou o amigo e parente, matando-o.**

*** O salmão, peça rara das mesas principescas (pelo menos entre nós, que é espécie rara) está a cumprir a sua função organica que não pode perturbar-se. As águas do rio Minho (ali se pesca, especialmente) foram por ele abandonadas e correu para o mar, onde passou parte do Inverno. Depois voltou a subir o rio para a desova. Daí tornar-se defeso e duramente punido, o acto de o pescar por agora. Até ao dia 31, deixá-lo na sua função de desovar, deixando nas águas calmas a semente da sua espécie.**

*** Um homem (Ovídio Paiva, Santo Estêvão, Sabugal) ao apear-se da furgoneta, caiu e levantou-se: «isto não é nada». Quiseram levá-lo a casa mas o homem insistiu: «isto não é nada». Mesmo assim, o condutor (Luís Rodrigues) propôs-lhe voltar atrás daí a horas, para o conduzir a casa. Quando voltou, porém, não o encontrou. E só dois dias depois a família o descobriu, perdido no mato e o rosto irreconhecível, todo roído pelos cães.**

JORNAL FEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o ministro de Portugal em Djakarta; o governador-geral de Moçambique; e o prof. Pires Cardoso, ministro cessante do Interior. * Com o Presidente do Conselho trabalharam os ministros da Presidência e das Finanças. * Por despacho do respectivo presidente, na Assembleia Nacional continuam interrompidos os seus trabalhos, a partir de depois de amanhã e até 11 de Fevereiro. * Num grande e rápido incêndio, em Abrã, perdeu-se a casa de José Ferreira. * Pela pasta da Justiça, vai ser publicado o decreto que procede á revisão dos vencimentos do pessoal das secretarias judiciais, resolvendo, ao mesmo tempo, certas questões conexas com o problema dos aumentos. * No distrito de Setubal, foi considerada extinta a febre aftosa. * Foi homenageado o dr. Carlos Figueiredo Xavier de Sá, há seis anos presidente do Município de Satão. * Foi mortalmente colhido por um «eléctrico» o lavador de automóveis Manuel Duarte Franco (Rua da Páscoa, 29). * Caiu de uma oliveira e morreu o lavrador Manuel Pereira (S. Martinho de Gandara, Ponte de Lima). * Colhido por uma automotora, morreu perto da Trofa o lavrador António Tinoco de Sá. Sua mulher e filha ficaram em perigo de vida.

Multa de dois mil contos

por contrabando de «whisky»

A Guarda Fiscal tem ultimamente desenvolvido grande actividade para reprimir o contrabando de bebidas, em face das reclamações constantes do comércio da especialidade. No dia 8 deste mês, cerca das 18 horas, numa garagem de um prédio de Lisboa foram apreendidas 158 caixas de «whisky», com 12 garrafas cada uma; e cinco caixas de «Brandy», com 12 garrafas cada uma. Toda a mercadoria foi transportada para a Alfandega e está sendo instaurado o respectivo processo contra o seu detentor.

A multa aplicada foi de dois mil contos, a mais elevada destes ultimos tempos.

857 quilos de níquel apreendidos

ZEBREIRA, 10 *(Pelo telefone)*— Deu entrada na cadeia da comarca José Pinto Miranda Junior, agente comercial, residente no Porto, que assumiu a responsabilidade de 857 quilos de níquel que lhe foram apreendidos no forro falso do automóvel que conduzia, caso a que nos referimos ontem. O automóvel — que ficou apreendido — pertence á sr.ª D. Ermelinda Martins Gaspar, residente na Rua Costa Cabral, 1922, no Porto.

Os passageiros do carro, sr. Joaquim Falcão e uma senhora de nacionalidade francesa que o acompanhavam, foram absolvidos, por se reconhecer que eram alheios ao caso, pois apenas aceitaram o convite que lhes foi feito para um passeio a Espanha. Como os dois iam para Paris onde o primeiro tem negócios, dispuseram-se a fazer parte da viagem no referido carro.

A apreensão foi levada a efeito pelo 1.º cabo Gabriel Santos Rafael e pelo soldado Joaquim Diogo Moreira.

Ao motorista foi aplicada a multa de 10.200 escudos sendo ainda condenado ao pagamento de 500 escudos de imposto de justiça e dos selos do processo. Como não pagou, ficou detido.

«Ou sim, ou não»

Nome.....

.....

Morada .....

Telef. .....

IMPORTANTE: — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha ponteada, que não venham escritos em letra bem legível, ou se apresentem colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

Até ao próximo dia 11, continuamos a publicar o boletim de inscrição para o concurso «Ou sim, ou não», promovido pela R. T. P.

Assim, os nossos leitores e os telespectadores portugueses podem concorrer a «Ou sim, ou não», bastando para isso que enviem á R. T. P., devidamente preenchido, o boletim que publicamos junto. Os concorrentes deverão, ainda, observar as seguintes regras: os boletins devem ser recortados a direito, pela linha limite que os contorna; indicarem o nome e a morada dos concorrentes de forma bem legível e de modo a não suscitarem qualquer duvida acerca da identificação dos mesmos concorrentes; e não se apresentarem marcados ou colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

A não observancia de qualquer destas normas determinará a anulação dos respectivos boletins, que devem ser encerrados em sobrescritos e dirigidos a: Concurso «Ou sim, ou não», R. T. P. — Radiotelevisão Portuguesa, S. A. R. L. — Rua de S. Domingos á Lapa, 26, Lisboa-3.

Cada sobrescrito pode incluir vários boletins, até mesmo boletins de vários concorrentes.

As bodas de prata

do fabrico de produtos Nestlé em Portugal

Comemorando o 25.º aniversário do início do fabrico de produtos Nestlé em Portugal, a Sociedade de Produtos Lácteos editou uma interessante e luxuosa brochura, em homenagem ao corpo médico português, com o título de «25 anos ao serviço da criança», e profusamente ilustrada.

Nela se explica como e porque nasceu aquela sociedade e se publicam trabalhos sobre: fomento leiteiro; primeiros exames; tratamento técnico (pasteurização): homogeneização; fabricação do leite condensado açucarado e dos leites em pó; secagem do leite; reconstituição do leite, com os leites em pó Nestlé; a verificação laboratorial; laboratório de verificação; o laboratório de investigação; e fábrica de ensaios (fábrica-piloto).

Vida social

JANTAR NA EMBAIXADA INGLESA

Oferecido pelo embaixador da Inglaterra, sir Charles Norman Stirling, vice-decano do corpo diplomático, e sua esposa, realiza-se hoje, na sua residência particular, um jantar íntimo em honra do cardeal Fernando Cento.

Estarão presentes, dezasseis convivas. Além daqueles membros do corpo diplomático e do Sacro Colégio, sentar-se-ão os srs. dr. Caldeira Queirós, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros; prof. Paulo Cunha, eng. Branco Cabral, dr. Carneiro de Freitas, chefe do Protocolo do Estado, prof. Mário Figueiredo, conde Moser, arcebispo de Mitilene, Fernand Edmond, conselheiro da Embaixada da Bélgica e esposa, etc.

DR. AMADEU LOBO DA COSTA

O dr. Amadeu Lobo da Costa, que dirige em Portugal o serviço de higiene rural e de defêsa anti-sezonática, foi convidado pela Organização Mundial de Saude para membro do seu quadro de peritos do paludismo.

Obrigações do Tesouro

Foi hoje publicada a relação das obrigações do Tesouro, 3 1/2 por cento, 1938, 1.ª á 5.ª série, sorteadas para amortização no próximo dia 15.

COGNAC MARTELL

Appartement no Estoril

Independente. Cinco divisões, podendo ter também instalações independentes para pessoal. Muito bem mobilado. A 100 metros da praia, estação e Casino. Aluga-se por qualquer período. Trata Av. Biarritz, 12-B r/c. Esq. ESTORIL ou Recepção Hotel Palácio do Estoril, Tel. 060400 ou pelo Tel. 060715.

A REPRESENTAÇÃO

dos motoristas-instrutores

Comunica-nos a direcção do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa que, entendendo o ministro das Corporações e Previdência Social, conforme seu despacho recente, que os motoristas-instrutores devem ser representados pelos Sindicatos dos Motoristas, aqueles formaram uma comissão que, em algumas reuniões em conjunto com a referida direcção, expôs quais os seus principais problemas, a fim de oportunamente estes serem tratados na reunião anual do Conselho-Geral da Federação dos referidos Sindicatos, que se efectuará nos dias 27, 28, 29 e 30 do corrente, na sede daquele organismo, na Avenida Visconde Valmor, n.º 34, 1.º, em Lisboa.

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA

no TERRAÇO DAS ESTRELAS

O «BALLET» CUBANO

de Manolo Peralta

com coreografia de ALFREDO ALÁRIA

UM FRISO DE ESCULTURAIS BAILARINAS NA INTERPRETAÇÃO DE ALUCINANTES RITMOS TROPICAIS

AMANHÃ: «Matinée» dançante com todas as atracções

Chá completo 25$00

(ADULTOS — MAIORES 17 ANOS)

Veja a Televisão

Mas defenda os seus olhos.
Com os óculos próprios de protecção.

Exclusivo de:

GIL — OCULISTA

138, Rua da Prata, 140

LISBOA — Telefones: 25881-22829

A Sonap

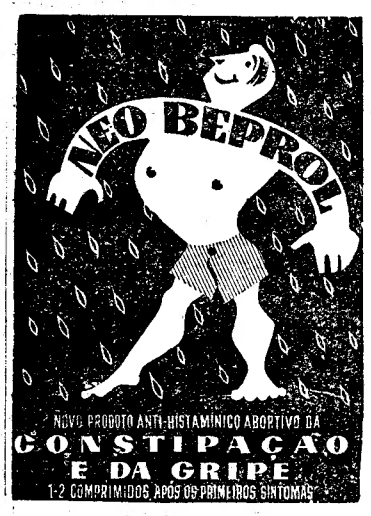
comemorou hoje

o seu 25.º aniversário

A Sonap, Sociedade Nacional de Petróleos, S. A. R. L., completa hoje 25 anos de actividade. Para comemorar o facto condignamente, a importante empresa industrial organizou um largo programa de visitas e reuniões.

Cerca das 13 e 30, um barco especial, conduziu um numeroso grupo de entidades convidadas, incluindo representantes dos orgãos informadores, da estação fluvial de Sul e Sueste para o Porto Brandão, onde foram visitadas as instalações que a Sonap mantém ali em funcionamento. Em seguida, foi proporcionado aos convidados um passeio no Tejo, que concluiu com a visita ás instalações de Cabo Ruivo-Matinha.

A's 20 horas, realiza-se, no pavilhão da Feira das Industrias Portuguesas, um banquete de confraternização, no qual tomarão parte administradores, funcionários superiores e pessoal da importante organização.



I Salão de Arte Moderna

da Academia Dominguez Alvarez

Está a despertar o mais vivo interesse o 1.º Salão de Arte Moderna da Academia Dominguez Alvarez, a abrir no dia 21, no Porto. São expositores os artistas D'Assumpção, José Escada, José Julio, Gonçalo Duarte, António Areal, Luís Jardim, Francisco Relógio, Benjamim Marques, Lagoa Henriques e Manuel Cargaleiro.

Os quatro primeiros com pinturas, os quatro seguintes com desenhos e os dois ultimos, um com esculturas e o outro com ceramicas.

Na inauguração do certame o nosso camarada de redacção e crítico de arte Artur Portela (Filho) pronunciará algumas palavras sobre o significado do salão.

A exposição de Manuel Cargaleiro

Inaugurou-se esta tarde, na galeria do «Diário de Notícias» a exposição de ceramicas de Manuel Cargaleiro, artista que se tem dedicado a esta matéria tornando-se um dos primeiros ceramistas portugueses. No acto inaugural encontravam-se presentes o arquitecto Julio Gil, pelo «Diário de Notícias» e numerosos artistas, jornalistas e críticos. O «Diário de Lisboa», publicará, oportunamente, a nota crítica sobre o certame.

Mordido mortalmente

por uma cobra

BEIRA, 10 — Quando Arlindo Lopes Isidoro, de 20 anos, natural do Cadaval, seguia na sua bicicleta, no Muda, foi mordido por uma cobra. Obrigado a seguir a pé, por causa de uma forte dor num tornozelo, dirigiu-se a uma propriedade, mas, ao chegar ali, caiu inanimado. Transportado a Vila Machado, foram-lhe prestados os primeiros socorros sendo depois conduzido para esta cidade, mas veio a falecer no caminho. — (L.).

Pequenas notícias

PELA POLICIA

SEMELHANÇA DE NOMES — O sr. Eduardo de Oliveira e Silva, residente na Rua das Madres, 59, pede-nos que esclareçamos nada ter de comum com o Eduardo de Oliveira da Silva, que conforme anteontem noticiámos, nesta secção, furtou de uma firma comercial da Rua Nova do Almada várias máquinas fotográficas.

PELOS HOSPITAIS

MORTE DE UM JORNALEIRO VITIMA DE QUEDA — No Hospital de São José, para onde entrara há dias, por ter sido vítima de grave queda, faleceu o jornaleiro sr. José Luís da Costa Bastos, de 58 anos, que residia no Montijo.

FALECEU UMA CRIANÇA—Apenas com a idade de um ano, morreu hoje Manuel Fernando Martins Cardoso, que estava internado no Hospital de Santa Marta por na sua casa, também no Montijo, ter ficado gravemente queimado com água fervente.

QUEDA DE UM PEDREIRO — Por ter abatido o andaime de um prédio em construção, na Venda Nova, caiu da altura de um segundo andar o pedreiro sr. Pedro Ivo Peixoto, de 32 anos, morador na Amadora, que recolheu ao Hospital de São José com fractura exposta de uma perna.

ATROPELADO POR UM AUTOMOVEL — Em Sacavém, foi colhido por um automóvel o sr. Guilherme Teixeira, de 48 anos, jornaleiro, residente em Moscavide, que ficou muito ferido na cabeça e deu, também, entrada naquele hospital. estirpe celular humana».

INCENDIO NUMA FABRICA

Perto das 10 e 30 de hoje, declarou-se incêndio numa fábrica de branqueamento de óleos para sabões, da Avenida Infante Santo, 17, pertencente ao sr. Afonso Rosa Cordeiro Dinis Sampaio. O fogo — que foi provocado pela rotura de uma caldeira com óleo de palma — foi extinto, com uma agulheta de espuma, por pessoal da 1.ª Companhia do Batalhão de Sapadores Bombeiros, sob a direcção do chefe-ajudante José Nascimento.

FOGO NUM AUTOMÓVEL

Hoje, cerca das 10 e 45, na Calçada de Santo André, devido a um curto-circuito, manifestou-se fogo no automóvel pertencente ao sr. António Abreu Fumaça. Compareceu pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros que, com um extintor de ácido carbónico extinguiu o incêndio. Arderam os cabos condutores.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, haverá bailes: na Casa do Concelho de Gouveia, na Avenida da Liberdade, 42-3.º dt.º, com a Orquestra Oásis; na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225, com o conjunto «Diabólicos»; na Associação de Beneficência Luís Braille, na Rua de São José, 86-1.º; e no Grupo Excursionista «Os Económicos», na Rua da Beneficência, 115, com o conjunto musical «Os Bambinos».

Para amanhã estão marcadas festas: á tarde: na Casa do Algarve, na Rua Capelo; na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a Orquestra Boémia; no salão nobre da Promotora, no Largo das Fontainhas, 19, promovida pelo Nucleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Ferreira Borges, com a Orquestra Oásis; na Academia 1.º de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142, com o conjunto «Trocistas»; e na Casa da Madeira, na Rua do Século, com o conjunto «Vera Cruz» e os irmãos Souto; e á noite: na Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3-1.º; na Associação de Beneficência Luís Braille; e na Academia 1.º de Setembro de 1867, com o conjunto «Trocistas».

CONFERÊNCIAS

Na sessão da Sociedade de Ciências Médicas, depois de amanhã, ás 18 horas, na sala de colóquios do Instituto Botanico da Faculdade de Ciências de Lisboa, o dr. Vasco Fernandes (bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Gulbenkian) fará uma comunicação sobre «Aspectos dinamicos de uma

GRUPOS ONOMASTICOS

O Grupo Onomástico «Os Albertos» leva a efeito amanhã, pelas 11 horas, na sua sede, no Largo Marquês do Lavradio, 2-A 1.º andar, mais uma distribuição de donativos aos seus sócios beneficiários.

JANTAR DE HOMENAGEM

Os sócios da Associação dos Pupilos do Exército reunem-se no próximo dia 13, pelas 20 e 30, num jantar de despedida e homenagem ao dr. César Pacheco, antigo director da Associação, que parte brevemente para Moçambique onde vai fixar residência, por obrigações de ordem profissional. As inscrições podem ser feitas para a Associação, pelo telefone n.º 29339.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Hoje, ás 21 horas, ou ás 22 em segunda convocação, efectua-se na sede da Academia 1.º de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142, a assembleia geral ordinária, para apreciação do relatório e contas da gerência de 1958 e do parecer do conselho fiscal e eleição de novos corpos gerentes para 1959.

O PORTO pelo telefone

Encerramento de um hotel

PORTO, 10 — Encerrou as suas portas, em Matosinhos, um magnífico estabelecimento hoteleiro, unico ali existente, o hotel Porto-Mar, pertencente ao industrial sr. Edmundo Ferreira. E' lamentável que tal facto se verifique e para ele se chama a atenção do S.N.I., que porventura poderia ainda evitar aquela perda para o turismo de tão progressivo centro.

Atropelamento mortal

Na Avenida da Boavista, uma furgoneta conduzida por Albano Barros Durão, morador na Rua 9 de Julho, atropelou uma mulher modestamente vestida, cuja identidade se desconhece e que sofreu graves ferimentos. A vítima faleceu pouco depois de chegar ao Hospital de Santo António.

Clube Fenianos Portuenses

Efectua-se hoje, á noite, o acto de posse dos novos corpos administrativos do Clube Fenianos Portuenses eleitos para o biénio de 1959-60.

Doença súbita e mortal

Numa barbearia da Rua Costa Cabral foi acometido de doença subita o funcionário publico aposentado, sr. Vito Soares Pereira, de 55 anos, divorciado, que, conduzido ao Hospital de Santo António, faleceu pouco depois de ali ter dado entrada.

A inauguração na Baixa

de um «Snack-Bar»

A Cafetal — Sociedade de Cafetarias, Ld.ª — inaugurou ontem, na Praça D. João da Camara, 20-21, um moderno «Snack-Bar».

Tractor BREDA

tipo Dô, novo, 90 CV., vende-se em boas condições. CIM—Cacém Industrial Metalúrgico, Lda. — Tel 094116 — Cacém.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE ÓPERA DE 1959

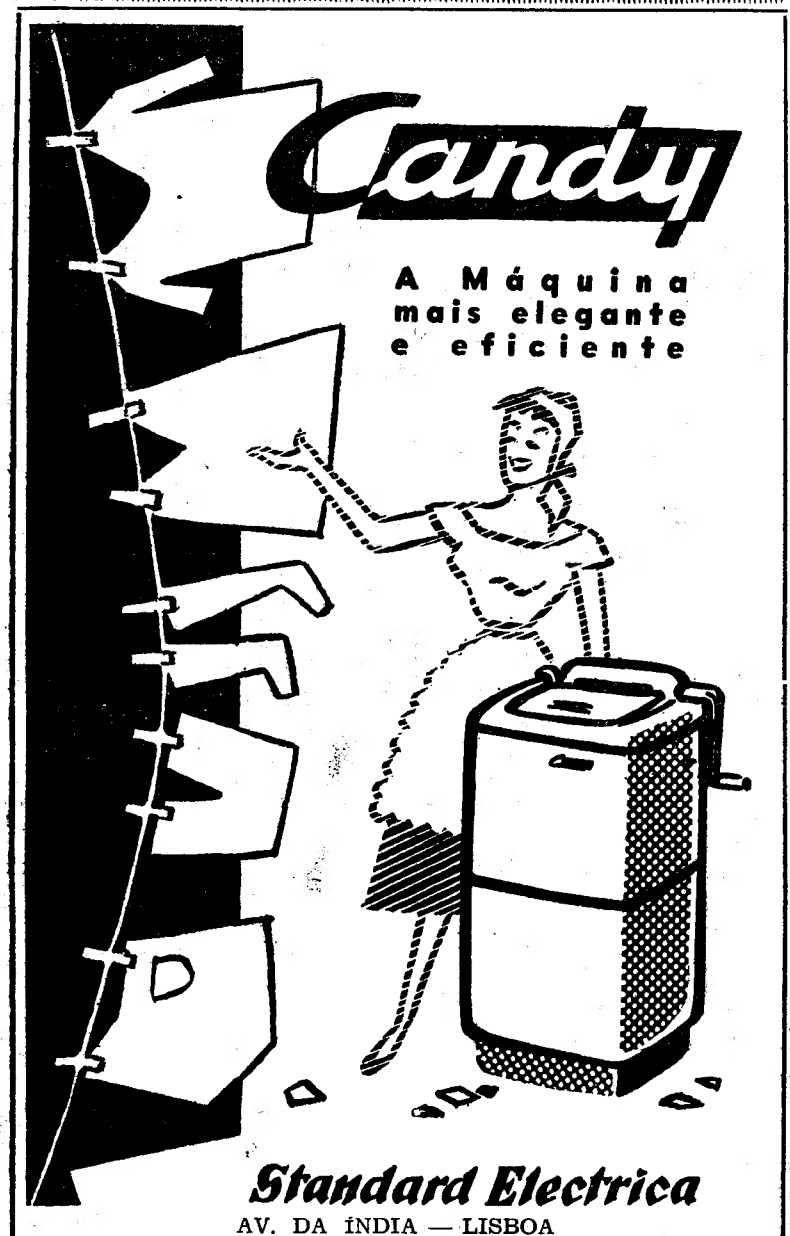
INAUGURAÇÃO A 16 JANEIRO

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA

(das 13 às 19 horas — Telef. 368664)

Hoje: ultimo dia para os novos assinantes. Amanhã estará encerrada a bilheteira. A partir do dia 12: venda avulso para todos os espectadores.

AVISO: Encontram-se esgotados os seguintes lugares: *Noite* — Frizas, Camarotes de 1.ª, 2.ª e 3.ª e Cadeira. *Tarde* — Cadeiras, Camarotes de 2.ª e 3.ª, Balcão de 3.ª e 4.ª, Torrinhas e Varandas.



Standard Electrica

AV. DA ÍNDIA — LISBOA

EXPOSIÇÃO E VENDAS — RUA AUGUSTA, 19

Distribuidor no Norte do País:

EMPRESA DE EMPREITADAS DE ELECTRICIDADE, LDA.

RUA DO BOLHÃO, 61 — PORTO

AGENTES OFICIAIS EM TODO O PAIS

Mário Gonzaga Ribeiro e João Barros

Comunicam que como unicos proprietários do AMERICAN STAND, em Faro, foram nomeados agentes no Algarve das firmas :

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS, LDA.:

RENAULT — DE SOTO — FARGO

MOCAR LDA.:

PEUGEOT — ALFA ROMEO

SIMMA LDA.:

— VOLVO —

Inaugurando em breve uma estação de serviço privativa para assistência a estas marcas.

HOJE Noite sem rival

Em delírio!... Folia!... Entusiasmo!... Com o 1.º grande

Baile de Máscaras

E OS ÊXITOS DE SURPREENDENTE SENSAÇÃO:

LES VILLALTAS | BALLET ERASTO
MALVARROSA | HERMANAS ROMERO

E TODO O ELENCO DO «RITZ» COM VILAÇA E SUA ORQUESTRA

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS—M. 17 ANOS)

MUITO BREVE: A SUPER-ATRACÇÃO

TRIO GUALTERI

com a formidável contorcionista TIZIANA

NO SALÃO TIPICO: NOTÁVEL SERVIÇO DE CEIAS com FADOS E GUITARRADAS

TRINDADE

HOJE, às 21,45 (12 anos)

UM HOMEM SÓ

ENORME ÊXITO dum grande espectáculo de Teatro Moderno Português

ÁMANHÃ 1.ª MATINÉE ÀS 16 HORAS

abc Telef. 386783

Emp. Teatral A. B. C., Lda.

HOJE 2 SESSÕES ás 20.30 e 22.45 Um êxito de GARGALHADA

2.º MÊS CASAS À CUNHA

VINHO NOVO

ADULTOS Maiores de 17 anos

* AMANHÃ espectáculo às 16 h.

Leónia Mendes

HOJE, às 21,30 h.

ESTREIA NO IMPERIO

TODA A GENTE VAI FALAR

DA HISTÓRIA MALICIOSA DUM JORNALISTA ESPERTALHÃO QUE JULGAVA SABER TUDO E DA PROFESSORA INGÉNUA QUE LHE ENSINOU O RESTO!

A PARAMOUNT APRESENTA

CLARK GABLE · DORIS DAY

NA PRODUÇÃO DE PERLBERG-SEATON

AMOR DE JORNALISTA

(TEACHER'S PET)

COM

GIG YOUNG · MAMIE VAN DOREN

VISTAVISION

Produção de WILLIAM PERLBERG · Realização de GEORGE SEATON

Argumento FAY e MICHAEL KANIN · É um filme Paramount

MAIORES DE 12 ANOS

Teatro Nacional de Dona Maria II

Todas as noites ás 21 e 45

Aos sábados, ás 16 horas tardes populares, a preços reduzidos

(12 ANOS)

O PROCESSO DE JESUS

TODA A COMPANHIA

O TEATRO ESTA AQUECIDO

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro

STO. AMARO DE OEIRAS

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

NO VARIEDADES

EM 2 SESSÕES ÀS 20.30 E 22.45

EMPRESA TEATRAL AVENIDA, LDA — Telef. 26037

A revista de maior êxito dos ultimos anos!!!

COM JEITO, VAI!

A REVISTA QUE MARCA O NOVO GRANDE TRIUNFO DE

BEATRIZ COSTA A VEDETA QUERIDA DA POPULARIDADE E DA ALEGRIA

Espec. p.ª adultos M/ de 17 anos

AMANHÃ—ÀS 16 H. ESPECTÁCULO À TARDE!

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Estão a participar dos ensaios da comédia «Vai nascer um menino», no Teatro Monumental, os seguintes artistas: Milu, Irene Isidro, Maria Paula, Alina Vaz, Maria Albergaria, Alvaro Benamor, Virgílio Macieira e João Perry.

—A actriz Leónia Mendes vai interpretar uma das figuras do novo filme português «O passarinho da Ribeira».

—Só em meados da semana próxima, devem começar, no Teatro Avenida, os ensaios da peça «Seis personagens á procura dum autor».

—Faz hoje anos a actriz Josefina Silva, do elenco do T. N. P.

—Os artistas Maria Schulze e António Sarmento, que orientam o grupo de Teatro dos C. T. T., vão apresentar no próximo dia 16 no Teatro D. Maria II, o «Auto da Mofina Mendes», de Gil Vicente, com cenários executados por Reinaldo Martins, sob modelos de Melo Frazão.

—Encontra-se a trabalhar em Caracas o artista português Gutto, que, em Agosto, no naufrágio do vapor que conduzia o material do Dumber Circus, perdeu toda a sua aparelhagem.

—A actriz Elvira Velez, interpretará no filme «O primo Basílio», a figura de «Estanqueira».

—E' da escritora Natércia Freire, a tradução da peça de Arthur Miller, «A vista da ponte».

—Notícias de Lourenço Marques, dão conta da digressão que a actriz Laura Alves, á frente da companhia do Teatro Monumental, pretende, no corrente ano, fazer pelo nosso Ultramar.

—O artista Bel-Guerra, que se encontra em Lourenço Marques, vai brevemente, apresentar-se como actor-cómico.

—Depois da digressão que anda a fazer por Moçambique, a artista brasileira Carmélia Alves, seguirá para o Brasil, com o seu conjunto artístico, de que fazem parte os artistas portugueses Vítor Lima e Eduardo Jaime.

—Está a actuar no Casino Estoril, o ilusionista português Conde de Aguilar.

—A actriz Cecília Guimarães é uma das intérpretes do novo filme português «O primo Basílio».

—Devido a terem de cumprir contratos já assinados, não puderam aceitar um convite para trabalhar em Tanger a ilusionista fantasista Marília e a sua «partenaire» Maria da Graça.

No Avenida

estreia-se hoje a peça «O Fim do Caminho»

Redondo Junior

Estreia-se hoje em Portugal, no Teatro Avenida, ás 21 e 45, a consagrada peça de Allan L. Martin «O fim do caminho», já aplaudida em quase todos os grandes palcos do Mundo e popularizada em três versões cinematográficas.

A Companhia do Teatro de Sempre, subsidiada pelo Fundo de Teatro e dirigida por Gino Saviotti, tomou a feliz iniciativa de incluir no seu reportório a obra-prima de Allan Martin, um dos grandes precursores do teatro moderno, traduzida por Redondo Junior, contando, para isso, com um grupo de artis-

(Continua na 7.ª página)

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889 Adult. M. 17 anos

Hoje (até de madrugada) cantam Maria Augusta — Armando Dias — Isaura A. de Carvalho — Baptista Martins (o cantor mais pequeno) — Maria Vicente e o campeão da alegria Manuel Bogalho. Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.

AMANHÃ — Grandiosa «Matinée»

Finalmente açorda de sável no RIBATEJANO — Salvaterra de Magos.

Maria Vitória

Emp. E. Salvador e R. Martins, Ld.ª
Às 20.30 e 22.45
(ADULTOS — M/17 ANOS)
AMANHÃ
ESPECTÁCULO
À TARDE
ÀS 16 HORAS

Humberto Madeira, Lucinda Amaral, Carlos Alberto, Barroso Lopes, Salvador e António Silva no quadro dos «SALOIOS»

A MELHOR REVISTA de SALVADOR

com BIBI ANTÓNIO
Barroso
Madeira
MIMI
e a atracção
PERLA CRISTAL

POR CAUSA DELAS...

HOJE
ÀS 21,45
EM
ESTREIA

NO TEATRO
AVENIDA

A EMP. LAURA ALVES
em colaboração com GIUSEPPE BASTOS. T. 27273

APRESENTA A MODELAR
Companhia do Teatro de Sempre
SUBSIDIADA PELO FUNDO DE TEATRO
E SOB A DIRECÇÃO ARTISTICA DE
GINO SAVIOTTI

NA COMÉDIA ROMANTICA EM 1 PRÓLOGO E 3 ACTOS ORIGINAL DE ALLAN L. MARTIN, TRADUÇÃO DE REDONDO JUNIOR

O FIM DO CAMINHO

ACÇÃO:
1.º ACTO, EM 1914; 2.º ACTO, EM 1874; 3.º ACTO, EM 1918

INTERPRETADA POR (ordem de entrada em cena):

Sarah Wayne—**Constança Navarro**
Mary Clare—**Fernanda Alves**
John Carteret—**Rogério Paulo**
Dr. Owen Harding—**Henrique Santos**
Ellen—**Adelina Campos**
Kathleen Dungannow | **Carmen**
Moonyen Clare | **Dolores**
Willie Ainley—**Alexandre Vieira**
Keneth Wayne | **Mário**
Jeremiah Wayne | **Pereira**
Oliver—**Alberto de Oliveira**
Alicia—**Carmen de Almeida**
Edward—**Armando Caldas**
Anne—**Ausenda Miranda**

FUNDO MUSICAL, BASEADO NA CANÇÃO «SHILING THROUGH», NUM ARRANJO DE MANUEL LIMA

DIRECÇÃO DE CENA DE HENRIQUE SANTOS

MAQUETAS DE FERNANDO RAMALHO

FIGURINOS DE GRAZ

CENÁRIOS DE CUNHA E SILVA

GUARDA-ROUPA NOVO DOS «ATELIERS PAIVA»

Espectáculo para adultos, maiores de **12 ANOS**

Amanhã **às 16 horas** 1.º espectáculo à tarde

HOJE ÀS 21.45 H.

AMANHÃ ESP. À TARDE ÀS 16 H.

TEATRO
MONUMENTAL

ESP.
VASCO
MORGADO

HOJE (ESTREIA)
e amanhã à tarde às 18,30 h.

3.º BALCÃO FRENTE 5$00 — 2.º BALCÃO
PLATEIA a 15$00

Pasapoga

A "BOITE" DA MODA E DOS MAIORES EXITOS
Sábados e Domingos
Matinées-dançantes das 18 ás 20 horas, com todo o elenco

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

HOJE-E TODAS AS 5.AS FEIRAS E SABADOS:
BAILE DE MASCARAS
COMO EXTRAORDIÁRIO «BALLET-ESPECTACULO»
NOCHES DE ESPANA y MAYTECHU com SUS «CLAVELES ESPAÑOLES»
APRESENTAÇÃO DO NOTÁVEL CANTOR **ANTONIO ALVARINHO**
Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

ESTREIA DE HOJE: **AMOR DE JORNALISTAS** IMPÉRIO

SÃO LUIZ TEL. 27173
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Como vivem, como sentem e como amam as raparigas de hoje
FURIA DE AMAR
com Natalia Wood e Gene Kelly

EDEN TEL. 20768
Emp. Lopo Lauer
15.30 - 18.30 e 21.30
CREPUSCULO NO OCEANO
Um romance excepcional em Eastmancolor
com Rock Hudson e Cyd Charisse
Um drama de amor forte e violento
Maiores 17 anos

CONDES TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
O emocionante filme de aventuras em Dyamscope e Eastmancolor
O CAVALEIRO DA TORRE
Jean Marais — Eleonora Rossi Drago e Cathia Caro

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Uma alegre e deliciosa comédia com Walter Chiari e Isabelle Coray
BONS DIAS AMOR
Cinemascope — Eastmancolor

S. LUIZ TEL. 48560
Às 21 (M/17 anos)
Cinemascope
O BAILE DOS MALDITOS
Complementos seleccionados

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (M/17 anos)
SEGREDOS DE ALCOVA
Um roubo no hipódromo

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
PERRI
O homem no espaço

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)
EM 3.ª SEMANA
O famoso romance de Sagan Françoise
UM CERTO SORRISO
Em Cinemascope e Cor de Luxe, com Rossano Brazzi, Joan Fontaine e Christine Carere
Amanhã ás 11 h. — Ses. clás. «A dama das camélias» — (M/17 anos).

POLITEAMA TEL. 26305
15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA do vibrante filme de coragem, aventura e amor, com o famoso ALAN LADD
MISSÃO NO ALTO MAR
com Dianna Foster e William Bendix
Warnercolor (Maiores 12 anos)

ALVALADE Telefone 763080
Às 15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
O melhor filme do ano sobre as reacções das raparigas de hoje
FURIA DE AMAR
com Natalie Wood e Gene Kelly

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um homem de pulso de ferro e... uma rapariga irresistível
O IRRESISTIVEL FORASTEIRO
com Glenn Ford e Shirley Morlaine
Cinemascope e Metrocolor

RESTELO Telefone 510375
21.15 (M/17 anos)
Cinemascope
BAILE DOS MALDITOS
c/ Marlon Brando

IMPERIO Tel. 85154-5
21.30 (M/12 anos)
ESTREIA
A fascinante comédia
AMOR DE JORNALISTA
com Clark Gable e Doris Day
A's 18.15 (p. r.) — Despedida de **ORGULHO E PAIXÃO**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30
(M/12 anos)
Uma divertidíssima comédia de tipico sabor parisiense
Noel-Noel, Misha Auer e Darry Cowl
A PÉ, A CAVALO E DE SPUTNIK
Maravilhosa viagem de spoutnik ao mundo do riso!

ROMA Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Uma viagem tormentosa nos mares do Sul
CREPUSCULO NO OCEANO
com Rock Hudson, Cyd Clarisse e Arthur Kennedy
Eastmancolor

AVIS Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um grande filme em Cinemascope
O SEGREDO DO CULPADO
com Tony Curtis, Marisa Pavani e Gilbert Roland

ROYAL TEL. 845037
Às 21 (M/17 anos)
AS NOITES DE CABIRIA
No prog.:
O salário do pecado

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/17 anos)
OS MISERÁVEIS
Os meus lábios queimam

O HOMEM DE PALHA

Uma pega 6$50
CAFÉ DE BALÃO
BAR-RIBATEJO
Praça do Areeiro, 11-D

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Jornada de muita cautela

para o Benfica, Belenenses e F. C. Porto

A luta entre os últimos está a entusiasmar

Se «o campeonato dos ultimos» está a interessar, imanhã «o campeonato dos primeiros» pode assumir uma expressão equivalente. Para isso, basta (é fácil dizê-lo...) que o Benfica, o Belenenses e o F. C. Porto saiam derrotados o que a verificar-se (a hipótese não é uma fantasia) permitiria aos Vimaranenses e aos «leões» uma aproximação perigosa, portanto, benéfica para o próprio torneio que em relação ao da época transacta tem cerca de 1.200 contos a menos na receita bruta. A perspectiva abrirá novos horizontes e novas arrelias para os protagonistas, para os prejudicados, claro...

A jornada de amanhã, a 16.ª, 3.ª da 2.ª volta, engloba os seguintes jogos:

Sporting-F. C. Porto
Académica-Benfica
Caldas-Belenenses
Vit. Guimarães-Barreirense
Sp. Covilhã-Torriense
Cuf-Sp. de Braga
Lusitano-V. Setubal

Infere-se que no Lumiar, Caldas e Coimbra se travam os embates mais emocionantes. O F. C. Porto terá que defrontar o adversário mais valoroso; o Belenenses joga com o «lanterna vermelha» e o Benfica vai medir forças com uma equipa que a todo o transe deseja safar-se da zona perigosa.

O Vitória de Guimarães, que contará com outro «onze» mais forte, recebe o Barreirense. Amplo favoritismo dos Minhotos.

O Torriense vai á Covilhã. Trata-se de um embate de previsão certíssima no que diz respeito a vibração, querer e energia. Vaticínio favorável aos locais.

No lote dos tranquilos, a Cuf e o Lusitano figuram com mais possibilidades do que os antagonistas, mas a ideia de empates não é de desprezar. Estes dois jogos são susceptíveis de favorecer ilustrações de bom futebol, coisa que este campeonato tem andado um tanto arredia.

* * *

SPORTING-F. C. PORTO — A «forma» de ambos os quadros, indefinida e versátil, pode no entanto surpreender pela inspiração do momento. Se os avançados «leoninos» acertarem num ritmo equilibrado e rematarem, o F. C. Porto oscilará. Na hipótese contrária, então será o Sporting a experimentar sérias dificuldades. A previsão de empate, ou de vitória tangenciai dos Lisboetas afiguram-se viáveis.

ACADÉMICA-BENFICA — O «guia» terá que actuar em franca toada ofensiva para travar o ímpeto dos estudantes, mas prevê-se que até ao fim dos 90 minutos os nervos estarão sempre em ebulição. A homogeneidade dos «encarnados» é um trunfo; o ardor dos coimbrãos é uma ameaça. Previsão? Dificilima. O Benfica no entanto parece capaz de regressar pelo menos com um ponto.

CALDAS-BELENENSES — Os «azuis» da capital em piso diferente do que lhes é habitual depararão com sérios obstáculos, dado que os Caldenses envidarão os seus esforços para se reabilitarem aos olhos dos próprios prosélitos. A potencialidade dos belenenses é capaz de afastar o «temporal», mas a ideia de empate não será audacioso formular.

Prováveis formações

SPORTING—Octávio de Sá; Caldeira ou Lino e Hilário; Mendes e Julius ou Valente; Hugo, Vasques ou Diego, Vadinho, Travaços e Morais. F. C. PORTO — Pinho; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Gastão, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

ACADÉMICA — Teixeira; Araujo e Bento; Gil, Marta e Torres; Chipenda, Jorge Humberto, Rocha, André e Bentes. BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Chino, Coluna, Aguas, Mendes e Cavém.

CALDAS — Rita; Amaro e Rogério; Anacleto, Saraiva e Orlando, João, Locksay, António Pedro, Mateus e Lenine. BELENENSES — José Pereira; Pires e Carlos Silva 1.º; Carlos Silva 2.º, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Martinho, Matateu e Tonho.

Vadinho, o brasileiro que reaparece amanhã na equipa leonina

V. GUIMARÃES — Sebastião; Daniel e Abel; Virgílio, Silveira e João da Costa; Bártolo, Romeu, Ernesto, Carlos Alberto e Rola. BARREIRENSE — Isidoro; Faneca e Abrantes; Pinto, Silvino e Arturo; Freire, Faia, José Augusto, Godoy e Moyano.

SP. COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lãzinha ou Martin, Lourenço e Cabrita; Pires, Martinho, Iol Caldas ou Suarez, Oscar Silva e Amilcar. TORRIENSE — Montero; António Costa e Mergulho; Helder, António Manuel e José da Costa; Mário, Saldanha, Azevedo, Vítor e Bezerra.

C. U. F. — Gama; José Luís e Abalroado; Oliveira, Carlos Alberto e Orlando; Rodrigues, Moreira, Arsénio, Gastão e Uria. SP. BRAGA — Cesário; Armando e José Maria Azevedo; Passos, José Maria Vieira e Trenque; Rafael, Teixeira, Amoedo, Mendonça e José Maria Matos.

LUSITANO — Vital; Vicente e Paixão; Marciano, Falé e Garcia; Fialho, Flora, Caraça, Batalha e José Pedro. VITÓRIA — Justino; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Mateus, Fernandes, Mendonça, Miguel e Inácio.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Os jogos de Matosinhos e Estoril

revestem-se de particular interesse

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua 19.ª jornada — sexta da 2.ª volta — sendo o programa da zona Norte o seguinte:

Leixões (28)-Boavista (25)—(2-2)
Gil Vicente (14)-Oliveirense (21)—(1-2)
Vianense (12)-Chaves (19)—(2-2)
Espinho (19)-Tirsense (18)—(1-2)
Vila Real (18-Peniche (19)—(0-4)
Sanjoanense (16)-Marinhense (18)—(1-3)
Salgueiros (20)-Portalegrense (5)—(2-0)

Na correspondente jornada da 1.ª volta predominaram os resultados nivelados, a reflectir equilibrio e possibilidades. Na «ronda» de amanhã o «panorama» não se apresenta muito diferente. Em Barcelos, Viana do Castelo, Vila Real e S. João da Madeira, as equipas loçais não deixarão, por certo, de aproveitar a circunstancia de serem visitadas para oferecerem uma mais decidida réplica aos seus adversários — todos com melhor cotação. O desafio de Espinho afina pelo mesmo diapasão no tocante ao ambiente. Só o Salgueiros-Portalegrense surge como partida de fácil vaticínio quanto ao vencedor: os Portuenses.

Finalmente, o jogo de Matosinhos a chamar sobre si as atenções gerais. E' o encontro do dia, com importancia extraordinária para ambas as equipas. Se os locais ganharem difícilmente deixarão de ser vencedores da zona; se perdem... a luta tornar-se-á indecisa.

* * *

O programa da zona Sul é o seguinte:

Atlético (30)-Oriental (19)—(1-0)
Estoril (21)-Montijo (22)—(2-5)
Coruchense (10)-Farense (21)—(1-0)
Serpa (12)-Arroios (11)—(1-7)
Juventude (16)-Sacavenense (11)—(0-0)
Portimonense (20)-Almada (21)—(1-4)
Olhanense (25)-Beja (11)—(1-2)

Revestem-se de maior importancia os jogos a disputar na área da A. F. L. O guia recebe o Oriental, sempre difícil. E' certo que o Atlético não corre perigo imediato de perder a sua posição; mas o entusiasmo dos visitantes, ainda esperançados em subirem na classificação tornará a luta difícil para ambos.

No Estoril joga-se para o terceiro lugar e isto define bem o interesse que um empate não está fora das previsões.

Outro encontro de interesse: o de Portimão. Adivinha-se luta equilibrada, como de resto sucederá em Coruche e Serpa.

Ficam, pois, como jogos de mais fácil vaticínio os de Évora e Olhão. E nesses, não pode deixar de ser, o favoritismo vai para os grupos visitados.

As competições da A. F. L.

E' um pouco mais limitada a actividade da A. F. L. na jornada de amanhã, visto que em duas das provas em curso, apenas, estão marcados encontros para acerto de calendário. Vejamos, portanto, entretanto, o programa:

Campeonato distrital da 1.ª Divisão—(18.ª e ultima jornada)—Casa Pia-S. L. Olivais, em «Pina Manique»; Futebol Benfica-Operário, em «Francisco Lázaro»; Alhandra-Desportivo Olivais, em Alhandra; Vitória-Alverca, na Picheleira—todos ás 13 h., em reservas, e 15 h. em honra. Sintrense-Vilafranquense, em Sintra., ás 13 e 30 reservas e 15 e 30, honra.

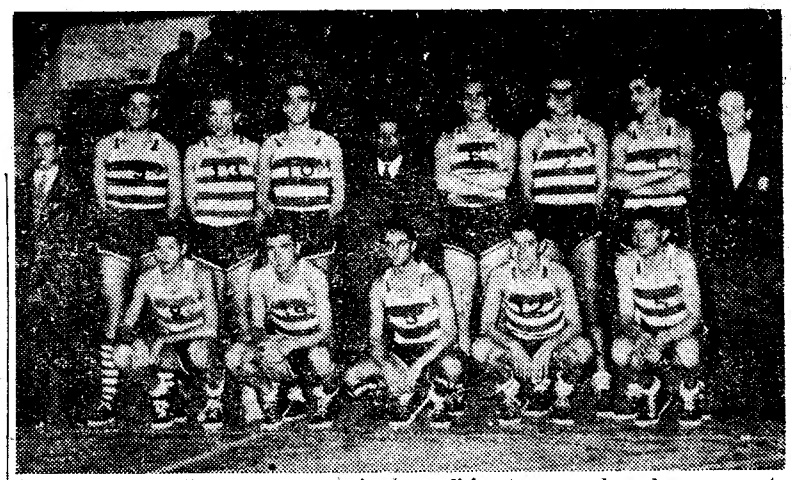
Campeonato distrital da 2.ª Divisão — Jogo em atraso: Desportivo do Castelo-Estrela da Amadora, em Moscavide, ás 15 horas. *Jogo antecipado da 10.ª jornada:* Ericeirense-U. Povoense, na Ericeira, ás 15 h.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A—Queluz-U. Algés, na Amadora; Lourel-Linda-a-Velha, no Lourel; Cascalheira-Alto da Eira, em Palma; 1.º de Dezembro-Carcavelos, em S. Pedro de Sintra; Belas-Cacem, em Belas — todos ás 15 e 30 horas. *Série B* — Castanheira-Caneças, na Castanheira; Camarate-Povoense A. C., em Camarate; Bucelenses-Malveira, em Bucelas; Vialonga-Tojal, em Vialonga; Pinheiro de Loures-Loures, em Pinheiro de Loures; Zambujalense-P. de Frielas, no Zambujal — todos ás 15 e 30 h.

Campeonato de juniores da 1.ª Divisão — 3.ª jornada da fase final — Série A — S. L. Olivais-Benfica, nos Olivais; U. Algés-Oriental, em Algés — ambos ás 10 e 30 h. *Série B* — Torriense-Sporting em Torres Vedras; Atlético-Belenenses, na Tapadinha — ambos ás 10 e 30 horas.

Campeonato de juniores da 2.ª Divisão — Jogos em atraso — Série A Carcavelos-Linda-a-Velha, em Carcavelos, ás 10 e 30 horas. *Série C* — Alverca-Desportivo dos Olivais, em Alverca, ás 10 e 30 horas.

Jogo-repetição — Série B — Casa Pia-Amoreiras, no Estádio «Pina Maniques», ás 11 horas.



A equipa do Sporting, com o seu treinador e dirigentes, vencedora do campeonato regional de basquetebol. Ultrapassou 1.000 pontos na marcação

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

O Sporting é campeão

A ultima ronda do Campeonato Regional de Basquetebol, na divisão de honra, proporcionou-nos de certo modo a agradável nota de o Sporting conquistar mais uma vez o título regional e o Campo de Ourique, de grandes tradições na modalidade, manter-se na divisão. Os «leões» sairam, portanto, vencedores com todo o mérito, demonstrando ser a equipa de maior poder e consciência técnica. Os «azuis», que tiveram um período áureo, deram réplica aos campeões, principalmente a partir do seu triunfo sobre eles; depois decairam e na segunda volta foram derrotados com todo o merecimento pelos vencedores do campeonato. Enfim, o Sporting é campeão indiscutível.

O Belenenses, que há duas épocas para cá vem subindo gradualmente, apresentou-se este ano em boa forma, mais aguerrido e com bom poder realizador, principalmente, nas meias distancias. A equipa do Restelo tem um estilo próprio, faltando-lhe apenas qualquer coisa para conquistar o título.

O Benfica não conseguiu dar a nota de conjunto. O Nacional, com uma equipa entusiástica e capaz de lutar em qualquer contingência, encabeçou o grupo da segunda metade da tabela, ingressando, portanto, no torneio nacional por direito próprio. O Tabacos e o C. A. C. O., com os mesmos pontos, foram equipas muito inconstantes, perdendo jogos que normalmente e teóricamente deviam ganhar. No fim da tabela, Atlético e Queluz terminaram o campeonato com os mesmos pontos. A primeira equipa depois da perda irreparável de Avelino do Carmo, nunca mais se conheceu a si própria. O Queluz novo divisionário fez o que pôde e estava ao seu alcance. A diferença de classe entre a 1.ª divisão e a de hora é sintomática.

A classificação final ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting .	13	12	—	1	1023-608	37
Belenen. ..	13	11	—	2	806-629	35
Benfica ..	13	9	—	4	734-631	31
Nacional .	13	6	—	7	604-578	25
Tabacos ..	13	4	—	9	619-755	21
C. A. C. O.	13	4	—	9	571-738	21
Atlético ..	13	3	—	10	540-722	19
Queluz ...	13	3	—	10	534-730	19

Damos a seguir breve resenha dos jogos ontem disputados:

Os «azuis», actuando sem preocupações, atingiram o intervalo a vencer por 34-16. O Tabacos, na segunda parte, lutou com maior ardor e conseguiu diminuir a desvantagem, mas os «azuis» responderam com maior precisão nos encestamentos, principalmente, com os homens de meia-distancia e no contra-ataque rápido. No final, portanto, naturalíssima vitória do Belenenses (65-41).

Os campeões — Sporting — infligiram ao Queluz uma pesada derrota (82-29) e revelaram uma superioridade esmagadora. Para os sportinguistas a partida não trouxe problema de espécie alguma. Abílio Ascenso mais uma vez foi o melhor marcador, seguido de Garranha e Feu. O Queluz limitou-se a jogar como equipa vencida de antemão.

O Campo de Ourique, derrotando o Atlético (39-36), solucionou o seu grande problema. A equipa entrou no terreno disposta a ganhar e fê-lo com mérito, pois revelou-se conjunto mais equilibrado e com mais facilidade de encestamento. A réplica do Atlético nem sempre foi constante, mas tornou-se fortíssima á medida que o final se aproximava. Os «alcantarenses» não foram, todavia, felizes não só no decorrer desta partida como de resto em quase todo o torneio A vitória do C. A. C. O. aceita-se pelo empenho posto na luta pelos seus jovens jogadores.

Os «encarnados» mais uma vez estiveram em dificuldade para ganhar (38-36). Valeu-lhes, sem duvida, a presença de Bernardo Leite, que foi agora mais eficiente a marcar. O Nacional chegou a estar a vencer por 26-22. No Benfica, não alinhou José Alberto.

A decisão final quanto ao ultimo lugar está pendente de um protesto. No caso de ser julgado improcedente, o Queluz baixará de divisão. Isto é, regressará á 1.ª Divisão.

A ASSEMBLEIA

dos representantes do Benfica

No salão do ginásio da secretaria do Benfica foram ontem empossados os membros da Assembleia dos Representantes, órgão recentemente criado e cuja acção será de largo alcance para a vida interna do clube. Presidiu á cerimónia o sr. eng. Cancela de Abreu e assistiram centenas de associados que, uma vez mais, manifestaram um decidido interesse pelos problemas do Benfica.

Dos 200 sócios eleitos, só três não preencheram as condições requeridas, o que foi constatado pela comissão de verificação de poderes, constituida pelos srs. dr. Magalhães Godinho, dr. Martins da Cruz, Carlos Carvalho, Carlos Agostinho e Manuel de Almeida de Oliveira.

A sessão provou que a unidade do Benfica é um consolador facto.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Campeonato de futebol, da Ala de Lisboa—Escola Agrícola da Paiã-Liceu Francês, ás 9 horas; Secção Pina Manique-Escola António Arroio, ás 10,15; e Pupilos do Exército-Secção Maria Pia, ás 11,30 — todos no Estádio Nacional.

Campeonatos de voleibol, da Ala de Lisboa — L. D. João de Castro-L. Passos Manuel, Pupilos do Exército-C. Clenardo, L. Gil Vicente B.-E. Francisco Arruda A, E. Machado de Castro-E. Francisco Arruda B e C. Académico-E. Feio Santarém, em infantis na Escola Afonso Domingues, a partir das 9 horas; e Pupilos do Exército-E. Afonso Domingues, Liceu Pedro Nunes-Escola Nunes e E. Veiga Beirão-E. Ferreira Borges, em «vanguardistas A», na Escola Nuno Gonçalves, a partir das 10,30 horas.

Campeonato de ténis de mesa (individual) — Vários encontros, na Escola «Nuno Gonçalves».

BASQUETEBOL

Campeonato de Lisboa, da 3.ª categoria — Série A — Santa Catarina-Pedrouços, em Xabregas, ás 9 e 30 e 10 e 30 h.; Combatentes-Lisgás, na R. Possidónio da Silva, ás 9 e 10 horas.

(Continua na 11.ª página)

Teatros e Cinemas

«Um homem só», no Trindade

Faltava á presente temporada de teatro em Portugal o que ontem á noite lhe deu o T. N. P. no palco do Trindade: um grande original português de um autor contemporaneo vivo. Não tenhamos medo das palavras: nem das que ferem com justiça, nem das que louvam com consciência, ainda que possam, estas de preferência, suscitar o sorriso superior dos displicentes e espanéficos génios estéreis. Há que reconhecê-lo: «Um homem só», com todos os defeitos — incoerências ou abusos — que possam mareá-lo e que tão-pouco deixaremos de arrazoar nesta rápida crítica, não só é até hoje a melhor peça de Costa Ferreira como uma obra que desde já ingressa no melhor peculio da nossa tão escassa dramaturgia.

Tema, construção dramática, qualidade de estilo, servidos por uma boa encenação e por uma muito correcta interpretação, considerada globalmente, impuseram á admiração do publico esta obra que, sem dúvida alguma, a merece.

Não faltará quem discuta (só se discute, aliás com entusiasmo o que de tal seja digno) o contraste entre o suporte anedótico da acção e os problemas reais, as ideias que em seu redor borbulham, com uma riqueza e profusão que chegam a sufocar o espectador «acostumado», aquele que não gosta de que lhe chocalhem a tranquilidade intelectual e moral.

Ribeirinho visto por Fernando Bento

O «homem só» é o ambicioso, o recalcado, o arrivista, frustrado na beleza e no amor; é o triunfador que desviou para a ansia de domínio o que a vida lhe negou em prazer e entendimento simples com os outros. Esse homem, o grande financeiro, o tirano, o ditador no seio de uma grande empresa bancária, compraz-se em escarnecer a família mediocre onde entrou como um ladrão (admirável a análise irónica dessa ninhada cadavérica de uma aristocracia desvitalizada, mesquinha até no egoísmo, tão incapaz do ódio e da violência como da generosidade).

O filho legítimo do banqueiro — eis a anedota original — é um enfermo já sem um rim e com o outro agora atacado por doença que não perdoa. Só há um meio de salvá-lo. Outro ser humano, e do mesmo sangue, terá de lhe ceder o rim são de que ele necessita para viver. A mãe do enfermo é quem indica a vítima: um filho ilegítimo que o marido teve outrora de uma vaga concubina, actriz que morrera louca. Mas dá-se o caso que esse paciente designado é alguém; é mesmo o «filho eleito» do homem forte: a sua criação perfeita, a unica criatura que ele estima no Mundo, que ele educou para o triunfo, querendo-o livre, sereno e feliz. Tem a palavra esse estranho. E verifica-se que ele não é feliz nem sereno e que a liberdade que a riqueza lhe devia conferir não tem valor para ele. Verifica-se que esse segundo «homem só» aspira á luta e á vitória, mais remotamente á solidariedade e ao amor: ao amor do mundo, ao amor dos seres seus irmãos. Assim ele afrontará o próprio pai, e será até o seu unico adversário válido, enquanto toda a construção familiar, assenta no respeito das convenções, num conceito exterior de dignidade burguesa, se desmorona e se esfarrapa perante os espectros presentes da morte e das privações. Cenas tempestuosas, cheias de força, de movimento, de beleza dramática. Só lamentamos, no terceiro acto, os quadrinhos epigramáticos inuteis para a acção, em que certa contaminação de processos cinematográficos (de que Costa Ferreira deve defender-se) agrava a tentação da frase profunda e espectacular (complacência que o seu talento, cada vez mais seguro num diálogo cerradamente inteligente e funcional, em boa verdade dispensa). Outro senão: o solilóquio lacrimoso (e ocioso), ao gosto tradicional, do banqueiro.

Longe estamos de ter inventariado o acervo de sub-temas, impressionantemente válidos, de críticas e matizes psicológicos que se enredam ao longo dos três actos e sete quadros (quadros a mais) em que a acção se contém. Diga-se apenas ainda que todas as figuras práticamente — excepto a do mordomo, mera referência ou marco hierárquico — têm um sentido. Assim, Maria será o cantico natural da esperança, como Luísa o digno fantasma empalhado do decoro e da caridade burguesas; Tomás o homem de boa vontade, que faz o ponto, a meio da vida e encontra o deserto do amor, o vazio dos preconceitos; e Gonçalo, que a princípio se mostra divorciado da vida, indiferente aos outros, egoísta e pusilanime, afinal se tornará uma comovedora e exaltante vontade de viver.

A peça acaba bem. Do choque de dois orgulhos petrificados, jorra enfim — e sem que tal se nos afigure forçado — a luz de uma redenção. A operação far-se-á e o móbil do acto de Carlos (o filho natural) não será já um desafio quase gratuito, mas o desejo profundo de não continuar só, mesmo que tenha de tomar pelo caminho do sacrifício. Em resumo, uma peça acerba e por vezes cruel que afinal termina em girandola de piedade e sóbria ternura.

A «verve», o espírito de a-propósito, a frase incisiva e não raro lapidarmente cáustica, dão aos diálogos uma consistência e convicção que não são das menos fascinantes virtudes desta obra com veras condições de durabilidade.

Feita uma séria reserva ao segundo cenário (José Barbosa), em que nos causam engulhos umas detestáveis vidraças de plástico, entre outros pormenores de mau gosto, repetimos que a encenação e direcção de cena de Francisco Ribeiro revelam mais uma vez os seus confirmados dotes de verdadeiro homem de teatro, tanto quanto a sua vigorosa interpretação do papel do «tirano» encobertamente apaixonado pelo filho ideado e moldado por uma vontade de poder (até ao dia em que nele surge o magnífico rebelde) o coloca, como artista, á altura de créditos que ninguém lhe discute. Maria Lalande tem, na episódica, mas importante figura de Maria, um vibrante momento dramático. Rui de Carvalho vive com intensidade e naturalidade a figura de Carlos, embora de começo imponha com certa compreensível dificuldade esse tipo pouco vulgar de superhomem desgostoso de uma perfeição fabricada. Carlos Wallenstein, fora dos papeis que melhor dir-se-ia quadrarem-lhe, excelente não obstante, num desempenho macio e matizado de fidalgo pobre sem energia e sem norte, que depois vem a assumir na acção o relevo de um despertador de consciências, pela consciência dolorosa do seu próprio malogro. Armando Cortês compõe com brio e acerto a personagem tíbia de Gonçalo e consegue sugerir o seu instante de ressurreição. Josefina Silva é por vezes uma mãe comovedoramente aflita, dentro das fronteiras da sua estreita personalidade (das mais sarcásticamente estigmatizadas) e Maria José, muito hirta, talvez demasiadamente agreste, a nora que faz «tricot» para os seus pobres, do outro lado do mundo. Joaquim Rosa, Lili Neves e Fernando Muralha completam o homogéneo elenco.

Uma peça que honra o T. N. P. e em boa hora abre mais uma janela de esperança na paisagem da cena portuguesa.

U. T. R.

(Continuação da 4.ª página)

tas de inegável valor, como Carmen Dolores, Rogério Paulo, Adelina Campos, Henrique Santos, Mário Pereira, Constança Navarro, Alexandre Vieira, Fernanda Alves, Carmen de Almeida, Auzenda Miranda, Alberto de Oliveira e Armando Caldas.

A direcção de cena está a cargo de Henrique Santos; o fundo musical, baseado na canção «Smiling through» é um arranjo de Manuel Lima; as maquetas são de Fernando Ramalho; os figurinos, de Graz; os cenários, de Cunha e Silva; e o guarda-roupa, de Paiva.

Espectáculo para maiores de 12 anos.

Primeiras exibições

«Crepusculo no Oceano» no Eden e Roma

E' muito possível que o português com o sangue de aventureiro oceanico, mas que se parece ter cansado dos grandes periplos depois de Vasco da Gama, aportar á India, goste de ver — e tem inteira razão! — este filme tão oceanico, que se chama mesmo «Crepusculo no oceano».

Devemos dizer que nos embarca num velho e enferrujado navio, após a visita a uma ilha florida da Oceania, onde as nativas cor de ambar, além de nos engrinaldarem com capitosos braços, costumam pôr-nos ao pescoço coloridos colares de papel, sem deixarem de dançar o «hula-hula» (não confundir com o arquinho infantil do «hula-hoop»).

O entrecho do filme — larga viagem até Honolulu — fez-nos lembrar as páginas vigorosas desse extraordinário romancista do mar que foi Conrad. O trôpego barco é comandado por um homem valente, demitido de uma empresa de navegação por um erro, que custou numerosas vítimas. A sua paixão é aquele cargueiro obsoleto, com água no porão, que lentamente se arrasta através do Pacífico. A bordo, na terceira classe, algumas ninfas exóticas, mas na primeira, em maus camarotes, um punhado de «epaves» (destroços) humanos. Gente de pouco dinheiro, que vive de expedientes, ou ainda, pelo menos a passageira bonita) que tem contas a ajustar com a Polícia. Devemos dizer que a obra embora se desenrole vagarosamente, tem substancia. Projecta-se em dois planos. o do conflito das personagens (sacerdote, empresário falido, artista velha, casal idoso e simpático, a esfinge semi-tenebrosa e, sobretudo, o comandante do «Canibal») e a acidentada viagem: tempestade, rebeldia a bordo, o chaveco a desconjuntar-se e a meter água, lances de perigo, etc. A fusão destes elementos dá ao «Crepusculo do oceano» valor narrativo e variação de circunstancias. O que se destaca, sobretudo, como lição de coragem, nesta produção a cores de Gordon Kay, é o retrato moral da figura do comandante. Nada mais tem no Mundo que aquele barco destroçado: carne da sua carne, que o liberta do seu passado terrível, e o faz viver, amar, ser livre. O final é impressionante até porque é antibanal. Bons artistas, entre outros, Cyd Charisse, Artur Kennedy, com Rock Hudson á cabeça numa perfeita encenação. Complementos vários. — *Visor 57.*

«O Cavaleiro da Torre», no Condes

Num filme que sabe á nossa juventude, Jean Marais encarna a figura do heroi puro, invencível e tenaz, triunfante e magnífico.

«La tour, prends garde!» é um filme de acção. Num filme rodado em «Dyaliscope» e «Eastmancolor», de técnica cuidada, realizado com acerto, desenrola-se uma acção fascinante e surpreendente.

Jean Marais, o ex-Orfeu de Cocteau, a italiana Rossi Drago e Cathia Caro são as figuras centrais da aventura. Uma «troupe» de palhaços satiriza a corte e o próprio rei. Desde os tempos mais recuados os prepotentes têm sido atacados das mais diversas formas e o riso é uma das mais eficientes. Filme cativante, de uma pureza antiga «O Cavaleiro da Torre», atinge e ultrapassa os seus fins. Documentários bons. — *Visor 100.*

Ópera em S. Carlos

Como não podia deixar de ser, os artistas portugueses não foram esquecidos e assim alguns dos nomes mais distintos da nossa vida musical e do nosso belo canto foram incluidos no elenco da próxima temporada lírica do Teatro Nacional de S. Carlos que, principia, como temos noticiado, no próximo dia 16.

Entre esses artistas destacam-se: os maestros Pedro de Freitas Branco, Jaime Silva (Filho) e Joly Braga Santos, que dirigirão, respectivamente, as óperas «Wozzeck», «O Barbeiro de Sevilha», e «Mérope», esta da autoria do próprio maestro Braga Santos, os artistas líricos Maria Teresa de Almeida, Madalena Andressen, Maria Cristina Castro, Maria Cecilia Correia, Maria José Campos, Fernanda Machado, Natália Viana, Hugo Casais, Luís França, Armando Guerreiro, Guilherme Kjolner, Manuel Leitão, Alvaro Malta, Mário Oliveira, João Rosa, Fernando Serafim, João Costa e Silva, e Francis Graça a quem está confiada a direcção coreográfica dos bailados do S. N. I.

A bilheteira continua aberta todos os dias, das 13 ás 19 horas, á excepção de amanhã, dia 11, em que estará encerrada; hoje é o ultimo dia para os novos assinantes; e a partir do dia 12 abre a bilheteira para a venda avulso para todos os espectáculos.

Cineclubismo

Cine-Clube Universitário de Lisboa

As sessões do Cine-Clube Universitário de Lisboa, que, normalmente, se efectuavam no cinema Chiado Terrasse, passam a realizar-se no Imperial.

Vem a Portugal

uma companhia brasileira

RIO DE JANEIRO, 10.—Parte em breve para Portugal a companhia Cacilde Becker, depois de seis meses de actuações nos palcos de S. Paulo.

Aquela companhia já escolheu o repertório que apresentará ao publico português: «O Santo e a porca», de Suassuna; «Jornada ao longo do dia para dentro da noite», de O'Neil; «Maria Stuart», de Schiller; «Angels In Love», de Mills; «Pega Fogo», de Jules Renand; «O Protocolo», de Machado de Assis; e, possivelmente, «D. Rosita la Soltera», de Garcia Lorca.—(L.).

Um bodo em Algés

O Grupo Boa Esperança, de Algés, distribui amanhã, ás 14 e 30, na Central Receptora Naval daquela localidade, um bodo a trezentos pobres, seguindo-se variedades, organizadas pela pianista e compositora D. Helena Moreira Viana.

Restaurante Regional
Vila Franca de Xira
AOS DOMINGOS
Açorda de Savel
Frango de Churrasco
Cabrito á Regional

ADULTOS — (Maiores 17 anos)
Empresa ANTÓNIO MARTINS
LIMPIA Clube Telef. 367581
5.ª FEIRA: GRANDE ACONTECIMENTO — ESTREIA DO FAMOSO
Ballet Pericet
GRANDIOSA SÉRIE DE ESTREIAS
HOJE
A NOTAVEL BAILARINA **CARMEN GOMEZ**
AMANHÃ
A EXTRAORDINÁRIA PARELHA DE BAILE **PILAR MARTIN** y **JOSÉ LUIZ VEGA**
2.ª-FEIRA: O ESPANTOSO ILUSIONISTA
O FEITICEIRO DO SÉCULO XX **CARDINALI** O HOMEM DOS MIL MISTÉRIOS

Coliseu

SÓ HOJE E AMANHÃ

Às ultimas 48 horas. Todas as crianças podem ir esta noite ao Coliseu aplaudir a mais sensacional companhia de circo do Mundo. Amanhã, despedida, com «matinée» às 16 horas e à noite às 21,30

Aproveite, enquanto é tempo. Tem apenas hoje e amanhã para ver a gigantesca companhia mundial de circo do Coliseu. Esta noite, ás 21 e 30, crianças de todas as idades podem assistir ao espectáculo. Programa duplo com elefantes, cavalos, poneys, cães. A banda escocesa da rainha, com lindas raparigas tocando gaitas de foles. Rir até á loucura com duas parelhas de palhaços. Espantosos numeros de alta acrobacia, como nunca se viram, e muitos outros prodígios. Amanhã, despedida desta companhia de circo, com «matinée», ás 16 horas, para crianças. A' noite, ás 21 e 30.

As estreias de hoje

No Império

Título — «Amor de jornalista».
Produção — Americana.
Realização — George Seaton.
Intérpretes — Clark Gable, Doris Day, Gig Young e Mamie Van Doren.
Argumento — Um jornalista apaixona-se por uma professora ingénua.
Processo — Vistavision.
Distribuição — Paramuont.
Distribuição — Paramount.

DISCOS Mercury
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

(Adultos M. 17 anos) Telef. 779151
Restaurante **ALVALADE**
APRESENTA
IRENE LECARTE
HOJE ESTREIA
TONY e IDALECIA
(Parelha Portuguesa)
Chás dançantes às Quintas, Sábados e Domingos

O décimo aniversário (6)

Dois factores revolucionários, os quais se fizeram sentir fora do ambito geográfico da aliança, minaram os seus alicerces, desmentiram os postulados que presidiram á sua criação e ameaçam-na de ruina irremediável: a natureza e progresso das novas armas e a transformação operada na parte do Mundo correspondente ás regiões económicamente subdesenvolvidas — Ásia, África e em certa medida América do Sul. Tão imperativos são esses factores que estão antecipadamente votados a malogro os cálculos e planos que não entrem em linha de conta com eles. Que é assim, ficou provado em todas as crises que a aliança atravessou e que, embora indirectamente alimentadas pelos Sovietes, não tiveram nestes a sua origem, não sendo por eles ditado o seu desfecho: Coreia, guerras coloniais (com destaque para a Indochina e Argélia), questões litigiosas como a de Chipre, terramoto político-militar no Médio Oriente.

Que transformação se operou na função da aliança por virtude do primeiro destes factores. Os dados em que assentavam os planos dos seus chefes militares deixaram de ser válidos.

As fórmulas de substituição para substituir o monopólio americano, que era em 1949 o elemento decisivo na balança de forças mundial, que não chegaram a ter aplicação ou foram rápidamente invalidadas pelos factos. Em 6 anos, entre 1952 e 1958, vimos os Americanos alterarem por três vezes com a designação de «new look» as suas concepções. A estratégia da aliança e com ela a segurança da Europa foram postas em causa com gravissimo risco de cada vez que isso se deu.

Simultaneamente houve a correspondente desvalorização dos instrumentos de surpresa e represália previstos para cada uma dessas fórmulas. Houve, com rápidos intervalos de meses, a da aviação de bombardeamento como meio de transporte das armas nucleares, a das armas atómicas tácticas cujo emprego estava previsto para deter ou pelo menos retardar a agressão localizada e por ultimo a dos projecteis intermédios cujas rampas de lançamento deviam ser instaladas nos países europeus para contrabalançar a acção dos engenhos soviéticos desse tipo. Destes instrumentos de surpresa e represália o primeiro tornou-se obsoleto, o segundo inutil, pois o seu emprego desencadearia a conflagração geral que se pretende evitar, o terceiro está condenado pela rapidez com que os Russos e Americanos estão a fabricar ou planear projécteis intercontinentais.

Quanto a estes as recentes e sensacionais demonstrações feitas com o «Atlas» e o foguetão solar soviético não deixam duvidas e devem considerar-se impressionantes pela sua grandeza e significação.

A degradação do dissuasor acentuou-se a um ritmo tal que ninguém sériamente pensa na sua eficácia desde que da competição entre os blocos comunista e ocidental se exclua por absurda a ideia de um conflito nuclear. «Por todas as razões escreve o «Observer», de Londres, 1961 será o mais tardar a data em que os acontecimentos imporão a revisão radical de todas as concepções que vimos predominar nos ultimos tempos, sobretudo aqueles que assentavam na capacidade de represália americana. O novo Governo que se instalar no próximo ano em Washington (democrático) não pode deixar de acelerar a defesa da Europa. Nessa altura a balança de forças entre os dois colossos ter-se-á desequilibrado de tal maneira que o emprego do dissuasor americano apenas se justificaria em caso de suicidio voluntário, pois dele resultaria um ataque devastador ao território dos Estados Unidos.

Esta situação, fácil de prever, se outros elementos não houvesse, imporá a rápida e decisiva modificação da aliança atlantica a partir da data em que se comemorará o 10.º aniversário da sua criação, com a assinatura do pacto de 4 de Abril de 1949. A fase que correspondeu á sua evolução nos ultimos anos, a qual foi preenchida por uma série de combates de retardamento sem efeito do seu mecanismo e funcionamento, aproxima-se do termo, assinalado pelos chefes militares que a conceberam sob a forma de uma coligação para fazer a guerra. Esta não se deu e, afastadas as suas probabilidades — salvo os casos sempre possíveis do acidente e da demência—a aliança terá de se adaptar ás exigências da paz e da sua construção. Nada custa prever que estas serão mais complexas e dificeis de satisfazer do que aquelas que correspondiam á guerra fria, tal como a conhecemos nos ultimos dez anos.

O sr. prof. Diogo Furtado, presidente da assembleia geral do Sporting, no momento em que saudava o subsecretário da Educação Nacional que tem a seu lado o director-geral dos Desportos. Na gravura vêem-se o novo presidente da direcção do Sporting e os restantes corpos gerentes

Os corpos gerentes do Sporting foram recebidos hoje pelo subsecretário da Educação

Os corpos gerentes do Sporting, recentemente empossados, estiveram hoje, ao princípio da tarde, no Ministério da Educação Nacional, para apresentarem cumprimentos aos subsecretário de Estado e director-geral dos Desportos.

A visita de cortezia começou pelo gabinete do sr. dr. Valadão Chagas, que foi saudado pelo sr. prof. Diogo Furtado, presidente da assembleia geral do Sporting. No seu agradecimento, o director-geral produziu interessantes considerações sobre o momento desportivo português, solicitando, a propósito, a máxima colaboração dos dirigentes clubistas para a desejada melhoria geral, porquanto a legislação, em si própria, difícilmente atingirá resultados práticos, se não houver espírito de solidariedade.

Os corpos gerentes «leoninos» foram depois recebidos pelo sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa a quem o prof. Diogo Furtado ofereceu os préstimos do popular clube. Em resposta, o subsecretário, que agradeceu em nome do ministro ausente de Lisboa, salientou o espírito de sacrifício revelado por todos aqueles que aceitam lugares directivos. Referindo-se aos discursos proferidos pelos dirigentes sportinguistas, no acto da posse, reafirmou os propósitos das entidades oficiais em proceder á já anunciada remodelação da organica do desporto a qual terá como fulcro principal a reforma dos serviços da D. G. D., por forma a torná-la mais apta, e a estruturação do I. N. E. F., como escola formativa. Simultaneamente, acrescentou, visar-se-á difundir a cultura física, alargando a prática da ginástica e estimulando os cursos de iniciação desportiva, para depois se solucionar os problemas das modalidades, sempre salvaguardando a finalidade educativa, factor primordial e indispensável.

A terminar, fez um apelo ao Sporting e aos grandes clubes no sentido de não descurarem as suas filiais, espalhadas pelo Continente e Ultramar.

Veio à Metrópole um que busca há cin que lhe façam justi

FRANCISCO

—Estou na Metrópole desde Agosto e vou-me embora desiludido!

Assim se exprimiu um velho português de Moçambique de 84 anos, em cujo sangue corre o das gentes portuguesas de Goa. Que o trouxe então á Metrópole e o faz partir agora desiludido? Uma razão romantica, dirão alguns; uma razão de nobreza de carácter, terão todos de concluir.

O sr. Francisco Xavier de Melo entrou para os serviços publicos aos 15 anos. Dez anos foi amanuense da Secretaria Geral, chefiou a Reartição da Fazenda do Chinde e foi tesoureiro da Alfandega. Era, então, um moço, quando aqueles que trabalhavam com ele cometeram um desvio de dinheiro. Naque-

Vai ser construído o porto da Figueira da Foz do mais alto interesse para a economia do Centro do País

FIGUEIRA DA FOZ, 9 — Foram finalmente postas a concurso as obras de construção do porto desta cidade, cuja falta constituia um grande «pesadelo», tratando-se da maior aspiração local, desde há mais de um século.

O acontecimento encheu de jubilo não só a cidade como o populoso concelho e todo o centro do País. Surge, agora, uma nova era para a Figueira, pois desaparece o espectro do abandono de mais algumas secas do bacalhau, pela dificuldade de os barcos bacalhoeiros demandarem a barra. A construção do porto contribuirá, também, para uma preparação mais eficaz da industria bacalhoeira; favorecerá o armamento de novos barcos; tornará mais florescente a esperançosa industria da pesca do arrasto e da sardinha, agora sujeita aos percalços da barra traiçoeira para vidas e capitais; e possibilitará a reorganização dos transportes marítimos comerciais, sempre onerados, até agora, pela irregularidade do movimento na barra.

Quem conheça o valor comercial e industrial do centro do País e as enormes possibilidades de exportação e tenha a noção exacta do valor da sua imensa riqueza florestal, do carvão, do cimento, do arroz, dos vinhos, do sal, da pedra, da cal e dos vidros, etc., poderá bem avaliar da necessidade de realizar essa legitima aspiração da Figueira. E assim, vai acabar o grande *pesadelo!*

Um gatuno descoberto

entre 28 empregados de escritório

A rocambolesca proeza de um empregado de escritório infiel, que meteu em perigosas andanças 27 dos seus companheiros de trabalho, terminou na Policia Judiciária, com a apreensão de 70.500$00 por ele roubados, de um cofre, em notas de banco.

O roubo deu-se na firma Marques Sequeira, Ld.ª, com sede na Praça da Figueira, 4, 2.º. Apresentada queixa na P. J. pelo sócio gerente sr. Apolinário Marques Sequeira, foram interrogados os 28 empregados daquela empresa.

Não houvera arrombamento. O cofre ficara aberto: as chaves das suas gavetas é que não se encontravam no sitio habitual. Graças á habilidade com que o chefe Afonso conduziu os interrogatórios, o ladrão traiu-se e foi finalmente preso. Trata-se de Jaime Castanheira da Assunção. Para não despertar suspeitas, o larápio escondera o dinheiro numa prateleira raramente utilizada do armazem. Aí a Policia apreendeu a quantia ainda rigorosamente intacta, pondo fim a este breve e veridico romance policial.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 14°,5; mínima, 12°,3. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15°,5; mínima, 11°,1.

—Temperaturas observadas ás 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 12°,9; na água do mar, 14°,1.

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Em 3 linhas

A Camara Municipal elvense comemora, nos dias 13 e 14 do corrente, o terceiro centenário da batalha das Linhas de Elvas, com a presença no segundo dia do ministro do Exército.

///

A folha oficial publicou a lista dos candidatos admitidos e excluídos do concurso para provimento de vagas de técnicos no Instituto Nacional de Estatística.

///

Está publicado o «Boletim da Propriedade Industrial» n.º 11, referido a 29 de Novembro de 1958.

///

O capitão Matias Mourato Chambel foi nomeado presidente da Camara Municipal de Alportel.

O «Diário do Governo» publicou hoje a lista dos professores do quadro de agregados do distrito escolar do Porto, que foram agora colocados.

///

O relatório das contas de gerência e do exercício das províncias ultramarinas em 1957 apresenta um saldo positivo de 580.049 contos.

///

O sr. Rui Vieira Lisboa foi exonerado, a seu pedido, do cargo de cônsul de Portugal em Baionne.

///

Foram fixadas as lotações para o Comando da Defesa Marítima do Porto de Lisboa, o posto de vigilancia e defesa da entrada da barra e o serviço de redes e barragens.

BARRETE VERDE
BENAVENTE — Telefone 74
«O mais luxuoso e típico Restaurante do Ribatejo»
Ranchos Folclóricos, Fandango, Cantares Regionais, etc.
Amanhã, Domingo, GRANDE ALMOÇO REGIONAL
EMENTA: Caldejrada á Rio Serraia, Ensopado de enguias, Fataça á Regional, Eirós á Mira, Garoupa á Canga, Filetes á Campino, Dobrada á Ribatejo, Cabrito assado á Barrete Verde, Lombo de porco á Leziria Febras de porco na brasa, Escalopes de vitela, Bife á moda da Casa, etc., etc. (6 ANOS)
Informações e reserva de mesas pelo Telefone 74 — Benavente e em Lisboa na **Agência de Viagens Rodarte** — Rua da Palma, 159-A — Telefone 861214.

Partiu para Cabo Verde

o novo governador

No navio «Manuel Alfredo», partiu hoje o sr. major Silvino Silvério Marques, novo governador de Cabo Verde, a quem apresentaram cumprimentos os srs. ministro do Interior, subsecretário do Ultramar, capitão-tenente Adriano Chuquere, em representação do ministro da Defesa, general Luís de Pina, comandante Sales Henriques, dr. Nunes dos Santos, da Sociedade-Geral de Comércio e Industria e Transportes, e dr. Banha da Silva, agente-geral do Ultramar.

O novo governador de Cabo Verde dirigiu cumprimentos de despedida á Imprensa portuguesa.

Provas de exame

para juizes de Direito

No Supremo Tribunal de Justiça, continuam esta tarde, as provas orais dos exames para juizes de Direito.

Os concorrentes de hoje são os srs. drs. António de Campos, Ricardo António da Velha, Frederico Mendes Carvalhão e Joaquim Manuel de Araujo e Sá.

VISITAS GUIADAS

ao Museu de Arte Antiga

Esta tarde, efectuaram-se novas visitas guiadas por pessoas competentes, ao Museu Nacional de Arte Antiga, tendo sido apreciadas as secções de ourivesaria, de tapeçaria e tecidos e de pintura holandesa, que também estarão patentes aos visitantes no próximo dia 24.

Dotações de água

Foi publicada, ontem, no «Diário do Governo» a relação dos estabelecimentos com fins de utilidade publica, aos quais é atribuída gratuitamente, pelo Estado, uma dotação de água, até 50 por cento dos respectivos consumos.

SANTA FILOMENA

Milagrosa !

E' amanhã a data do nascimento desta milagrosa Santa.

Oferecemos durante a semana uma lembrança a todos os clientes que comprem na nossa casa.

OURIVESARIA SANTA FILOMENA (fica em frente ao portão do Jardim Zoológico).

... um Moçambicano

... á cinquenta anos

... justiça e o reabilitem

FRANCISCO XAVIER DE MELO

... de e Era, ...eles ...nete- ...que-

...oz

...ís

...c as ...orta- ...va- ...stal, ...roz, ...cal ...ava- ...essa ...E ...esa-

...rto

...em- ...que ...27 ...lho, ...com ...ele ...otas

...Mar- ...na ...sen- ...ge- ...Se- ...28

...O ...das ...itra- ...ha- ...onso ...la- ...reso. ...da ...sus ...heis ...utili- ...licia ...oro- ...este ...cial.

...OJE ...ista- ...ho- ...2.º,3. ...ado:

...ás 9 ...mos- ...1.

...as ...ia.

... le tempo de inquietações — estava-se em vésperas da Republica — eram difíceis os inquéritos e fracos os conhecimentos locais para os fazer. O sr. Xavier de Melo, como não lhe foi possível descobrir os autores do furto nem repor o dinheiro, sofreu, como legal responsável, a pena de demissão. Mas, não se conformando com a sentença, meteu-se num barco para Lisboa e aqui desembarcou. Era o ano de 1909. D. Carlos estava no tumulo e a Republica ia nascer. Quem podia, nesse caos inquietante, pensar naquele caso de consciência? O sr. Xavier de Melo bateu a todas as portas — á do almirante Castilho, então ministro da Marinha e que fora governador geral de Moçambique, sob as ordens do qual servira como amanuense; D. António Barroso, bispo do Porto, seu conhecido de Moçambique; conselheiro Horta e Costa, secretário de Castilho...

— Fui-me embora, sem conseguir ser reabilitado — diz-nos ele agora. — Mas voltei, cinquenta anos depois, dominado pelo mesmo desejo de justiça. Só isto, a bem dizer, porque no regresso a Moçambique, fiz-me agenciador de pretos para uma companhia inglesa de minas de ouro. Depois, adquiri uma «farm», fiz-me industrial de padaria, fui ganhando a vida.

O sr. Xavier de Melo parte com certa mágoa de não levar o caso resolvido. Mas, na Presidência do Conselho aguarda decisão superior a sua exposição e ele não poderá demorar-se mais tempo por aqui.

Aliás, o tempo para ele parece não contar. Tem memória de ferro, prodigiosa, e lembra-se de tudo o que era nos seus tempos de rapaz o seu querido torrão africano. Ia, então, para a repartição de sobrecasaca e chapeu alto. E não chegando a Moçambique notícia de comícios nem propaganda republicana — confusamente, soubera-se apenas do 31 de Janeiro — foi também com certa incompreensão que a provincia tomou consciência da mudança do regime. O capitão Macano de Amorim, governador distrital, não se negara a arvorar a bandeira verde-rubra? Nada, porém, já agora, abalaria os alicerces lançados pelas campanhas da ocupação.

Nesse tempo mais recuado, em

(Continua na 11.ª página)

Lançamento à água

no Arsenal do Alfeite

de um navio-tanque

para a Suécia

Nos estaleiros do Arsenal do Alfeite, efectuou-se esta tarde, a cerimónia da benção e lançamento á água do casco do navio-tanque «Hector Heron», encomendado pela Sociedade Continental de Representações, para o Estaleiro Uddevallarvet, de Uddevalla (Suécia).

O novo petroleiro desloca 24.700 toneladas e tem 173 metros de comprimento total, 161,544 de comprimento entre perpendiculares, 21,260 de boca e 12.90 de pontal. Foi construido no Arsenal do Alfeite por técnicos e operários portugueses, de harmonia com todas as condições da moderna técnica de construção naval.

Para a cerimónia foram convidados o ministro da Marinha, representantes diplomáticos da Inglaterra e da Suécia e altas patentes da Armada.

Em comemoração deste acontecimento, foi cunhada uma medalha especial, na qual estão gravados os símbolos português e sueco.

A reforma das Faculdades de Letras — 5

O papel reservado

ao Instituto Superior de Educação

As Faculdades de Letras, mais talvez do que quaisquer outras escolas da nossa Universidade, encontram-se dilaceradas, como ficou dito, por finalidades divergentes, cuido que de difícil senão impossível conciliação na actual organica dos seus estudos.

Sé, a despeito disso, alguma coisa se salva, não é certamente a preparação de técnicos de ensino secundário; já foi oficialmente reconhecido que ela «não tem sido cumprida», nem no aspecto científico, nem no pedagógico.

A meu ver, e em contrário do ponto de vista oficial, os licenciados investidos na função docente carecem sobretudo de formação pedagógica, ou melhor, psico-pedagógica. Assim o creio, apesar da finalidade que, para além de declarações forçosamente retóricas, efectiva e rotineiramente se instalou nos nossos ensinos secundários: ministrar, aí, também, uma preparação científica, técnica ou literária, encarada como valendo por si mesma, em prejuizo da revelação das vocações, da formação de uma cultura autêntica, da estruturação da personalidade.

Este lamentável equívoco sobre

RUI GRÁCIO

(Continua na 11.ª página)

Herança

esmagadora...

RIO DE JANEIRO, 10.—Já perdeu cinco quilos de peso, e ainda não conseguiu coragem para informar a família do que lhe sucedeu, o notário Raul de Sá, que vive nesta cidade.

Raul de Sá herdou de um cidadão inglês, a quem prestara serviços há mais de 15 anos e com quem voltara a ter contacto por carta, desde o seu embarque para a Africa, a soma de 175 milhões de cruzeiros e os direitos de concessão de uma mina de diamantes na Africa do Sul. — (A. N. I.).

Termina hoje à meia-noite

o prazo para a inscrição

na Exposição Canina Internacional

Uma das raças mais representadas na ultima exposição canina foi a de «pinscher» anão, que estas duas senhoras apresentam com elegancia

Na sede do Clube dos Caçadores Portugueses (Praça D. João da Camara, 4, 3.º, em Lisboa, telefone 21478), fecha hoje a inscrição para a 31.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, que, como temos informado, se realiza nos próximos dias 24 e 25, no recinto amplo, coberto e aquecido da Feira das Industrias Portuguesas, sob o patrocinio do «Diário de Lisboa».

A fim de facilitar a inscrição de grande numero de interessados que, têm solicitado, ultimamente, informações quanto ás normas e ao funcionamento do importante certame, a secção de canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses resolveu, excepcionalmente, manter aberta a sua secretaria até á meia-noite.

Aproveita-se a oportunidade para esclarecer que a exposição é acessivel aos exemplares de todas as raças e variedades, nacionais e estrangeiras, oficialmente reconhecidas, registadas ou não em livros de origens.

As classes estrangeiras serão julgadas pelo conhecido juiz inglês dr. J. Aubrey Treland, e o julgamento das classes portuguesas estará a cargo dos srs. prof. dr. Manuel Fernandes Marques, dr. Luís Navarro Brazão e dr. José Sales Gomes.

Muitos e valiosos prémios foram reservados para o certame que, certamente, ao lado de consagrados concorrentes, registará um elevado grupo de novos canicultores, o que aumentará o interesse pela competição.

fante Sagres-Oeiras; Famalicão Benfica, Académico-Paço de Arcos e Est. Vigorosa-Sintra.

Diversas manifestações complementares

Para valorizar o acontecimento fundamental, projecta-se uma série de manifestações complementares também de muito interesse. Entre estas, destacamos uma demonstração de artigos relacionados com a vida canina: caça, pesca, alimentação, veterinária, etc., a cargo de firmas da especialidade.

Para já, resta, de novo, prevenir que a inscrição de exemplares na Exposição Canina Internacional fecha hoje, no Clube dos Caçadores Portugueses, cuja secretaria, exclusivamente para o efeito, estará aberta das 17 e 30 ás 24 horas.

Mercês honoríficas

O coronel de artilharia José Frederico de Silveira Machado foi agraciado com o grande-oficialato da Ordem Militar de Avis.

Foram agraciadas com a Ordem de Instrução Publica as sr.as: D. Laura Cardoso da Silva Melo e Faro, condessa de Monte Real (grande oficialato); D. Maria Joana Mendes Leal (comenda); D. Maria dos Milagres Moreira de Sá e Melo de Magalhães Cardoso, D. Evangelina Lopes Proença e D. Susana La grifa Fernandes (oficialato).

A sr.ª D. Margarida Vaz Monteiro de Matos e Silva foi agraciada com o grau de cavaleiro da Ordem de Benemerência.

OURO EM 2.ª MÃO

só pelo peso — Grande sortido

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

Finalmente açorda de savel no **RIBATEJANO** — Salvaterra de Magos.

Photo Derly

Diàriamente

massagem-fricção

PANTÈNE

LOÇÃO CAPILAR VITAMINADA : O TRATAMENTO DO CABELO

COMPANHIA PLVS VLTRA de SEGUROS

MUTUALIDADE

S.A.R.L.

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 101—LISBOA

Novas instalações

Estas modernas instalações foram executadas segundo projecto e decoração do Arquitecto CARLOS ANTERO FERREIRA, pela Firma

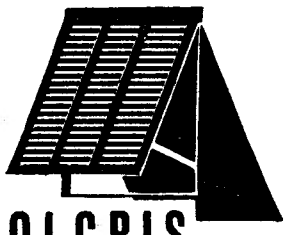
ANTERO FERREIRA

Construções Civis ◆ Obras Públicas

RUA JOSÉ DURO, 17-C — Telefs. 77184 / 77263 2 — LISBOA

sendo autor dos cálculos de estabilidade, o Engenheiro JAIME PEREIRA GOMES

ALGUMAS DAS PRINCIPAIS FIRMAS QUE COLABORARAM NESTA OBRA



A marca preferida pelas grandes obras

SOLCRIS... É UM ESTORE!

PORTO - TEL. 25150 - L/ 60112 LISBOA - A. BEJA, TEL. 844444

A Central Telefónica Automática de 22 linhas, da marca ATEA Bélgica foi fornecida por

ESTABELECIMENTOS HEROLD, S.A.R.L.

que forneceu também a corticite para os pavimentos

RUA DOS FANQUEIROS, 278, 5.º — TEL. 24221 — LISBOA

Os pavimentos plásticos tipo «Linoleum» foram fornecidos e aplicados por

L.O.A.L. LUPI, OREY & ALEGRIA, LDA.
L. do Carmo, 15, r/c. D. — Tel. 30415 — Lisboa

COLAS RÁPIDAS • MATERIAIS DE REVESTIMENTO • CANDEEIROS MODERNOS • PERGAMOIDES • PERFIS DE ALUMÍNIO, ETC.

PIRELLI Revestimentos

Representantes: R. S. CONTRERAS, LDA.

RUA DO TELHAL, 4-B — TELEFS. 29587 - 33400 — LISBOA

Joko Lda FORNECEDORES DOS ESTOFOS MODERNOS PARA TODO O MOBILIÁRIO

DECORADORES

Mobiliário • Estofos • Tapetes

RUA IVENS 44 — TELEFONE 28089 — LISBOA

SEEL

Arquivos, ficheiros e estantes metálicas

Soc. Equipamento de Escritório, Lda.

P. DOS RESTAURADORES, 53-1.º — TEL. 24986 — LISBOA

Todos os trabalhos de marcenaria foram executados por

ARTUR CAMPOS, LDA.

RUA JOÃO DE OLIVEIRA MIGUÉNS, 38 — TEL. 667761 — LISBOA

Pinturas executadas por

AFONSO CAPELA-LUCINIO BATISTA VICENTE

R. ALMIRANTE BARROSO, 30-3.º — TEL. 44753
R. AUGUSTO GIL, 31-2.º ESQ. — TEL. 76 62 68
LISBOA

A instalação de aquecimento foi executada pela

Sitel SOCIEDADE INSTALADORES TÉRMICOS REUNIDOS, LDA.

AQUECIMENTO — AR CONDICIONADO
VENTILAÇÃO — REFRIGERAÇÃO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 7-A — Tels. 41110 - 45301 — Lisboa

SILANTO LIMITADA

MATERIAIS DE REVESTIMENTOS
COLAS E ADESIVOS INDUSTRIAIS
PERFIS DE ALUMÍNIO E PLÁSTICOS

R. DUQUE DE PALMELA, 27-D/Tel. 50048-46534—LISBOA
PORTO — R. DE CEUTA, 83, 1.º-ESQ. TEL. 3 26 64

ESTUQUES

JOÃO DE OLIVEIRA

RUA FEIO TERENAS, 12 — TEL. 84 59 43 — LISBOA

As armaduras e gambiarras de iluminação foram executadas por

SEBASTIANO & LIMA, LDA.

FÁBRICA DE ARTIGOS PLÁSTICOS

RUA D. DOMINGOS JARDO, 17-A (ao Alto de S. João) — TEL. 849421 - LISBOA

ELO

DESPORTOS

Um comunicado do Sporting sobre o jogador Vadinho

A direcção do Sporting enviou-nos um comunicado sobre a situação de Vadinho no qual se definem os variados aspectos que provocaram algumas más interpretações e se esclarece devidamente a massa associativa do clube, por forma a defender a disciplina da colectividade.

Entre o jogador e o clube foi celebrado um acordo que cada uma das partes tem obrigação de respeitar integralmente, enquanto por mutuo acordo não for modificado ou alterado, hipótese que não se verificou, embora intervenções diversas, nem sempre concordantes, tivessem originado certas desinteligências que foram devidamente aplanadas.

A demora de Vadinho, no Brasil, onde foi em gozo de férias, não foi intencional e não representou deliberada violação do acordo firmado, o que todavia não isenta o jogador de culpa.

A direcção do Sporting resolveu proceder de harmonia com os interesses de ordem moral e material que estão em causa.

HOJE, À NOITE

Badminton — A's 21 horas, no ginásio da Escola Nuno Gonçalves: Direito-Sporting e Técnico-Triangulo; no ginásio do Liceu Gil Vicente, á mesma hora, Lisboa Ginásio-Benfica. Para o torneio da 2.ª divisão, jogam Oeiras-Sporting, no Liceu de Oeiras.

Basquetebol — Em S. Gens, ás 22 horas, Maria Pia-Carnide, para o regional da 2.ª divisão.

Desp. Olivais — Assembleia geral para eleição dos corpos gerentes.

Hóquei em patins — No Palácio dos Desportos, no Porto, a partir das 20,45 horas, prossegue o campeonato nacional com os jogos: Infante Sagres-Oeiras; Famalicense-Benfica, Académico-Paço de Arcos e Estrela Vigorosa-Sintra.

Xadrez — Principia no Sporting, ás 21 horas, o campeonato interno de 1.ª categoria e termina o do Alekhine.

ISAAC PAIS

segue para o Brasil

O nosso prezado colaborador, da secção desportiva, sr. Isaac Pais, parte amanhã para Belém (Brasil), onde fixará residência.

O estimado camarada, cujas qualidades de carácter e competência técnica sempre se impuseram á consideração geral, embarca no paquete «Hilary» que sai amanhã da gare marítima de Alcantara pelas 17 horas.

A Isaac Pais apetecemos as melhores felicidades.

NOTÍCIAS VÁRIAS

O Argentino Forneri volta a representar o Torriense

Finalmente, o Torriense voltará a contar com o concurso do argentino Forneri que no principio da época não chegou a entendimento com o clube. Forneri firmará um contrato válido por uma época, actuando com a carta de desobrigação na mão.

«Dia do Atlético»

Amanhã, por ocasião do jogo com o Oriental, os sócios do clube alcantarense terão de munir-se de um bilhete especial, visto ser o «Dia do Atlético».

O «Estatuto do Jogador»

A F. P. F. informa-nos que a pedido de várias associações concordou em prorrogar até 31 do corrente o prazo para a apreciação do projecto de bases do «Estatuto do jogador».

AUTOMOBILISMO

AUCKLAND, 10. — O Grande Prémio Automóvel da Nova Zelandia, disputado hoje em 75 voltas do circuito de 3.200 kms., de Ardmore, foi ganho por Stirling Moss, em «Cooper», seguido pelo australiano Jack Brabham, o neo-zelandês Mac Laren, o sueco Bonnier e o americano Harry Schell. — (F. P.).

Várias provas de amanhã

(Continuação da 6.ª página)

Campeonatos de juniores e infantis — SÉRIE A — Benfica-Belenenses, no Campo Grande, ás 10 e 11 horas; Sporting A-Cruzquebradense, no Sporting, ás 9 e 10; Sacavenense-Oriental, em Sacavém, ás 10 e 11; e Rio Seco-Física (juniores), no Rio Seco, ás 10; SÉRIE B — C. Ourique-Paço de Arcos, em C. Ourique, ás 10 e 11; Boa Hora-Algés, na Boa Hora, ás 10 e 11; Sporting B-Pedrouços, no Passadiço, ás 11 e 12; Liberdade-L. Ginásio (juniores), ás 10; SÉRIE C — Atlético-Campolide (juniores) e Atlético-Sporting (infantis), na Tapadinha, ás 10 e 11; Carnide-Nacional, em Carnide, ás 10 e 11; Alvalade-Quéluz (infantis), ás 11, no Ateneu e Moscavide-Ateneu (juniores), em Moscavide, ás 10; SÉRIE D — Em juniores: Benfica B-Combatentes, no Campo Grande, ás 9; Algés B-Tabacos, em Algés, ás 10 e Casa Pia-C. D. U. L., no Porto de Lisboa, ás 11.

CORTA-MATO

Campeonato nacional de principiantes (individual e por equipas), nos terrenos do Estádio Nacional, ás 10 e 30 h. corrida de 12.000 metros, para seniores e juniores, com vista á formação da equipa para o «Cross» de San Sebastian.

«CROSS» CICLO-PEDESTRE

O Benfica promove uma prova de «cross» ciclo-pedestre, nos terrenos anexos ao Estádio da Luz, ás 10 horas.

DESPORTO CORPORATIVO

Campeonato nacional de futebol (distrito de Lisboa). *1.ª Divisão — (Jogo atrasado)*—C. P. Pesca-Comp. Carris, em Belém, ás 11 h.

2.ª Divisão — Série B (10.ª jornada) — Ar Liquido-Cinema Condes, Fábrica Simões — Standard Eléctrica e Bairro de Carenque-Simca, em Belém, ás 9, 11 e 15 h.; S. C. Cervejas-A. C. Sueca, na Picheleira, ás 15 h. *Série C (8.ª jornada)* — Teod. Santos-C. Monsanto, em Belém, ás 13 h.; F. C. Regina-C. N. Electricidade e Prof. Comércio-S. N. Panificação, na Picheleira, ás 9 e ás 13 horas.

HANDEBOL

O F. C. Porto em Espanha na «Taça dos Campeões»

Já se encontra em Espanha, onde amanhã defrontará o Gronollers, campeão do país vizinho, para a Taça dos Campeões Europeus, o grupo português de handebol de onze do F. C. do Porto, campeão português.

E' um encontro para a eliminatória desta série entre os dois países, a efectuar numa só «mão». O vencedor defrontará, depois, o campeão de outra série.

HANDEBOL

Campeonato da Divisão de Honra (2.ª jornada da 2.ª volta)—Oriental-Almada, no campo «Eng.º Carlos Salema», ás 10 h. (2.ª cat.) e 11 e 30 h. (1.ª cat.); Sporting-Liberdade F. C. no Estádio Alvalade (treinos), ás 9 e 30 h. (1.ª cat.); Alverca-Glória, em Alverca, ás 15 h. (1.ª cat.); Benfica-Belenenses, no Campo Grande, ás 14 h. (2.ª cat.) e 15 e 30 h. (1.ª cat.).

Campeonato da 1.ª Divisão (5.ª e ultima jornada da 2.ª volta)—Alhandra-R. Janeiro, em Alhandra, ás 10 e 30 h.; Ginásio do Sul-Acad. Amadora, no campo da Mutela, ás 10 h.; Hóquei-Cova da Piedade, na Cova Piedade, ás 12 h.

Campeonato de juniores (2.ª jornada da 1.ª volta) — Belenenses-Sporting, no Restelo; Oriental-Almada, no campo «Eng. Carlos Salema»; Cova da Piedade-Benfica, na Cova da Piedade — todos ás 9 h.

HÓQUEI EM CAMPO

Jogos da 5.ª e ultima jornada do Campeonato de Lisboa—Belenenses-Hóquei C. P., no Restelo, ás 12 h.; Fut. Benfica-Atlético, em Francisco Lázaro», ás 8 e 45 h. (res.) e 10 e 15 h. (h.); E. Amadora-S. L. Benfica, na Amadora, ás 11 horas.

HOQUEI EM PATINS

Campeonato nacional (fase final). 4.ª jornada: Académico-Benfica, Vigorosa-Oeiras, Infante Sagres-Sintra e Famalicense-Paço de Arcos. *5.ª jornada:* Famalicense-Sintra, Infante Sagres-P. Arcos, Vigorosa-Benfica e Académico-Oeiras. Todos os jogos se efectuam no Pavilhão dos Desportos, do Porto — a 4.ª jornada, ás 9 e 30 h.; a 5.ª, ás 20 e 45 horas.

TÉNIS DE MESA

Campeonato de Lisboa (infantis): Série A — Benfica B-Mirantense B; Benfica A-Sporting A; Estoril-Ateneu. *Série B* — Arroios A-Belenenses; Benfica C-Mirantense A; Académico-C. Católica — Todos nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 horas.

Recordações de um Moçambicano

(Continuação da página central)

que o sr. Xavier de Melo contratava pretos, para o Transvaal, havia inquietação em Moçambique. Havia lá muitos Ingleses. Mas no Transvaal pagavam bem aos pretos portugueses: ao fim de um ano de bem alimetnados e bem tratados, regressavam com trinta libras de ouro que só não chegavam á sua palhota, porque, pelo caminho, os pobres pretos deixavam tudo nas mãos dos asiáticos. E assim tinham de voltar ás minas de ouro — quantos clandestinamente! — onde tantas vezes tuberculizavam, vítimas do clima, sobretudo.

Hoje, muita coisa mudou na sua terra. Para melhor, sem duvida. Mas a figura maior de Moçambique para o sr. Xavier de Melo, continua a ser o grande Mouzinho: não só o cabo de guerra; sobretudo o administrador. Foi ele que deu a Moçambique moeda portuguesa, visto que lá corriam, inexplicávelmente, os pesos mexicanos (860 reis) as rupias inglesas (830) que se levavam gravação especial valiam 450. E, então, as fortunas que se fizeram! Bastava um simples «carimbo» para lhes aumentar o valor...

Mouzinho, porém, deu moedas de prata, prata autêntica á provincia (mil reis e 500 reis) custaram ao sr. Melo muitas vigilias na repartição, para as trocar pela moeda circulante. Hoje, essas moedas são o enfeite disputado das indigenas. Fazem com elas cintos valiosos.

Outras medidas, aliás, de administração, deixou Mouzinho. O sr. Xavier de Melo recorda-as: o registo da contribuição industrial, o imposto de palhota, que perdura, embora mais elevado, porque o indigena se nega ao pagamento do imposto profissional...

E outros? Que outros homens grandes passaram pela sua vida?

O sr. Xavier de Melo lembra-se de Brito Camacho, comissário régio — «que grande humorista ele era!» — que ao pretender alterar a contribuição industrial se encontrou a braços com uma greve, pois o indigena é refractário a pagar... António Enes não foi também um grande administrador?

Joaquim José Machado fez as lindas cidades de Lobito e Beira, estabelecendo a primeira carreira maritima entre esta e Moçambique. Ferreira de Andrade foi o «governador da transição» entre os dois regimes e continuou trabalhos de delimitação de fronteiras.

E Pereira Coutinho? E o seu amigo capitão Furtado Montanha, unico heroi de Nevala? E Eduardo Costa? E Neutel de Abreu?

— Conhecia-os a todos! Podia escrever-lhes a história, sr. Xavier de Melo. Podia repor muita coisa na verdade, não é verdade?

O velho pioneiro recorda as campanhas de Africa. Afinal, que outra coisa, se não rebelião, podia acontecer? Castilho ganhou a campanha do Bongo, um potentado da Alta Zambézia, a cujas portas eram derrotadas as colunas vindas da India, combatendo contra as armas da Companhia do Niassa. Companhia Magestática, fornecia os insurrectos legalmente...

— Tudo gente e acontecimentos que passaram... — termina o sr. Xavier de Melo —. E eu também heide passar, claro. Mas não queria que assim fosse, antes da minha reabilitação...

A reforma das Faculdades de Letras

(Continuação da página central)

as funções do ensino médio — velha herança de que sofrem também organizações escolares alheias — conduz ao desfavor da formação psico-pedagógica dos mestres, *com prejuizo, até da tarefa tida por essencial no seu oficio:* a de ministrar saber. E' que nem isso se pode fazer bem feito.

Uma orgânica singular

O menosprezo daquela formação manifesta-se na singular organica das Faculdades ás quais tem sido básicamente cometida: as suas secções de Ciências Pedagógicas têm um reduzido elenco de disciplinas e a frequência não é consagrada por prova de licenciatura. E' situação de bastardia, em lugar onde os «concursos» e a abundancia enciclopédica das disciplinas parecem gozar de enlevada estima.

Não se aproveitou a remodelação das Faculdades de Letras para dar ás Secções de Ciências Pedagógicas a maioridade organica que ainda não têm, passados 28 anos sobre a sua louvável criação: «*Só as Ciências Pedagógicas não são objecto da presente reforma, pois entendeu-se que se deve aguardar a conclusão dos trabalhos em curso sobre o recrutamento do pessoal docente para o ensino secundário e do pessoal de orientação para o ensino primário*».

Se os «trabalhos em curso» se referem á criação do Instituto Superior de Educação, que quer a prudente expectativa significar? Que as Faculdades de Letras virão a renunciar inteiramente á formação pedagógica como cientifica dos futuros professores, entregando-se exclusivamente á formação de um escol de letrados, humanistas e investigadores? — Que renunciarão apenas á formação psico-pedagógica, reservando-se a sua preparação cientifica e literária? — Que cumularão uma e outra, mantendo-se, como estão, as suas anémicas secções de Ciências Pedagógicas?

Perguntas a que é árduo responder sem ter presente a configuração, ao menos nas suas linhas mestras, do fantasmático Instituto de Educação, já sonhado por Garrett, o da «educação nacional».

Faculdades de Letras e Instituto de Educação

O que ele vier a ser na sua organica e na sua função não poderá deixar de reflectir-se na organica e na função das Faculdades de Letras. — Pois que assim é ou assim parece, pergunta-se: foram elas remodeladas com conhecimento bastante da configuração, mais provável do Instituto, em termos de não vir a ser necessário rever de cima a baixo a estrutura que agora se pôs de pé? (1).

Toda a conjectura parece neste ponto legítima. Quem é do «métier» sabe que os estudos preparatórios da criação do aludido Instituto foram entregues ao catedrático Doutor Delfim Santos, com incumbência de observar estabelecimentos congéneres de alguns países da Europa Ocidental.

E' oportuno registar declarações feitas por esse professor em conferência publica sobre «formação de professores», notável a muitos títulos e em qualquer parte, proferida no Liceu Normal de Lisboa em Março do ano transacto.

Em «*domínio em que, aliás, em Portugal todos se julgam competentes*» (*referia-se* a estudos de pedagogia e didáctica), «*para nenhuma medida de alcance pedagógico nacional foi até hoje ouvido o unico professor titulado como competente, que tem de limitar-se na sua cátedra a dizer como as coisas devem ser feitas enquanto outros as vão fazendo ao contrário*».

Julgo haver o direito de tirar destas palavras, proferidas aliás com intenção genérica, como decorre do contexto de onde as separei, a conclusão seguinte: o unico professor que o Estado reconhece como catedrático de Pedagogia e a quem confiou a missão que se referiu acima não participou da elaboração da reforma das Faculdades de Letras.

Ora, no respectivo plano de estudos incluem-se secções de Ciências Pedagógicas ás quais se atribui, além de outras, função análoga ou concorrente da de que, entre outras também, o planeado I. S. E. será presumivelmente investido: formar «*pessoal docente para os ensinos secundários e pessoal de orientação para o ensino primário*», para dizer como o texto da reforma em exame.

Como se preparam reformas de ensino?

Somos assim conduzidos a nova pergunta, de ambito mais genérico: na fase de estudos das reformas escolares, tem sido suficientemente acautelada a necessidade de coordenar interesses e exigências de sectores e patamares diversos do ensino português, no qual se desejaria uma coesão, uma continuidade organica que ainda não tem?

Observador interessado, por imperativos de profissão e de cidadania, das coisas do nosso ensino, regozijei-me, até publicamente, com a planeada unificação dos ciclos preparatórios dos Liceus e das Escolas Técnicas, primeiro passo para o prolongamento da nossa escolaridade de base até 6 anos.

O que se pretende, virá a ser, talvez, a obra de mais largo fôlego e alcance do «tandem» que governa a Educação Nacional —, se puder levá-la a cabo, mediante dotações e outros recursos eficazes, não apenas no plano administrativo e pedagógico, mas também no social.

Para o efeito, foi já nomeada uma comissão de estudos formada de professores daqueles sectores de ensino (liceal e técnico). Por inspiração do ministro, dirigiu consultas através os reitores, directores de Escolas Técnicas e de Colégios, aos seus professores; o modo como uns e outros entenderam a colaboração pedida prestava-se a reflexões nem sempre lisonjeiras para a consciência profissional e cívica de alguns dos interessados na matéria: forneceram, com o seu alheamento do que lhes dizia respeito, bons argumentos aos que preferem deliberar sobre problemas nacionais em sistema de vaso fechado, com desdem de opiniões que têm por inteiramente dispensáveis.

Como é questão marginal, não me demoro nela e volto aonde estava: á necessidade de coordenar os interesses e exigências dos diversos sectores e graus de ensino.

Pois bem: estranha-se que da Comissão para a unificação do 1.º ciclo dos liceus e do ciclo preparatório das Escolas Técnicas, prolongamento natural do ensino primário, não façam parte professores deste ensino, ou quem legítimamente os represente.

Tanto mais que estão em curso (ou já concluidos?) os estudos da reforma dos programas do ensino primário em que, provávelmente, não colaboram também professores dos ensinos liceal e técnico!

Como se estranha ainda que não tenha sido pedida, que eu saiba, a colaboração, directa ou indirecta, de mestres dos ensinos secundários na reforma das Faculdades de Letras, onde se vem processando a sua formação profissional, e á qual poderiam trazer o préstimo da sua experiência discente e docente.

Estão evidentemente fora de causa o zelo, a competência no domínio que é seu e a vontade de acertar dos que compuseram ou compõem todas essas comissões. O que se põe em duvida é a possibilidade de acerto quando a intuição divinatória é chamada a suprir a experiência directa que se não tem.

R. G.

(CONTINUA)

(1) Tal como, em outro plano, mas análogamente, parece necessário rever os planos arquitectónicos do edificio da Faculdade de Letras de Lisboa, que, inaugurado, se revela já insuficiente para albergar uma população escolar, cujo acréscimo nos ultimos 10 anos foi de cerca de 30 %.

GARANTIDO
RÁPIDO
INOLVIDÁVEL
PERFEITO
EXCEPCIONAL
GRIPE
SÓ
ASPIROQUINAL
EM TODAS AS FARMÁCIAS

Finalmente açorda de sável no RIBATEJANO — Salvaterra de Magos.

Sobretudos 1959

MODELO FRANCÊS

- SOBRETUDOS DE ALTA CATEGORIA E CONFECÇÃO ESMERADA
- FORROS DE CETIM NA COR DE ANTRACITE
- PREÇOS AO SEU AGRADO
- GRANDE SORTIDO EM PADRÕES

EXCLUSIVOS DE

Adão Camiseiros

234, R. AUGUSTA, 240

LISBOA

O CLUBE INTERNACIONAL DO DISCO

tem o prazer de comunicar aos seus associados, amigos e a todos os amadores de música, que acaba de firmar um contrato de mútua colaboração com a JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA, cujos benefícios serão notáveis para os sócios de ambas as Entidades.

Em primeiro lugar, será inaugurada na sede da **Juventude Musical Portuguesa,** Rua Rosa Araújo, 6, 3.º, uma discoteca bem fornecida e variada, onde se realizarão concertos e audições; também ali se aceitarão inscrições de novos sócios e poderão ser adquiridos discos microgravados, gira-discos electrofones de alta fidelidade, a custo reduzido — preço-Clube — quer pelos sócios da J. M. P. quer pelos sócios do CID.

Comunica-se também a todos os novos sócios do CID, que ainda não puderam receber o disco-brinde devido à grande acumulação de inscrições durante as Festas, que em breve lhes será remetido, só então devendo ser pagas as suas quotas; porém, a todos será enviada a documentação completa de sócio, a fim de poderem adquirir, ao preço-Clube, os discos que pretendam das selecções do CID, de música clássica, de jazz e ligeira e beneficiar do dividendo extraordinário do Natal que, em atenção aos novos sócios, será válido até 25 do corrente.

Finalmente, lembra-se aos sócios, que podem solicitar do Clube todos os serviços e informações, pelos telefones 42151 - 42152 - 43366, inclusivamente o envio de discos ao domicílio, que, para os residentes em Lisboa, serão entregues imediatamente por um «groom»; também e sempre que o queiram, poderão ouvir no Clube imediatamente os discos das suas Selecções antes de os adquirirem.

DINHEIRO

SOBRE AUTOMÓVEIS

Emprestamos a juro inferior ao da Lei e nas melhores condições. Rapidez na transacção e sigilo absoluto. «A LUZAFRICA» — Calçada do Carmo, 6, 2.º (Esquina do Rossio) — Telefs. 24524 e 368080.

CASA DA MADEIRA

A assembleia geral da Casa da Madeira elegeu os novos corpos gerentes, que têm como presidentes respectivamente, da direcção, da assembleia geral e do conselho fiscal, os srs. coronel Oscar Neto de Freitas e brigadeiros Vasco da Gama Rodrigues e Alberto Xavier França Dória.

Escavadora

SKODA, nova, 500 litros, vende-se em boas condições. CIM—Cacém Industrial Metalúrgico, Lda. — Tel. 094116 — Cacém.

DISCOS Mercury

AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Manuel Francisco de Sousa

FALECEU

Emília Garcia de Sousa, Henrique Garcia de Sousa, sua mulher e filha, e mais família, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da basílica da Estrela, para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA

TENENTE-CORONEL DA AERONÁUTICA

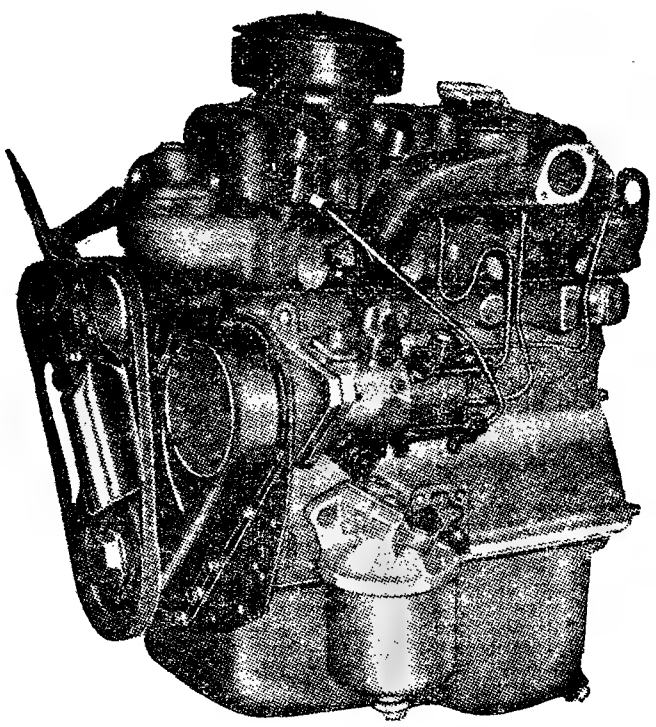
Alvaro Herculano Pinho da Cunha

FALECEU

Mário Raphael Pinho da Cunha, sua mulher, filhos, noras e genros, José Raphael Pinho da Cunha e sua mulher (ausentes) e mais família participam o falecimento de seu irmão, cunhado, tio e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 10,30, da capela do Hospital Militar Principal para o talhão da L. C. G. G. no cemitério do Alto de S. João.

O NOVO PERKINS "FOUR 99"

NA VANGUARDA DE TODOS OS MOTORES DIESEL



Especialmente indicado, pela sua resistência e baixo consumo, para «táxis» e carros comerciais pequenos.

43 HP. a 4.000 r. p. m.

Peso: 200 kgs.

Consumo: 5/6 litros aos 100 quilómetros.

Peça uma demonstração aos

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

AUTO INDUSTRIAL, LDA.

COIMBRA — LISBOA — PORTO — LEIRIA

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — I. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.as, 4.as e 6.as), 16 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sifilis (2.as, 4.as e 6.as), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.as, 5.as e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

CILINDROS

COMPRESSORES DE ESTRADAS

Marca SKODA, tipo NV 7 e NV 10, pesos 7.200 e 10.700 kgs. motores de 20 e 30 CV. de arranque eléctricos, vendem-se em boas condições — C. I. M. Cacém Industrial Metalúrgico, Limitada — Telefone 094116 — Cacém.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

calor produzido é maior do que a subtraída, a temperatura do organismo sobe. Quando é inferior ás perdas, resulta daí um abaixamento progressivo, grave, podendo ocasionar a morte. Em compensação, existe uma temperatura média, que é o justo equilíbrio entre a produção e a perda. Regista-se um ponto de neutralidade térmica: o chamado zero térmico.

Num ambiente calmo de laboratório, e não só calmo, mas também controlado, a temperatura afloraria os 24º centigrados.

A temperatura do homem é, aproximadamente, de 37º; verifica-se, pois, uma diferença de 13º entre aquele e o meio ambiente. Um homem nu e imóvel pode permanecer, durante muitas horas, num ambiente de ar calmo, inferior a 20º, sem alterações da temperatura central.

O ponto de neutralidade térmica varia com a condutibilidade do meio. A atmosfera é má condutora do calor, propriedade esta bem conhecida dos fabricantes de tecidos, encarregados de proteger e enfeitar o pobre corpo humano.

Os líquidos são bons condutores do calor. O zero térmico da água não se encontra muito distante da temperatura do corpo. Vacila entre os 36º e 35º. Corresponde á temperatura dos banhos neutros. Utilizam-se estas propriedades condutoras da água para estimular reacções vasomotoras intensas nas curas de hidroterapia.

A intranquilidade do meio desempenha papel importante e explica a acção renovadora e refrescante das correntes de ar e vento. Esta persistente acção do vento é muito importante: um indivíduo nu a uma temperatura de 9º, batido por vento com a velocidade de 1 m., 20 por segundo, perde 134 calorias; a 4º, vento com a velocidade de 4 m., perde 313 calorias.

O homem suporta, sem prejuízo de monta, a perda de 3 calorias por minuto. Superiormente organizado, adapta-se com facilidade ao meio, pois possui grande elasticidade. Para que esta se mantenha necessário é que, em plena renascença dos sentidos, viva num ambiente cuja temperatura seja vizinha do zero térmico.

O aquecimento central, na opinião de alguns sanitaristas, fornece o ambiente ideal, mantendo íntegras as faculdades de trabalho.

O frio, porém, nem sempre é nocivo. O mecanismo regulador da temperatura não deve ser forçado a um grande repouso. Se o for, não reagirá quando as circunstâncias o obriguem a inesperada actividade.

Todos conhecem este facto: pessoas que, durante longos anos, viveram em países quentes suportam mal os ambientes adversos. Levam seu tempo a adaptar-se.

Pequenas mudanças de temperatura possuem uma acção estimulante. O frio moderado é um excitante psíquico, fisiológico e normal da nutrição. O homem adapta-se com facilidade ao frio. De que maneira? Sem alardes de erudição, tudo se passa deste modo: da superfície da pele partem as sensações de calor e de frio. São encaminhadas e concentram-se nos centros térmicos superiores que, em seguida, as devolvem á pele. Trata-se de um arco reflexo de tipo mais ou menos longo. As ordens emanadas dos tais centros superiores provocam reacções cutâneas: suor, eriçamento dos pêlos, fenómenos vasomotores. O frio actua sobre os capilares, aperta-os; o calor dilata e activa os seus movimentos. A circulação capilar é profundamente atingida, sendo o a arteríola mais do que a vénula. A pele torna-se rosada e dolorosa. Quando esta reacção se agrava, os músculos entram em actividade. O movimento produz calor e o equilíbrio térmico é restabelecido. A actividade química dos órgãos profundos (fígado, supra-renal) aumenta. Então, todas as glândulas de secreção interna participam do mecanismo, pois são mobilizadas. Não existe um padrão típico. Cada indivíduo reage á sua maneira.

Verifica-se, em primeiro lugar, uma vasoconstrição periférica acentuada, seguida de uma vasodilatação compensadora. Quando, porém, o indivíduo é alérgico a baixas temperaturas, a pele torna-se marmórea, violácea e depois rosa-pálido. Registam-se dores das extremidades arrefecidas e insensibilidade ao toque. Todo o sistema se encontra comprometido, paralisado. A primeira grande sensação verifica-se ao longo da coluna, na vizinhança dos centros nervosos. O tremor que se segue, defesa do organismo, é uma forma involuntária do aquecimento — calor produzido pelo movimento do corpo. Quando a temperatura continua a descer, o frio atinge os ossos, diz o povo, e com carradas de razão.

A raça branca, ao contrário do que ainda hoje sucede com as tribos selvagens da América do Sul ou com os habitantes da Terra do Fogo, perdeu a faculdade de adaptação, pelo que sofre e se encolhe com as bruscas variações do clima, necessitando, portanto, de pôr á prova seu mecanismo regulador. O frio é ainda o grande remédio — contra o frio. A protecção passiva não satisfaz inteiramente o organismo. Qual o processo fácil de treinar esse mecanismo? A hidroterapia constitui, de per si, uma óptima vacina contra a friagem.

Sentir mais ou menos frio assenta num sistema complexo, íntimamente ligado á termogenese e á termo-regulação.

Cada animal reage de maneira diferente. Os conhecimentos sobre a fisiologia da pele estão recheados de lacunas.

O homem nasceu para crescer ao ar livre. E' o ar atmosférico que aumenta a resistência ás infecções, ajuda e ampara os organismos jovens, estimula e activa a nutrição e mantém o equilíbrio da vida, constituindo ao mesmo tempo um elemento oxidante e um alimento azotado. Assim, as alterações do campo eléctrico modificam o metabolismo dos animais e dos vegetais.

A aereação contínua e o banho-de-ar são imprescindíveis á vida. Os enfermos melhoram, readquirindo possibilidades julgadas perdidas para sempre. As curas sanatoriais, verificadas todos os dias, alterando a marcha fatal da afecção, bem o provam e certificam. Esta realidade, apesar do advento das chamadas drogas miraculosas, é ainda hoje indiscutível.

O banho-de-ar e a hidroterapia completam-se. O primeiro, «luftblatter» dos alemães, foi aconselhado por Riki e Finzen, quando defenderam o critério de ser o ar mais importante do que a luz e o Sol.

O homem necessita de ar e de luz para o equilíbrio da saúde e também para adquirir uma sensação psíquica de euforia, caracterizada pela alegria de viver; sensação de força; aumento do coeficiente de absorção dos alimentos, fixação de elementos minerais, além do abaixamento da pressão arterial, aumento da amplitude respiratória, sedação nervosa, regularização do sono, equilíbrio do metabolismo das glândulas de secreção interna e notável acção sobre os elementos figurados do sangue.

Ar e luz para todos — não é pedir muito!

A. d'E.

Relatórios bancários

Foi superior a 75 mil contos a receita total do Banco Lisboa & Açores em 1958

Os relatórios bancários assinalam no princípio de cada ano a continuidade da missão nacional de instituições que desempenham na vida económica e social do País papel da mais relevante importancia. Nas funções do depósito, do crédito, do investimento, da movimentação do mercado financeiro, cabem aos Bancos comerciais responsabilidades que o incremento da riqueza colectiva e das actividades gerais tende a alargar progressivamente. O balanço do Banco Lisboa & Açores, agora divulgado, atesta e documenta a presença criadora deste estabelecimento na evolução do País, revelando a evidência de seguros progressos nos seus serviços e nos seus resultados.

Os depósitos á ordem aumentaram sensivelmente em 1958, em contrapartida da diminuição verificada nos depósitos a prazo, por efeito da concorrência de taxas economicamente indesejáveis. A conta de ganhos e perdas acusa o resultado total de 75.771 contos nas receitas, acrescidas de 342 contos do saldo remanescente do ano anterior. Como os encargos se elevaram a 57.581 contos — englobando 38.529 em despesas administrativas, de expediente e amortizações, 3.319 em contribuições e impostos e 15.731 de juros e comissões — o saldo final foi de 18.532 contos, em cifra arredondada. Deduzidas as atribuições para Fundo de Reserva e outros fins, o saldo líquido do Banco Lisboa & Açores fixou-se em 16.604 contos. O conselho de administração propõe que, dessa verba, sejam retirados 6.400 contos para dividendos, 6.090 para reserva variável e 4.000 para reserva de amortização de edifícios, transitando para conta nova o pequeno remanescente.

A política de inclusão nas reservas da maior parte dos lucros do exercício continua sendo inspirada, na administração deste prestigioso organismo bancário, pelo desígnio de fortalecer a salvaguarda do capital nele investido e pelo propósito de acautelar eventuais desvalorizações pela perda do poder de aquisição do dinheiro em prazos mais ou menos longos. E' importante salientar que as reservas do Banco Lisboa & Açores ficam elevadas a 93.000 contos no final deste exercício de 1958.

Do largo ambito em que se desenvolvem as actividades do Banco dá expressão significativa o balanço geral, que alcançou no final do exercício o montante de 3.638.400 contos. O dinheiro em cofre ou depositado em outros bancos somava em 31 de Dezembro findo 297.260 contos; a carteira de títulos atingia a verba de 54.239 contos; a carteira comercial elevou-se a 1.113.220 contos; os empréstimos caucionados atingiram o montante de 136.272 contos e a carteira de devedores gerais subiu a 162.264 contos. Registem-se, ainda, as verbas de 705.337 contos em cauções, de 585.465 em valores depositados e de 319.472 em contas de ordem.

O Banco Lisboa & Açores continua a desempenhar, como se deduz desta notícia sumária, um papel de relevo na sociedade económica portuguesa. Para isso contribuem decisivamente a sua criteriosa e ponderada administração, bem como a posição valiosa que tem assumido no desenvolvimento geral do País.

O introito do relatório de 1958 apresenta uma breve mas esclarecedora análise da conjuntura mundial ao findar do ano. Como se afirma nessa passagem, embora limitada aos não residentes e ás transacções correntes, a convertibilidade das moedas representa um progresso nítido no sentido da normalização das liquidações internacionais e vai, certamente, contribuir para restituir ao mercado monetário de Londres a importancia que lhe coube no passado.

Refere-se, ainda, ás pouco animadoras perspectivas que envolvem a projectada Zona Europeia de Comércio Livre e á recuperação económica nos Estados Unidos, não deixando sem sobreaviso a possibilidade de novo surto inflacionista consequente de um progresso muito rápido.

No plano nacional assinala o relatório o início de execução do II Plano de Fomento, a criação do Banco que o apoiará e a nova redistribuição do rendimento nacional que resulta do aumento dos vencimentos do funcionalismo público e da anunciada reforma fiscal. A incidência destas medidas no consumo e nos investimentos não deixará de se reflectir favoravelmente na produção, contribuindo para a elevação do nível de vida do País. A solidez das nossas reservas permite-nos encarar com optimismo possíveis repercussões sobre a balança de pagamentos. Com efeito, não obstante os habituais «déficits» das balanças comerciais, as reservas vêm crescendo quase ininterruptamente. A convertibilidade do Escudo existia já praticamente. Nestas condições, a convertibilidade das principais moedas europeias e a consequente extinção da U. E. P. não trouxeram ao País qualquer perturbação fundamental e apenas nos forçaram a uma modificação do regime cambial.

O Banco Lisboa & Açores prossegue seguramente a sua carreira como activo e eficiente colaborador do progresso económico nacional, administrando exemplarmente os recursos que lhe são confiados.

NOVA FREGUESIA

No concelho de Nisa, foi criada a freguesia de Santana, com sede na povoação de Monte do Duque.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

Um crime perfeito que não seria descoberto...

Texto integral da narrativa de BILLY ROSE

Já lá vão alguns anos. Óscar Parkes, funcionário de um estabelecimento de corretores de Nova York, foi designado para administrar os bens da senhora Genevieve Knowland, jovem rica, que vivia no vizinho Estado de Nova Jersey, paralisada por incurável doença dos ossos.

Logo na primeira visita, ele causou-lhe a melhor impressão, deixando a infeliz criatura encantada. Pouco tempo depois, era convidado a passar um fim-de-semana, na mansão da enferma. E, decorridos seis meses, pediu-a em casamento.—«Isto pode não ser um romance como nos livros» — pensava Óscar —, «mas ambos sabemos o que desejamos na vida. Agrada-me a sua companhia e sinto prazer em auxiliá-la. Acho que faremos bem um ao outro».

Depois do casamento, Parkes mostrou-se incansável nos seus desvelos pela esposa doente. Zelava-lhe os bens com todo o interesse e muita perícia, e insistia até em contribuir com a sua parte para as despesas na manutenção da casa. No segundo ano de casados, Genevieve alterou o testamento, tornando-o seu unico herdeiro. Então, Parkes decidiu executar o plano que engendrara nas suas recônditas e torvas cogitações, desde o primeiro encontro com Genevieve Knowland, e consistia em matá-la.

Acontecia ainda que ele tinha em Nova York uma amiga, chamada Rita, a qual começava a impacientar-se, ameaçando de procurar um homem com fortuna equivalente á da mulher de Parkes. — «O crime perfeito» — pensou ele, de si para si —, «não é aquele que despista a Polícia, mas aquele do qual a Polícia nunca vem a saber. Vamos, pois, estudá-lo em todos os pormenores, passo a passo!».

O primeiro passo seria falar á esposa sobre um novo tratamento que certo especialista belga descobrira para as doenças ósseas, e levá-la a concordar em acompanhá-lo á Europa. Sensibilizada com a solicitude do marido, Genevieve aprovou esse projecto.

O segundo passo seria comunicar aos amigos que partiriam a nove de Outubro, dois dias após o segundo aniversário do casamento, e sugerir-lhes que, atendendo ao estado de nervos de Genevieve, nenhum deles compareceria á despedida.

O terceiro passo seria informar os criados de que a casa ficaria fechada, dispensando-os.

Restava unicamente matar a mulher, na noite de sete, desfazer-se do cadáver, partir, de automóvel para Nova York, na manhã seguinte, encontrar-se com Rita, inscreverem-se ambos num hotel como o casal Parkes, e embarcar, no outro dia, para a Europa. Um mês depois, telegrafaria infirmando da morte da mulher, cujas cinzas levaria de regresso aos Estados Unidos.

* * *

Na noite do crime, Parkes pagou os ultimos salários aos serviçais e, dirigindo-se ao quarto onde a esposa repousava, sentou-se na cama ao lado. Ela tinha os olhos semi-cerrados e um sorriso no rosto, quando lhe apertou o pescoço com ambas as mãos. A's duas horas da madrugada carregou com o cadáver para o automóvel, onde o acomodou no assento traseiro. E largou para Nova York.

A alguns quilómetros do local do crime, meteu por uma estrada marginal e parou o carro perto de um letreiro que indicava o recinto onde seria construido um prédio de apartamentos. Arrastando o corpo para junto de uma vala já quase pronta para se enraizarem os alicerces, aí o depositou, cobrindo-o com uma camada de terra solta. Sabia que, dentro de algumas horas, os camiões recuariam até àquele sítio e sepultariam o cadáver sob toneladas de aterro. Terminada a sinistra tarefa, Parkes prosseguiu no caminho para Nova York, onde descobriu Rita e se inscreveram no registo de um hotel.

* * *

Na tarde seguinte, tocaram á campainha do seu quarto. Ele abriu a porta e viu-se diante de dois homens.

—Somos da Polícia de Nova Jersey — disse-lhe um deles —. A senhora Parkes pode atender-nos?

—Ela não está neste momento— respondeu —. Saiu a fazer algumas compras.

—O senhor importa-se se esperarmos aqui?

Parkes sabia que tudo estava perdido: Rita estaria de volta daí a pouco. Mas em que ponto falhara o seu plano?

—Nada adianta simular — foi logo dizendo —. Confesso que matei minha mulher. Mas como é que os senhores souberam?

Os «detectives» entreolharam-se.

—Nós não sabiamos disso. O senhor é que nos confessou. Recebemos hoje, ainda muito cedo, uma carta esquisita, e o delegado mandou-nos investigar. Não encontrámos ninguém em sua casa. Procurámos, então, o mordomo, e ele disse-nos que a patroa lhe dera uma carta para deitar no correio pouco minutos antes de o senhor dizer que não precisava mais dele. Perguntámos-lhe onde o poderiamos encontrar, e ele informou-nos que o senhor, sempre que vinha a Nova York, costumava ficar neste hotel. Quer ler a carta?

* * *

A carta era dirigida á Polícia, nestes termos:

Não posso continuar assim: nada mais sou do que um fardo para o homem a quem amo. Nos ultimos tempos, os meus sofrimentos têm sido insuportáveis; e, uma vez que não sou de qualquer utilidade para ele, nem para mim, logo que termine esta carta tomarei uma forte dose de um soporífico, para libertar a nós ambos.

Espero que meu marido me perdoe, e aceite este triste presente no aniversário do nosso casamento, procurando compreender o espírito e a intenção com que o mesmo lhe é oferecido.

DE LUTO

(Continuação da 1.ª página)

uma brilhante carreira, a qual, ainda no início, distinguia a robusta inteligência do estudante, dos primeiros e mais premiados no seu curso, como foi, também, o primeiro classificado no curso comum de Engenharia e Artilharia e no de Artilharia a pé na Escola do Exército.

Licenciado em Matemática, pela Universidade de Lisboa, onde se doutorou, após brilhantíssimas provas, ascendeu ao corpo docente da Faculdade de Ciências, como assistente e depois professor catedrático, vindo a ser o seu director e representante no Senado Universitário, ao mesmo tempo que dirigia, com notável proficiência, o Observatório Astronómico daquele estabelecimento de ensino superior. Exerceu, também, a cátedra, como mestre sapiente e altamente considerado, na antiga Escola de Guerra e no Instituto Superior de Agronomia.

Oficial do Exército, com o curso de engenheiro fabril (era major, na situação de reserva), tomou parte na primeira Grande Guerra, em França, merecendo os mais expressivos louvores a sua acção como comandante da 3.ª bataria do C. A. P. I., do mesmo modo que os estudos do cientista, a obra do professor e a acção do estadista foi reconhecida e premiada com citações e outros louvores não menos significativos.

Eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, em 5-51938, tornava-se efectivo em 20-11-1941, ocupando a cadeira n.º 12, que pertencera a outro eminente cientista, o prof. dr. António dos Santos Lucas. Incluiam-no, também, entre os seus pares o Instituto de Coimbra, a União Geodésica e Geofísica Internacional, a União Astronómica Internacional, a Sociedade de Geografia. Fora agraciado com a grã-cruz da Ordem de Instrução Pública, a comenda da Ordem Militar de Avis, o grau de cavaleiro da Ordem de São Tiago da Espada, as medalhas da Vitória (da primeira Grande Guerra) e de comportamento militar, e ainda com a comenda de Afonso, o Sábio (Espanha).

E' vastíssima e muito valiosa a sua bibliografia, qui inclui, além das suas lições magistrais, trabalhos sobre alta matemática, cálculo, astronomia, cartografia, topografia e fotogrametria, etc.

Em 1926, quando o prof. José Gabriel Pinto Coelho atingiu o limite de idade, sucedeu-lhe nas funções de reitor da Universidade de Lisboa o prof. Vítor Hugo de Lemos, que tomou posse do cargo em 14 de Abril daquele ano e ainda se mantinha na elevada função.

Foi efémera a passagem do eminente cientista pela governação pública, mas assinalada, como acentuámos, pela marca da sua relevante personalidade e pelo espírito de independência. Sobraçou a pasta da Instrução Publica, durante o curto Governo presidido pelo general Ivens Ferraz, na qual foi empossado em 22 de Dezembro de 1929. Cinco anos antes, fora chefe do gabinete do ministro da mesma pasta, então o coronel Helder Ribeiro.

O funeral realiza-se amanhã

O prof. dr. Vítor Hugo Duarte de Lemos nasceu em Lisboa em 21 de Junho de 1894, contando, portanto, 64 anos. Doente há pouco mais de um mês, expirou esta manhã, ás 6 e 30, na sua casa da Rua de São Marçal, 9, 1.º, rodeado pelo carinho da família.

Deixa viuva, a sr.ª D. Maria Helena Pegado Barahona de Lemos; era pai da prof.ª dr.ª D. Maria Teresa Barahona de Lemos de Mençonça Ferreira e do sr. eng.º Humberto Luís Barahona de Lemos; irmão dos srs. eng.º João Martins de Lemos, coronel, tirocinado, Virgílio César Antunes de Lemos e Fernando Afonso Guerra Serra de Lemos; sogro da sr.ª D. Maria Manuela Ferrão Pereira de Barahona de Lemos e dosr. dr. João Humberto de Menenses Ferreira. Netos: Pedro, Luís Manuel e Ana Maria Pereira de Lemos; Maria Helena, João Maria e Maria Margarida de Lemos de Menezes Ferreira, todos estudantes.

O ataude com os restos mortais do reitor da Universidade de Lisboa foi trasladado, ao princípio da tarde, para a igreja das Mercês, de onde o funeral, a cargo da agência Magno, sairá amanhã, ás 15 horas, para jazigo no cemitério do Alto de São João.

Manifestações de pesar

Logo que foi conhecida a notícia do falecimento do prof. Vítor Hugo de Lemos, começaram a chegar a residência manifestações de pesar e ali foram inumeras personalidades apresentar condolências á familia enlutada. Estiveram o chefe do gabinete do ministro da Educação, dr. José Gomes Branco, representando o prof. Leite Pinto, ausente de Lisboa, durante a manhã; subsecretário daquela pasta, dr. Baltasar Rebelo de Sousa; o director-geral do Ensino Superior, dr. João de Almeida; profs. Moses Amzalak, reitor da Universidade Técnica; Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto de Alta Cultura; Pereira Forjaz, director da Faculdade de Ciências, Ramos e Costa e outros professores universitários, entidades oficiais, representações da Universidade, em especial da Faculdade de Siências, onde, como noutras Faculdades, se suspenderam as aulas, continuando a afluir muitas individualidades, até á hora da trasladação.

Nos estabelecimentos de ensino foram colocadas bandeiras a meia haste.

Foi adiada para segunda-feira, ás 10 horas, a primeira prova que o dr. Mário de Alenquer, director do Serviço de Tisiologia dos Hospitais Civis de Lisboa, devia prestar, hoje, na Faculdade de Medicina, no concurso para professor agregado de Medicina Interna, a cujo juri presidiria o reitor da Universidade, prof. Vítor Hugo de Lemos.

Foi também adiada a reunião de confraternização dos antigos alunos da Escola Politécnica, marcada para amanhã.

Tenente-coronel Alvaro Herculano Pinho da Cunha

Faleceu esta manhã, na sua residência, com 63 anos de idade, o sr. tenente-coronel da Aeronáutica, Alvaro Herculano Pinho da Cunha, que era natural de Lisboa, viuvo, e irmão do sr. coronel Mário Cunha, comandante-geral da Polícia de Segurança Publica.

O extinto desempenhou vários cargos na Aeronáutica, militar e civil, tendo sido director da D. E. T A., companhia moçambicana de aviação. Regressara há dois anos de Africa.

O corpo do sr. tenente-coronel Alvaro Herculano Pinho da Cunha, encontra-se na capela mortuária do Hospital Militar Principal, na Estrela, onde amanhã, ás 10 horas, será rezada missa, seguindo-se o funeral, para o cemitério do Alto de São João.

Ao sr. coronel Mário Cunha o «Diário de Lisboa» apresenta as suas condolências.

Manuel Francisco de Sousa

Faleceu o sr. Manuel Francisco de Sousa, natural de Vide (Seia), que contava 55 anos. O extinto, que era o mais antigo conferente marítimo da Sociedade Geral, entrara para a C. U. F em 1924.

Era casado com a sr.ª D. Emília Garcia de Sousa, pai do sr. Henrique Garcia de Sousa, guarda-livros, sogro da sr.ª D. Etelvina dos Santos Sousa e avô da menina Maria Helena dos Santos Sousa.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério da Ajuda.

D. Beatriz do Couto Vieira

Faleceu a sr.ª D. Beatriz do Couto Vieira, de 68 anos, proprietária, natural de Lisboa, viuva do sr. comandante Afonso Vieira Dionísio.

O funeral, a cargo da agência Barata, sai amanhã, ás 13 horas, da Rua Joaquim Casimiro, 2, 2.º, esq., em autofunebre, para o cemitério de São Martinho do Porto.

Emilio Ramos Santos

EVORA, 7. — Na sua residência, faleceu o sr. Emilio Ramos Santos, de 59 anos, natural de Formosella (Zamora), Espanha, comerciante em Evora há cerca de 40 anos. Deixa viuva a sr.ª D. Irene Alves Ramos e era pai dos srs. Manuel Ramos de Jesus, Emilio e Arnaldo Alves Ramos, e a sr.ª D. Lourdes Ramos de Jesus.

SUFRÁGIOS

Augusto Filipe Dionísio

A família do industrial e comerciante Augusto Filipe Dionísio manda celebrar missa, na próxima segunda-feira, ás 11 horas, na igreja dos Mártires, na passagem do 30.º dia do seu falecimento.

ADULTOS
3.ª e 4.ª classes—T. 862244
ESCOLA DE ADULTOS
Exames ráp. c/ dipl. garant.
L. Chão Loureiro, 1-2.º, 9-23 n.

MÉTODO MUNDIALMENTE CONHECIDO
BERLITZ-SCHOOL
INSTITUTO DE LÍNGUAS
Representantes em Portugal da Société Internationale des Écoles BERLITZ — Paris «Boulevard des Italiens», 31.
As inscrições estão abertas a partir de 5 de Janeiro, em Lisboa, Rua Sociedade Farmacêutica, 30-1.º (ao Conde Redondo), tel.: 54530.
✱ Professores de origem diplomados
✱ Lições individuais ou em grupos restritos
✱ Principiantes e avançados
✱ Conversação, cursos para intérpretes, correspondência comercial
✱ Os horários podem ser escolhidos para qualquer hora, entre as 9 e as 23 h.
✱ Os certificados passados pela BERLITZ-SCHOOL são reconhecidos em todo o Mundo.

GIORGIO
o grande sucesso do momento
por NELLA COLOMBO
em discos Durium
PHILCO
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7

Professor Doutor Victor Hugo Duarte Lemos

(Reitor da Universidade Clássica de Lisboa)

FALECEU

Maria Helena Pegado Barahona de Lemos, Humberto Luís Barahona de Lemos, sua mulher e filhos, Maria Tereza Barahona de Lemos Menezes Ferreira, seu marido e filhos, João Pereira Martins de Lemos e sua mulher, Virgilio César Antunes de Lemos, sua mulher e filhos, Fernando de Lemos e sua mulher, Maria da Conceição Pegado Barahona de Sá Viana Couceiro, seu marido e filhos, João Carlos Pegado Barahona e Costa e filhos, António Duarte Barahona e Costa, sua mulher e filha e mais família, participam o falecimento do seu querido e saudoso marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 15 horas, da igreja de Nossa Senhora das Mercês, onde o seu corpo se encontra depositado, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

Prof. Doutor Victor Hugo Duarte de Lemos

Reitor da Universidade de Lisboa

O Reitor da Universidade Técnica de Lisboa cumpre o doloroso dever de convidar os professores e estudantes desta Universidade a comparecer no funeral do seu eminente amigo e colega, Professor Doutor Victor Hugo Duarte de Lemos, Reitor da Universidade de Lisboa.

O Préstito funebre sairá amanhã, domingo, da Igreja das Mercês, ás 15 horas.

DISCOS Mercury
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

SINDICATO NACIONAL DOS CONSTRUTORES CIVIS

C. DO COMBRO, 127-2.º
Telef. 28416 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convocatória

Em conformidade com o art.º 24.º do Estatuto, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir no dia 15 de Janeiro de 1959, pelas 20,30 horas, em primeira convocação e com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Discussão e votação do relatório e contas da Direcção.

Não havendo numero legal de sócios, fica a mesma desde já convocada para as 21,30 horas daquele dia, reunindo legalmente com qualquer numero de sócios presentes.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1959.

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral
Adriano Guedes

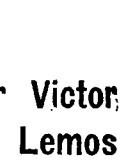
DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Professor Doutor Victor Hugo Duarte de Lemos

Presidente do Conselho de Administração de A SEGURADORA INDUSTRIAL

FALECEU

Os Corpos Gerentes de A SEGURADORA INDUSTRIAL — Companhia Nacional de Seguros — cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Colega Presidente do Conselho de Administração e que o funeral se realiza amanhã ás 15 horas, da Igreja das Mercês para jazigo de Família no Cemitério do Alto de S. João.



Professor Doutor Victor Hugo Duarte de Lemos

Presidente do Conselho de Administração de A SEGURADORA INDUSTRIAL

FALECEU

Os empregados de A SEGURADORA — Companhia Nacional de Seguros — cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Administrador Presidente e Delegado e que o funeral se realiza amanhã ás 15 horas, da Igreja das Mercês para Jazigo de Família no Cemitério do Alto de S. João.

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.), DE HOJE: — No continente português, o vento era fraco e o céu estava muito nublado, por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um anticiclone, centrado a Sudoeste da Madeira.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 8°; Coimbra, 10°; Lisboa, 12°; Faro, 13.°; Funchal, 14°.

PREVISÃO ATÉ' A'S 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ:—Céu encoberto, vento fraco predominando de Oeste, periodos de chuva e chuvisco, nevoeiro no litoral Oeste do continente e nos vales do interior.

HA TRINTA ANOS

Na Academia das Ciências fizera-se a transmissão de poderes presidenciais do sr. dr. Egas Moniz para o sr. dr. Julio Dantas, e o «Diário de Lisboa» de 10 de Janeiro de 1929 dava a notícia da sessão e parte do discurso do sr. dr. Egas Moniz que começou por dirigir as primeiras palavras «á memória de um dos mais preclaros académicos dos ultimos 30 anos, ao dr. Julio de Vilhena, que a morte acaba de arrebatar. Foi grande desde os bancos da Universidade de Coimbra, onde, ao lado de Hintze Ribeiro, marcou logo um lugar de destaque. Parlamentar distinto, reflectivo no ataque, conceituoso na defesa, vernáculo no dizer, deixou um rasto brilhante na sua passagem pela Camara dos Deputados, Camara dos Pares e Conselho do Estado, onde soube afirmar-se com uma grande isenção. Sempre serviu ideias, desprezando conveniências. Historiador meticuloso e honesto, tirou da penumbra benévola que a envolvia, a figura esbelta de D. Pedro V, o monarca mais querido da ultima dinastia».

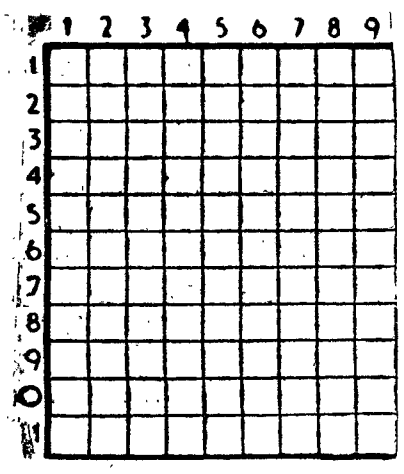
EFEMÉRIDES

No dia 10 de Janeiro de 1946 ficou dissolvida a Sociedade das Nações em Genebra.

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3547



HORIZONTAIS: 1 — Excepto. Crisol. 2 — Artigo definido. Nome de mulher. 3 — Nome de vários reis de Portugal. 4 — Pronome possessivo. Nesse lugar. 5 — Preposição e artigo (pl.). Nome de mulher. 6 — Batalha em que morreu Nelson. 7 — Rezo. Nome de uma letra. 8 — Canhamo de Manila. Cólera. 9 — Os objectos tomados ao inimigo. 10 — Carvão incandescente. Vi. 11 — De cobre. Jerusalem.

VERTICAIS: 1 — Executa. Partícula julgada indivisível da matéria. 2 — Artigo definido. Rede para a pesca do caranguejo. Símbolo químico do bromo. 3 — Santo. Salário de soldado. 4 — Clima. Nome que a Pérsia tomou de 1935 a 1950. 5 — Vexames. 6 — Republica latina da América. Pegas. 7 — Nome de homem. Povoação do concelho de Condeixa. 8 — Batráquio. A medula das plantas. Nota musical. 9 — Remara para trás. Grande povoação da Nigéria.

Solução do problema n.º 3546

HORIZONTAIS: 1 — Cava. A fim. 2 — Ora. Aro. 3 — Zarco. 4 — Má. Roa. In. 5 — Eído. Cana. 6 — Rim. Eia! 7 — Voga. Maçã. 8 — Asa. Sim. 9 — Lá. Sic. Ou. 10 — Fugis. 11 — Aduladora.

VERTICAIS: 1 — Cosme. Valsa. 2 — Ar. Airosa. 3 — Vaz. Diga. Fu! 4 — Aroma. Sul. 5 — Cró. 6 — Cacém. Cid. 7 — Fão. Aias. Só. 8 — Ir. Inácio. 9 — Morna. Amura.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — Às 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Rádio Rural; 18 e 50, Intervalo musical; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Às 19, Emissão infantil; 19 e 30, A pianista Winifred Atwell; 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos em viola espanhola; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 45, Serão para soldados, organizado pela E. N., dedicado ao Regimento de Infantaria 1, e realizado na Amadora. No intervalo: «Vozes do Mundo», revista mundial de som, editada por Francisco Mata; 23 e 15, Danças.

Programa «B» — Às 19, Aspectos da musica moderna; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de camara, em que colaboram a cantora Isabel Moreira e a pianista Maria Emília Aguas; 20 e 30, Palestra por Maria de Carvalho; 20 e 40, Musica de arco: «Suite n.º 1», de Bach, em violoncelo, por Janos Starker; 21, 4.º acto da ópera «Otello», de Verdi. Distribuição: «Otello», tenor Ramon Vinay; «Desdémona», soprano Nelli; «Iago», barítono Valdengo; «Emília», meio-soprano Merriman, e a Orquestra Sinfónica da N. B. C., dirigida pelo maestro Toscanini; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, Musica sinfónica: «Variações Enigma», de Elgar, pela Orquestra Sinfónica da N. B. C., dirigida por Toscanini; 22 e 45, Que quer ouvir?: «Murmurios da floresta», da ópera «Siegfried», de Wagner, pela Orquestra do Estado de Wurttemberg, dirigida pelo maestro Perlea; «Sonata Appasionata», de Beethoven, por Kempff; e o «Concerto», de Lalo, para violoncelo e orquestra, por Tibor de Machula e a Orquestra Desidency, da Haia, sob a direcção de Van Oterloo.

RADIO CLUBE — Às 17 e 30, Variedades; 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Ritmos de baile; 18 e 30, Fados e guitarradas; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Orquestras; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto; 23 e 30, Giacomo Rondonella; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile; 0 e 55, Sumário.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 30, Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Vozes portuguesas; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Canções a duas vozes; 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 25, Revista da Imprensa francesa; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Juventude no Mundo» (serviço internacional de actualidades para crianças); 21 e 35, «Tele-Desporto» — programa semanal de actualidade desportiva; 22, «A Pensão da D. Esperança», texto de Mário Monteverde; 22 e 45, «Na rua e na estrada» (um programa para automobilistas e peões); 23, «Miradoiro»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

Ref.ª Imposto profissional dos Assalariados no Comércio e na Indústria

DAS OBRIGAÇÕES DAS ENTIDADES PATRONAIS

—Pagamento do imposto por desconto nas folhas de férias.

Para os assalariados que pagam o imposto profissional por desconto nas folhas de férias, a entidade patronal apresentará, *até 15 de Janeiro de cada ano*, na secção de finanças do concelho ou bairro da sua sede, uma relação nominal dos proventos recebidos por cada um dos assalariados.

Os limites máximos da isenção dos assalariados no comércio e na industria são os estabelecidos pela Lei n.º 2 095, de 23 de Dezembro de 195°, ou sejam:

Para Lisboa e Porto, compreendida Vila Nova de Gaia ...	15.000$00
Capitais de distrito...	13.500$00
Nas restantes terras	12.000$00

Obs.: Os limites da isenção são os que corresponderem á *residência* dos contribuintes.

DA DETERMINAÇÃO DO LIMITE PARA EFEITOS DE IMPOSTO

«O limite para efeitos de imposto profissional dos assalariados obtém-se pela divisão do limite anual *como dividendo* e 360 dias como divisor, ficando sujeitos a imposto os assalariados cuja importancia total recebida, depois de dividida pelo numero de dias de trabalho prestado, for superior ao quociente resultante da primeira operação indicada».

DA TRIBUTAÇÃO

Taxa

A taxa é de 1 % (um por cento) e recai sobre a importancia do *salário* e de *qualquer outra remuneração).*

Salário

Consideram-se *salário*, para efeitos de tributação, além da remuneração normal do trabalho fixada em função do tempo, os abonos feitos pelas entidades patronais ao seu pessoal assalariado a título de tarefa ou de empreitada, quando o trabalho for realizado em quaisquer instalações ou dependências das entidades patronais, ficando compreendidos naquela tributação os assalariados empregados em trabalho fixo ou determinado, mesmo que as suas remunerações se refiram ao tempo por que foram contratados.

Observações:

Deve, para efeitos de tributação, computar-se e incluir-se nos proventos ou remuneração o valor da alimentação e aposentadoria que porventura seja fornecida aos assalariados.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21,30 — «O processo de Jesus».
MONUMENTAL — Ás 21,45 — «Gigi».
MARIA VITORIA — A's 20,30 e 22.45 — «Por causa delas...».
VARIEDADES — A's 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai!».
TRINDADE — A's 21.45 — «Um homem só».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
COLISEU — A's 21 e 30 — Grande Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Um certo sorriso».
SÃO LUÍS — «Fúria de amar».
SÃO JORGE — «A pé, a cavalo e de «sputnik»
IMPÉRIO — «Amor de jornalista».
EDEN — «Crepúsculo no oceano».
POLITEAMA — «Missão no alto mar».
CONDES — «O cavaleiro da Torre».
ODEON — «Bons dias amor».
ROMA — «Crepúsculo no oceano».
AVIS — «O segredo do culpado».
MONUMENTAL — «O irresistível forasteiro».
ALVALADE — «Fúria de amar».
OLIMPIA — «Destino ao Pacífico».
IDEAL — «Os miseráveis».
RESTELO — «O baile dos malditos».
PROMOTORA — «O homem do dia».
CAMPOLIDE — «Arsénio Lupin».

CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
BATAS HOSPITALARES
PIJAMAS E CUECAS

— O meu pai é muito exigente na escolha !...

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ao Rego). 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel—Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia —Rua D. Maria Pia, 514, T. 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botanico-Química, Lda.—R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38, Telefone 25636; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, T. 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef. 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521 — A —.

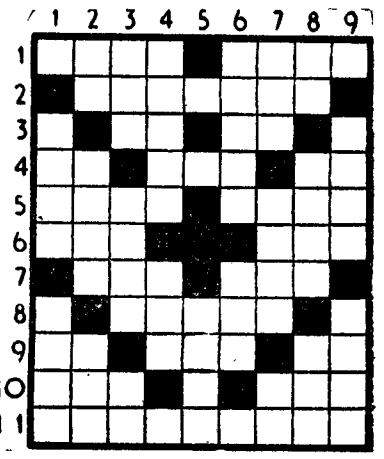
MEIAS FINAS
BONS PREÇOS
SÉCIA
BOUTIQUE
31 — Rua da Conceição
Telefone 30516 — LISBOA

Leiam o «SEMPRE FIXE»

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1474



HORIZONTAIS: 1—A pessoa que. Carta de jogar. 2—Relativo á tragédia. 3—Artigo definido. Prefixo de privação. Preposição e artigo. 4—Sexto. Debaixo de. Antigo nome da nota musical dó. 5—Terreiro em frente da igreja. Metal precioso. 6—Pronome possessivo. Recusa. 7—Senhor inglês. Rio de Portugal. 8—Molhadela. 9—Observa. Santo. Nome de uma letra. 10—Põe-te a andar! Artigo definido. 1004 em romano. 11—Reclinada.

VERTICAIS: 1—Ovários dos peixes. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 2—Pronome pessoal (inv.º). Seguis. Pronome pessoal. 3—Data célebre. Mau. Antes de Cristo. 4—Sereno. Letra grega (pl.). 5—Reino da Federação Indochinesa a Oeste do Vietname. 6—Demónio. Contracção de dois pronomes. 7—Ferro endurecido. Ligava. Maligna. 8—Pedra de amolar. Larvas das feridas dos animais. Herói espanhol cognominado «O campeador». 9—Levo á sirga. Condução de presos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1473

HORIZONTAIS: 1—QUEM. CASA. 2—El. Ova. Ir. 3—Aroma. 4—Asa. 5—QUER. Sara. 6—Uri. Rer. 7—Emas. CASA. 8—Aar. 9—Durer. 10—Em. Dom. It. 11—Mate. Elmo.

VERTICAIS: 1—Qed. Que. Sem. 2—Ul. Durma. Ma. 3—Eia! 4—Morar. Saude. 5—Vós. Aro. 6—Camas. Creme. 7—Ara. 8—Si. Creso. Im. 9—Aru. Ara. Uto.

Provérbio: Quem casa quer casa.

PULLOVERS
para homem e senhora
Echarpes de lã Mohair
TORRE EIFFEL
104 - Rua do Carmo - 106

A Rússia propõe uma confederação
dos dois actuais Estados alemães

(Continuação da 1.ª página)

nho em resolver o problema de Berlim mediante uma negociação entre os Estados interessados» — ao que informa a Tass.—(A. N. I. e France Presse).

A Alemanha Oriental concorda

BERLIM, 10.—O embaixador da U. R. S. S. em Berlim-Leste, Pervukhine, entregou hoje pessoalmente a Walter Ulbricht, primeiro-secretário do Partido Socialista-Comunista, que exerce interinamente as funções de presidente do Conselho, durante a ausência de Grotewohl, a nota em que a U. R. S. S. propõe a convocação dentro de dois meses de uma «conferência de paz» e apresenta um projecto de tratado de paz com a Alemanha.

Informa a A. D. N. que Ulbricht, em nome do Governo da Alemanha Oriental, declarou-se «em princípio» de acordo com a União Soviética sobre o projecto de tratado, que tem em atenção a inteira soberania do povo alemão e preconiza a formação de uma confederação dos dois Estados alemães.—(F. P.).

Bonn deseja primeiro a reunificação

BONN, 10.—A rapidez com que Moscovo respondeu às notas ocidentais é recebida com satisfação nos meios políticos, alemães, vendo-se nisso um indício favorável: a U. R. S. S. desistiria do método do ultimato que tentou usar em Novembro, a propósito de Berlim. Lembra-se que o Governo federal continua disposto a participar numa discussão geral sobre a Alemanha, a segurança europeia e o desarmamento, sem rejeitar de antemão qualquer ponto susceptível de ser inscrito na agenda. Contudo, a discussão de um tratado de paz, para que, parece, Moscovo convida as potências ocidentais, não poderá iniciar-se antes de se resolver a questão da reunificação alemã.—(France Presse).

O Governo belga
redigirá amanhã a declaração
sobre o futuro do Congo

BRUXELAS, 10. — O Governo está activamente a elaborar a sua declaração sobre o futuro do Congo, que deve ser lida em 13 próximo, na Camara dos Deputados. Amanhã haverá novo Conselho de Ministros para exame do assunto e redacção definitiva do texto.

Quanto á comissão parlamentar de inquérito designada pela Camara, não deverá partir para o Congo senão depois do dia 13. Os seus poderes estão ainda mal definidos. O «Libre Belgique» diz hoje que é preciso esclarecer qual é a natureza desses poderes «para evitar que nasçam em Leopoldville esperanças, provávelmente falsas, pois ali espera-se uma espécie de companhia de flageladores matizados de Messias, resolvidos, a darem palmatória a uns e a abrir aos outros as portas do sétimo céu».

Quanto ao memorando entregue pelos burgomestres negros de Leopoldville, as reacções da Imprensa são diversas. «La Cité» — democrata-cristão — aconselha a que não se façam dos «leaders» mártires e que se tenha em conta que pode ser que um dia «tenhamos de discutir com os que recusamos hoje». O católico «Libre Belgique» declara exorbitante a pressão exercida pelos burgomestres, sobretudo quando pretende que se ponha em liberdade um colega que está preso para averiguações. «Esta pressão — declara — não é digna do mandato que lhes foi confiado. A autoridade de Leopoldville tem de ser firme». — (F. P.).

Os Portugueses ficam e os Belgas partem

LEOPOLDVILLE, 10 — Apenas cerca de uma dezena de Portugueses — de entre os 80 e tantos cujas lojas e domicílios foram assaltados e saqueados, durante os recentes motins — aceitaram a oferta do Governo português, de os repatriar, gratuitamente. A maioria resolveu continuar no Congo Belga, onde muitos se encontram estabelecidos há mais de 25 anos, visto terem a certeza de que o Governo belga os indemnizará de todos os prejuizos sofridos.

Entretanto, o consulado português já recebeu dezenas de pedidos de vistos para os passaportes de residentes belgas que desejam ir passar férias em Angola, a fim de aguardarem ali que a situação se normalize.

Os prejuizos dos nossos compatriotas

Apesar da violência dos motins, apenas um reduzido numero de Portugueses recebeu ligeiros ferimentos. Uma primeira estimativa dos prejuizos causados aos bens dos Portugueses indica que andarão á volta de 70 milhões de francos belgas. A zona comercial portuguesa foi uma das primeiras a serem saqueadas pela populaça, no bairro de Kalamu.

Dois comerciantes portugueses, de apelidos Brás e Pinto, defenderam-se a tiro de revólver e espingarda caçadeira, durante muitas horas. A multidão de negros que cercava as lojas não conseguiu desalojá-los. Quando os dois comerciantes portugueses foram, finalmente, socorridos pelas tropas, encontravam-se exaustos e com fome, mas completamente ilesos. Mais tarde, as duas lojas foram saqueadas pelos amotinados. Durante os motins, sete portugueses estiveram escondidos na casa de um Africano, até serem socorridos pelas tropas. Mais tarde, o Africano foi assassinado pelos amotinados, como represália por ter dado abrigo aos Portugueses.—(A. N. I.).

A extensão à África
do Mercado Comum

WIESBADEN, 10.—O dr. Y Sylla, delegado da Aliança Europa-África, expôs no Congresso dos Federalistas Europeus a opinião africana acerca das modalidades de associação dos territórios ou países ultramarinos ao Mercado Comum. «Para que o destino dos nossos países se torne solidário com o dos países europeus em vias de se unificarem, declarou o orador, é necessário que esta solidariedade prevista pelos Tratados de Roma seja grandemente ampliada. A associação Europa-África deve assentar na reciprocidade e numa verdadeira cooperação. As administrações africanas devem ser associadas a todas as vantagens e responsabilidades e os seus representantes respectivos admitidos, em todos os escalões, nas organizações privadas ou publicas incumbidas de realizar a associação dos dois continentes».—(France Presse).

A paralisia infantil
aumentou na América

WASHINGTON, 10 — Os casos de poliomielite aumentaram de 50 por cento nos Estados Unidos, em 1958, em relação a 1957. O total de casos registados foi de 3.112, contra 2.176 no ano passado.

Os serviços de Saude Publica dos Estados Unidos declararam que sem a vacina Salk, teria haviado em 1958 um aumento excepcional de poliomielite. — (F. P.)

Um baleote
em vez de caranguejos

LUGO (Espanha), 10.—Um pescador de caranguejos teve uma pesca «record»: seis toneladas de peso. Caminhava na praia de Pineira, quando viu sobre a areia um baleote que tentava voltar para a água. De um dos lados do seu costado jorrava sangue, de uma ferida profunda, que deve ter sido provocada pelo hélice de um barco. O baleote foi vendido no mercado para fins industriais. — (A. N. I.).

O acordo
financeiro anglo-egípcio não inclui
as indemnizações de guerra

LONDRES, 10 — As negociações financeiras entre a Grã-Bretanha e o Egipto são consideradas por círculos diplomáticos desta capital como um importante passo para sanar a ferida provocada pelos desembarques militares britanicos no canal de Suez há dois anos. Admitindo que as conversações obtenham êxito, abrirão o caminho para o recomeço do comércio e restauração das relações entre as duas nações, talvez, inicialmente, em nivel consular e, mais tarde, em nivel diplomático.

As conversações não terão por objectivo solucionar todos os problemas financeiros pendentes entre a Grã-Bretanha e a região egípcia da Republica Arabe Unida.

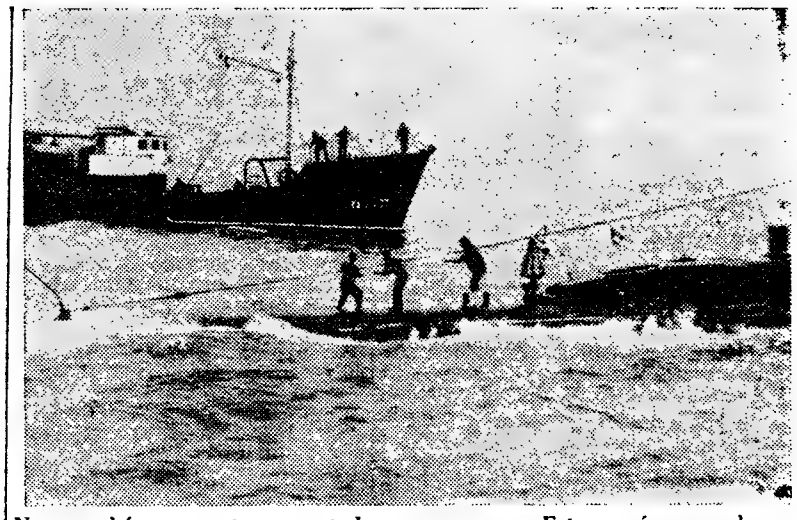
Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros britanico enumerou três assuntos para discussão: 1.º — reivindicações individuais por propriedades nacionalizadas pelo Egipto; 2.º — indemnização por bens sequestrados pelo Egipto; 3.º — os saldos em esterlino egípcios bloqueados em Londres.

Em consequência, a exigência do Egipto, de indemnização por prejuizos causados pela guerra em Port Said e noutras partes, assim como a da Grã-Bretanha, de compensação pela perda da base militar do canal de Suez, estarão fora do âmbito das conversações no Cairo.

Nos círculos que habitualmente merecem confiança, o optimismo é condicionado. Muitos pormenores têm ainda de ser discutidos. No entanto, julgava-se que a mediação de Eugene Black, presidente do Banco Mundial, trouxe a possibilidade de se chegar a um acordo final. — (R.).

VISON
ASTRAKAN
PREÇOS DE REVENDA
CASA LAURA CAMPOS
Av. Almirante Reis, 2, 1.º, Dt.
Telef. 44870

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS — TELEF. 14
DOMINGO, 11 — ALMOÇO REGIONAL
A gerência satisfazendo inumeros pedidos apresenta além dos seus agrupamentos folclóricos privativos, o **Rancho Típico Sete Saias** (infantil e adultos).
EMENTA
Açorda de Savel, caldeirada á fragateiro, fataça á Ribatejana, irós á pescador, dobrada á portuguesa, cabrito assado á Ribatejano, arroz de frango á moda da casa, bife á cortador, etc., etc. (6 ANOS)
Informações e reservas de mesa em Lisboa — Tel. 770320
ATENÇÃO AO CARNAVAL DO RIBATEJANO



No mar há que contar com todas as surpresas. Esta, porém, excede as mais ousadas previsões, pois trata-se de um submarino «pescado» no Cantábrico por duas traineiras espanholas. Supõe-se que seja um submersível britanico, com a inscrição Y-15 e o nome de evocação grega, «Aptonythe», o qual, seguindo a reboque, e quebrando-se-lhe o cabo, passou a andar á deriva em pleno oceano

A catástrofe em Espanha

(Continuação da 1.ª página)

estão a ser esquadrinhados por operários dirigidos pelo ministro das Obras Publicas e as principais autoridades da província, enquanto que um grupo de técnicos dos «Saltos de Moncabril» visita os restos da barragem da Vega de Terra, a fim de apurar as causas do sucedido.

Uma coisa parece certa: as águas não correram pelo canal de escoamento da barragem que começa ao pé da bacia de Vega e termina em Rivadalego onde se encontravam as instalações da empresa hidroeléctrica de Moncabril. Não correram por aquela via artifical. Irromperam no antigo leito do rio Terra, mais próximo da aldeia, situada na margem esquerda, a montante do lago de Sanabria, conhecido por «Mar de Castela».—(F. P.).

Pormenores da catástrofe

PUEBLA DE SANÁBRIA, 10 — Uma frota de pequenos barcos partiu esta madrugada da estancia de férias do Lago Sanábria para continuar a procurar vítimas da tragédia de Ribadelago O lago, com três quilómetros de comprimento — estancia de Verão onde pessoas em férias praticam a natação e a vela — era, segundo um dos membros de uma brigada de salvamento, a sepultura flutuante de pessoas e animais, vendo-se á superfície muitos destroços de mobília.

Sobreviventes contaram a horrível história de uma corrida com a morte feita por um homem que tentou avisar a aldeia. Quando percorria os 8 quilómetros desde a represa até Ribadelago, as águas alcançaram-no e atiraram-no contra uma árvore. Ficou empoleirado nela durante horas, até outra árvore o atingir, como um martelo gigantesco, fazendo-o cair na torrente, onde morreu afogado. — (R.).

A Comunidade britânica
não dispõe de fundos para custear um programa espacial

LONDRES, 10 — Os cientistas ingleses sugeriram ao primeiro-ministro, Harold McMillan, que seja pedido o auxílio da Comunidade, caso a Inglaterra, só por si, não possa custear as despesas da construção de um satélite artificial.

A sugestão foi decidida durante uma reunião de cientistas realizada nesta cidade, na qual se concluiu que a Inglaterra comete um grave erro em não seguir o exemplo dos Estados Unidos e da Russia na organização de um programa de lançamento de satélites, para fins científicos.

Foi já calculado que um programa espacial seria vinte ou trinta vezes mais caro do que até agora já custaram os trabalhos para a construção e lançamento do «Black-Knight», o maior foguetão inglês, que foi experimentado no polígono de Woonera, na Austrália.

Como resposta a este pedido dos cientistas, um funcionário do Governo afirmou: «Uma contribuição da Comunidade Britanica, segundo nos parece, será tão reduzida, que quase não oferece vantagens. Não se pode esquecer que a maioria dos países da Comunidade luta com falta de capital». — (A. N. I.).

Dois canibais
«civilizados» expulsos da Argentina

BUENOS AIRES, 10 — Dois marinheiros de cor, nativos das Pequenas Antilhas inglesas, que pediram para comer carne humana, na passagem do Ano Novo, foram expulsos da Argentina — anuncia a agência local Telam. Os dois «canibais», Vernon Isaac e Harold Grant, pertencem á tripulação de um navio estrangeiro, cujo nome não foi revelado. Foram levados ontem, escoltados por polícias, ao aeroporto internacional de Buenos Aires, onde tomaram o avião para Porto of Spain.

A agência esclarece que foi depois deste pedido insólito dos dois homens, que o capitão do navio pediu á Polícia que procedesse ao seu repatriamento. — (F. P.).

Ultimas notícias

Reuniu-se o Governo
provisório argelino

CAIRO, 10.—O «Governo provisório argelino» reuniu-se hoje, sob a presidência de Ferhat Abbas, e tratou de «problemas da maior importancia» — anuncia a emissora local, acrescentando que o exame daqueles problemas durará alguns dias.— (France Presse).

Krishna Menon
falou de Goa

NAGPUR, 10 — Falando de política externa Krishna Menon referiu-se á questão de Goa e disse que «se trata simplesmente de reafirmar a posição da India». E' impossível pensarmos — disse ainda — que Goa não é indiana». Em seu entender, Goa deverá seguir o movimento que se observa na Africa e na Asia. Depois, afirmou que a India não deseja recorrer á força — (F. P.).

CAIU UM AVIÃO
carregado de teleguiados

VANCOUVER (Washington), 10. — Um avião de jacto do Exército norte-americano, que transportava 104 foguetões dirigidos, despenhou-se a cerca de cinco quilómetros a Leste de Vancouver, Morreram carbonizados os dois tripulantes.

Ao cair, o avião atingiu uma casa, que ficou parcialmente destruida. Dois dos moradores da habitação ficaram feridos. Alguns dos foguetões explodiram. — (A. N. I.).

magazine

Diario de Lisbôa

SUMÁRIO

Florença
DULCE REBELO

Aproximação dos Artistas com a Imprensa
FERNANDO PERNES

Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Fim de semana feliz
CICERONE

Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

A conquista do Céu
MANUEL SALGUEIRO

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Melodia interrompida
BORIS PASTERNAK

Diálogos impertinentes
ALFREDO BRAS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

Aproximação entre os Artistas e a Imprensa

por FERNANDO PERNES

PORQUE a palavra confraternização, entre nós, connua despida da sua densidade, ou porque um longo hábito de solidão, pesa sobre as possibilidades de diálogo arejado, o jantar da Casa da Imprensa não atingiu os fins a que se propunha, representando, porém, um passo válido para um futuro debate dos problemas que, lá aflorados, permanecem submersos em silêncios difíceis.

As tentativas de eliminar os escolhos que separam a arte moderna do publico do seu tempo, acarretam, em si, a obrigatoriedade de nos colocarmos frente ás sombras a esbaterem-se entre a Arte e a ida, a Consciência de um Tempo e o cinzento quotidiano a alastrar na actual sociedade portuguesa. A possibilidade de se criar um gosto plástico ou o aprofundar evolutivo de uma forma de sensibilidade, revelam-se nos antípodas da vasta abúlia, geradora de todos os fatalismos hipnóticos com que se

(Continua na página central)

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Esta palavra «amor»...

Pessoas há sobre quem a vida lança todo o poder de ofensiva. Dia após dia, mês após mês, ano após ano, acumulam-se os infortunios, as desilusões, as quedas... E as quedas dão-se cada vez de mais alto, nesse contínuo exercitar de pesos e halteres a que a infelicidade se entrega com os pobres...

Matilde Grapeli — eis aí uma dessas pessoas que em cada dia morrem na boca da serpente e renascem, em cada um desses dias, para que a boca de serpente não mastigue em vão...

Pertencente a uma família pobre de pequenos lojistas, Matilde mal chegou a saborear o gosto da infancia. Muito cedo ainda começou a trabalhar, a moirejar, a sentir sobre os ombros frágeis todo o peso da vida...

Golpes sucessivos, sucessivos temporais, se desencadearam na sua vida. Primeiro, a falência do pai com todo o cortejo de inquietações, de dificuldades, que acontecimentos desse género acarretam.

Tempos crueis, esses. O pai, no entanto, não desistiu de lutar. Matilde, corajosa como ele, batia-se a seu lado. Lentamente, á custa de inauditos sacrifícios, começaram a rir, á superfície. E quando tudo se ia tornando mais fácil, a morte, primeiro da mãe, e depois do pai, cavou a terra debaixo dos pés de Matilde, que vacilou como a árvore ferida pelo raio...

Enquanto há vida, há que lutar. Sózinho ou acompanhado. Seja como for, lutar. Lutar para merecer a glória de estar vivo... Matilde, vencido o primeiro instante de desequilíbrio, continuou o grande combate contra a desventura...

O casamento com João Grapeli veio quebrar um pouco a solidão em que sempre vivera. Sol de pouca dura, aliás. Atraído pelas graças físicas de uma romana, o marido abandonou-a. Não lhe ficou sequer um filho nos braços, a quem se devotasse...

O rio da solidão, ultrapassado o obstáculo, voltou a juntar suas águas, cuja aparente calma disfarçava o fundo tumultuoso.

Materialmente, a vida não corria mal para Matilde. O pequeno negócio a que se dedicava, tivera, com a eclosão da segunda guerra mundial, dificuldade em manter-se no mundo dos novos. Houve que fazer sacrifícios — que, anos mais tarde, renderam juro. Ao canto da arca foram-se juntando algumas moedas que Matilde reservava para aumentar o seu pequeno comércio.

Em 1952 conheceu João Vale, agente de comércio. A vida deu sinal no coração de Matilde. Repicaram sinos festivos! Matilde amava, pela primeira vez! Ah, como é bom viver e lutar para viver! Valeram a pena anos e anos — quase meia centena! — de sofrimentos inauditos, para conhecer este momento fugidio de felicidade, instante que suporta nos ombros a eternidade.

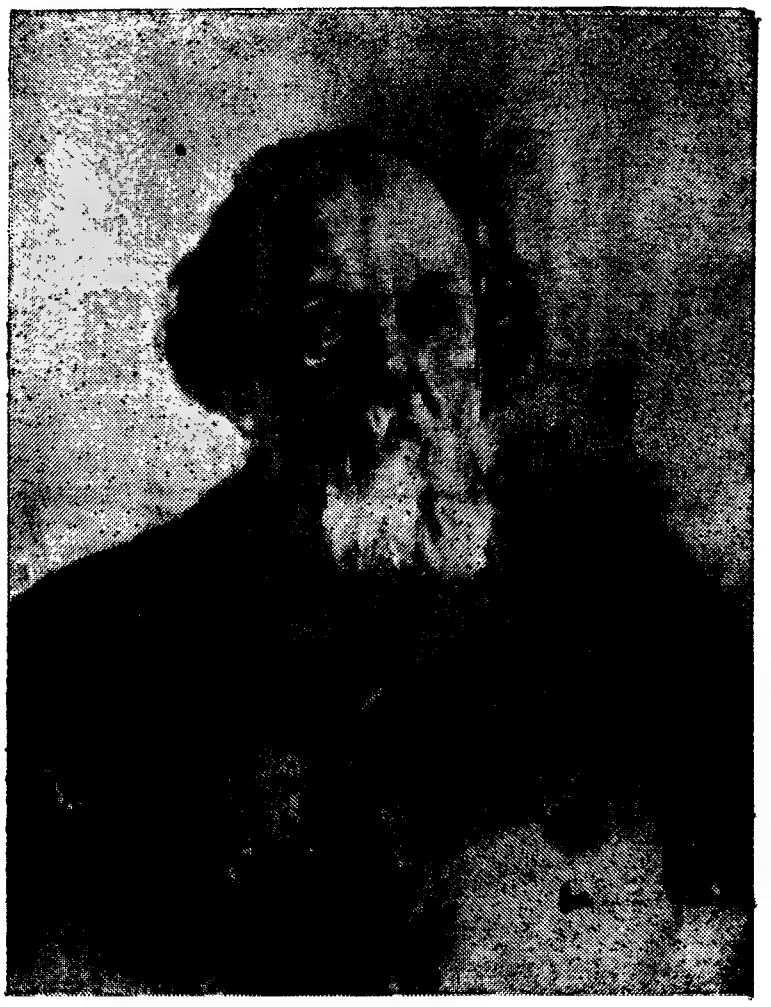
Tudo entregou sem reservas. Uma palavra só define bem o que se passou na alma de Matilde Grapeli: deu-se... Quem ama não sabe defender a sua felicidade, porque todo o poder de lucidez se transfere para a defesa do ser amado o qual, divinizado, acaba por julgar-se digno de todos os sacrifícios, a aceitá-los, primeiro, com certa condescendência, e a desprezá-los depois ostensivamente.

João Vale não tinha alma tão grande como o amor que provocara. Comerciante como também era, tendia para valorizar o que custa caro, para desprezar o barato e ainda mais o gratuito. Cedo começou a enfastiar-se do amor, do carinho em que Matilde o envolvia. Aquele amor não lhe custava n a d a ; comercialmente, pouco valia... Melhor era o amor de Maria Scarpia, mais caro. Para visitá-la tinha de fazer longas marchas, fatigar-se. Com ela, em prendas, gastava as economias que Matilde entregara á sua guarda...

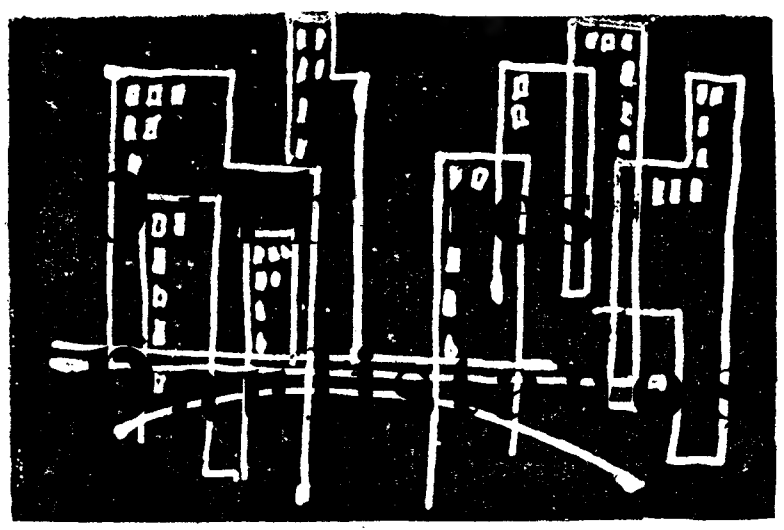
Quando Matilde soube, julgou enlouquecer. Talvez houvesse mesmo enlouquecido. Ficou-lhe de raciocínio o bastante para comprar a arma com que feriu João Vale, quando este regressava dos braços de Maria Scarpia.

Na prisão, Matilde sofre. Não pela sua sorte. Mas por ele. «Meu Deus! Que loucura a minha! Faz que João não morra! Meu ou de outra, pouco importa! Mas que não morra... Como foi possível que eu...» E soluça, com a cabeça entre as mãos.

Amor. Amor...



Tsiolkovski (Constantino Eduardovitch), 1857-1935, criador da astronáutica soviética, e mundial, a par de, entre outros, o francês Esnault Pelterie, o americano Goddard, os alemães Oberth e Valliers. No fim do século passado, Tsiolkovski, modesto professor de instrução primária na provincia, empreendeu a tarefa de resolver o problema do voo interplanetário. Pela primeira vez, o problema foi cientificamente posto e muitas das suas equações resolvidas. Muitos projectos de astronaves foram por ele concebidos. Pode dizer-se que não ignorou nenhum dos problemas relacionados com a nova ciência; para todos sugeriu uma solução audaciosa e original. Nos primeiros 40 anos da sua actividade como sábio, Tsiolkovski foi considerado um louco, um lunático, que só encontrava aceitação por parte de outros lunáticos como Mendelev e Stoletov. A unica ajuda material que recebeu da Academia de Ciências da Russia foi a «astronómica» importancia de... 470 rublos. Todo o modesto vencimento que recebia como professor era aplicado na construção de aparelhos de que tinha necessidade para os seus estudos. A partir de 1920, porém, Tsiolkovski tornou-se o principal animador de uma poderosa escola de sábios cujos trabalhos culminaram com o lançamento para o espaço do foguetão cósmico



PEDREIRA DAS ALMAS

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

SÃO PAULO (Dezembro) — O Teatro Brasileiro de Comédia, a cuja sombra, na feliz expressão de Décio de Almeida Prado, cresceram e se formaram, em São Paulo, actores, críticos e espectadores, encerrou a sua temporada de 1958 com um original de Jorge Andrade: «Pedreira das almas».

Raras vezes uma peça nacional terá suscitado tão viva controvérsia entre o publico paulistano. Uns negam-na pura e simplesmente, outros vêem nela uma obra excepcional que ficará a assinalar o início de uma era profundamente renovadora no teatro bandeirante. «Pedreira das almas» é uma tragédia — a primeira tragédia brasileira — fiel aos canones aristotélicos, mas nem por isso menos diferenciada da grande tradição helénica no que diz respeito á problemática. Palavras e atitudes não adquirem significado apenas em função de ideias e sentimentos intemporais, mas, também e principalmente, de uma realidade especifica e telurica da qual são inseparáveis: uma cidade espectral que é a imagem de um Brasil desaparecido, mas cuja recordação não se perdeu ainda.

«Pedreira das almas» vive do passado e para o passado. Podemos resumi-la a uma igreja branca e imensa erguida no alto de uma montanha rochosa e a uma grande família onde se perpetua a tradição do matriarcado, pois as mulheres se não foram as fundadoras, foram pelo menos os seres tutelares dos grandes clãs rurais paulistas e mineiros. A alegria desapareceu há muito das ruas da urbe silenciosa e adormecida, que vive a falar dos seus mortos e das suas glórias, orgulhosa do passado, mas nauseada de um presente sem horizontes. Gabriel, que percorreu os vales e as planícies que se divisam do alto, descobriu que havia outra vida, de lutas e de inquietação mas igualmente de fartura e de satisfações familiares, vida essa bem diferente da austera pobreza e da total estagnação de «Pedreira das almas». Representa na cidade a semente da utopia. Urbana encarna a fidelidade intransigente ás raízes, a um mundo de heróis míticos regido por princípios imutáveis. O traço de ligação entre os dois ideais inconciliáveis é

(Continua na 3.ª página)

A CONQUISTA DO CÉU

O objectivo n.º 1 continua a ser a Lua

Por MANUEL SALGUEIRO

Importantes acontecimentos se estão a passar no domínio da exploração cósmica que decisivamente influirão, não tenhamos duvidas, no destino da Humanidade.

Nos apontamentos que, sob a rubrica «A conquista do ceu», temos vindo a publicar em «Magazine» esforçamo-nos por dar, ainda que pálidamente, uma ideia do que nessa aventura existe de maravilhoso, de contingente, de difícil. Pretendemos delinear, grosseiramente, embora, os problemas que os homens terão de vencer na sua caminhada para o Infinito.

Logo no nosso primeiro artigo, publicado em 19 de Julho do ano passado, apontámos alguns desses problemas e fizemo-nos eco dos projectos soviéticos para os próximos anos. Podemos afirmar que a divulgação desses projectos constituiu uma excelente vitória para «Magazine» — pois, foi a primeira vez, na Imprensa portuguesa, que tal matéria se ventilou.

Os leitores hão-de reparar que no artigo mencionado, ao fazer-se alusão á Conferência Astronómica de Copenhague, se escreveu em resumo das intenções soviéticas:

1960 — Foguetão á Lua.

1961 — Desembarque de um [illegible] nil na Lua.

1965 — Estação lunar permanente e habitada.

Acaba, no entanto, de dar-se um acontecimento não registado naquele programa: o envio para o espaço de um foguetão cósmico que cons-

(Continua na ultima página)

disco da semana

CAPRICHO ESPANHOL
KORSAKOW

Andaluza - Granados ■ España - Chabrier
Danças espanholas - Moszhowski
Orq. Sinfónica de Londres dir. por Ataulfo Argenta
Disco Decca LXT 5333

Este disco notável constitui um autêntico tributo á vitalidade e á qualidade do folclore espanhol, cujos ritmos, fraseados e colorido constituem de há muito atractivo e motivo de inspiração para compositores das mais diversas nacionalidades.

Em excepcional gravação Decca, uma das pioneiras da Alta Fidelidade, é-nos possível apreciar algumas obras que o Mundo inteiro aprecia e que foram inspiradas pelo belo folclore do país vizinho.

A Orquestra Sinfónica de Londres dirigida pelo regente espanhol Ataulfo Argenta, considerado dos mais talentosos da nova geração, tira inteiro partido das enormes possibilidades das maravilhosas páginas de Korsakow, Granados, Chabrier e Moszowski.

Disco publicado pelos ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova de Almada, 97

ESTA SEMANA: UMA ENCICLOPÉDIA ZOOLÓGICA, CASAMENTÍCIA E DE DIPLOMACIA CASEIRA. VANTAGEM PARA OS PROTECTORES DE ANIMAIS.

Esta palavra POMBINHO deu a vitória aos protectores de animais. Os especialistas de Diplomacia caseira ainda pretenderam voltar o bico ao prego. Impossível.

Ganhou o sr. E. Lais (Couraça dos Apóstolos, 3 Coimbra), facto que já lhe acontece pela terceira vez. Se os meus leitores concordarem com a sugestão, façam-lhe uma frente comum, nomeiem-no Inimigo Publico n.º 1. Eis as suas produções:

POMBINHO é o animal que, mais tarde ou mais cedo, se transforma em «pato».

Fase por que passam até mesmo os «águias».

Nada há que alegar.

O outro protector de animais, diz que

POMBINHO é um burro com asas.

E acrescenta a seguinte demonstração sobre regras do feminino em português:

POMBINHO é o macho de uma grande pomba.

Nenhuma das definições tem reticências, o que bastante facilita a sua leitura.

Um leitor do Porto, muito pessimista em matéria columbófila, diz:

POMBINHO é uma ave de certa espécie que costuma ser enxotada pela bengala dos papás.

Duvidando não ter dito tudo o sr. José Joaquim acrescentou umas reticências. Que nos desculpe o têlas tirado. Fique o prezado leitor certo de que percebemos totalmente, mesmo sem o elástico das reticências.

Outro concorrente do Porto, o sr. Alberto Silva, zoologista e especialista também de hidrologia, afirma que

POMBINHO é uma espécie de ave que leva sempre água no bico. (Com reticências).

As reticências engana-nos na pista a seguir. Afinal de que água se trata?

E nesta duvida terminamos a menção dos zoologistas, que não caíram no cesto do «sorriso amarelo».

País de vitivinicultores, não faltaram nesta semana os técnicos respectivos. Diz a sr.ª D. Dolores Rodrigues, de Lisboa (como as senhoras são perspicazes!) que:

POMBINHO é o marido que quando chega a casa com um «grãozinho na asa» diz á mulher que vem do serão.

E «ela» acredita?

A propósito «dela» não quero deixar de apontar uma pleiade de Diplomatas, entendidos em questões domésticas. Tal é o caso do sr. Eduardo Augusto Eugénio Pedro (Lisboa):

POMBINHO — afirma ele — é aquilo que a esposa chama ao marido quando se prepara para «depená-lo».

Fruto ainda da mesma triste experiência, é a seguinte reflexão do sr. Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra):

POMBINHO: nome familiar dos maridos... quando elas querem pedir mais dinheiro.

A sr.ª D. Fernanda Óscar de Carvalho (Figueira da Foz) partidária dos governos fortes, escreveu:

POMBINHO é aquele que após alguns anos de casado oferece borrachos á esposa.

A cena ficava muito completa se «ela» tivesse narcejas para lhe dar, em troca.

E agora, um poeta — o sr. Jorge Paixão Pinto (Pombal):

POMBINHO — é primeiro verso do «Canto da sereia».

Gosto da definição. Só tenho pena que a palavra «canto» tenha tantos significados. Afinal de que canto se trata?

Guardamos o final para o sr. Fernando Camba, que nos apresentou uma dissertação de licenciatura em matéria de noivados. O nosso prezado leitor diz que «Enquanto há vida há esperança». Pois com certeza. Esta semana a coisa deu para chumbo. Ora veja:

POMBINHO: noivo moderno e «sem vintém» que será capaz de viver por amor do «milho» da futura cara-metade.

Noivo moderno? Os noivos modernos já não gostam de milho, preferem copos de leite. Todos lêem tratados de alimentação racional.

Ora bem: para a semana teremos a palavra

FEIJÃO FRADE

cujas definições devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 17.

FIM DE SEMANA FELIZ

PARA ONDE VAI AMANHÃ?

O ano de 1959 começa sob o signo da aventura espacial.

Tanto lhe basta para ficar na história.

Oxalá não venham sombras que se temem empanar-lhe o brasão. Oxalá o conheça a eternidade como a época dos gestos pacíficos iguais a este de atirar para o infinito si

nais da nossa presença e que constitui, no dizer poético de que só os sábios são capazes, a maior aventura da humanidade.

Reparem que ninguém lhe ficou indiferente. Mesmo tendo em linha de conta as preciosas informações arrecadadas pelo foguetão cósmico, a maior utilidade do boémio astral está no alento novo que veio dar á nossa imaginação.

A estas horas se houver por aí alguém que não tenha sonhado ver-se a muitos milhares de quilómetros «disto» admirando as grandes maravilhas do Céu, esse alguém apareça que lhe dou o saco das nozes.

Muito provável é que dentro de poucos anos (no ambito da nossa geração, garantem os Soviéticos), possamos sugerir para «o fim de semana» uma viágem á Lua, a Marte ou a alguns dos satélites calmos existentes no abraço dos planetas que eram nove e agora são dez — por obra e graça de um bichinho insignificante chamado Homem.

Nas revistas da especialidade aparecem «fotografias» de antecipação: desembarques na Lua, em Marte, em Urano...; a vida numa colónia situada a quinhentos quilómetros da Terra e que servirá de «estação de serviço» para abastecer as astronaves de carburante e prestar-lhes assistência em caso de avaria.

Há sobretudo uma fotografia que me deixou positivamente boquiaberto. Trata-se do «cosmoporto» do futuro.

Em enormes extensões alinham-se, verticais e imóveis como sentinelas cumpridoras, os foguetões. Um deles acaba de largar, deixando após si restolhadas de fumo branco. Diz a legenda: «Partida para a Lua do foguetão das 9 e 42!».

Talvez seja mesmo este o horário que te convém amanhã, meu caro. Não para tomares o foguete que te leve ao planeta silencioso, mas para seguires no comboio em direcção a alguma das praias que servem a capital.

Evidentemente não venho aconselhar-te a passares o dia todo á beira-mar. Aliás, compete-te resolver a melhor hora de retirada que deverá ser em boa ordem e não dar nunca o ar de fuga precipitada.

Isto das praias servirem apenas para o Verão julgo ser costume que vigora com mais força entre os povos latinos. Recordo-me de uma cena em romance norueguês: a moça, antes de ir para a fábrica onde trabalha, dirige-se para o fiord próximo da sua residência. Manhãzinha... (E aqui o autor descreve a luz tim-tim por tim-tim, com o prazer, a minucia que os Nórdicos usam quando falam da claridade). A moça despe-se, sem atender ao frio, nem ela nem o autor que não fala uma unica vez da temperatura baixissima. Mas pela paisagem dos montes cobertos de gelo é que nós avaliamos... Como eu ia dizendo, a moça despe-se e mergulha na água marinha, azul e quieta...

Gente do meu país a quem relato a cena não na põem em duvida. Simplesmente afirmam que não se dará isso por bons poderes...

Domingo passado dirigi-me ao Estoril onde passei a manhã. Logo na estação, informador amável e entendido, me dizia:

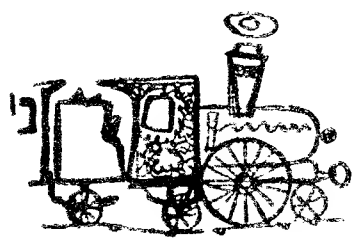
— Vá á praia, não perca!

— Ah, sim?

— Sim. Tudo estrangeirada.

Foi para lá que me encaminhei (tenção, aliás, que trazia desde Lisboa) e assisti ao espectáculo curioso e para mim inédito de um banho movimentadissimo e alegre em pleno Inverno.

Para ultima franqueza direi que não participei dele. Não me sentia com disposição — e o meu fito era outro: encher os pulmões de ar puro, sentar-me um instante ali nas rochas cinzentas, ouvir as histórias macabras dos caçadores de polvos, acalmar os nervos sobrecarregados por uma semana intensa de traba-



lho. Contigo, leitor, no que respeita á «semana intensa de trabalho» suponho que sucederá a mesma coisa — e que, portanto, o remédio do momento poderá ser o mesmo, um passeio leve até ao mar que sabe, naquela voz longínqua e paternal, sarar como ninguém as nossas feridas.

MORSE

Notícias de todo o Mundo para toda a gente

AS DUAS LINGUAS QUE FALTAM AOS SÁBIOS INGLESES

Segundo o «Daily Mail» e o «Daily Express», o «Government Advisory Council», que dirige as investigações cientificas em Inglaterra, acaba de proclamar que os sábios ingleses têm de aprender o russo. O estudo desta lingua, segundo o parecer do Conselho, tornou-se indispensável a todos quantos queiram estar ao corrente dos progressos da ciência.

Juntamente, aquela alta organização cientifica sugere que se faça uma tradução massiva de obras cientificas e técnicas de origem russa.

Mas não ficam por aqui as decisões do «Government Advisory Council». Ele considera, com efeito, que não basta aprender o russo; os sábios ingleses deviam aprender também o chinês.

Eis os grandes cientistas de novo de sacola a caminho dos bancos escolares.

UM MAR DE AGUA QUENTE

Na Asia Central, melhor dizendo no Casaquestão, uma expedição de geólogos e espeleólogos acaba de descobrir um verdadeiro mar subterraneo de água quente. A sua superfície é um pouco maior que 500 quilómetros quadrados, o que representa a metade do Mar Morto ou do Lago Lehman.

E' o primeiro mar de água quente que figura nos mapas.

Mais um nome para as crianças de todo o Mundo decorarem, nas suas tarefas liceais.

AS FOICES DE ABRAÃO

O arqueólogo inglês André Parrot, numas escavações feitas junto de Beersheba, a cidade de Abraão, encontrou foices de marfim, vasos de basalto e outros objectos preciosos que datam do quarto milénio antes de Jesus Cristo.

Segundo «Die Welt», o local dos achados parece ser uma grande necrópole.

GALINHA DOS OVOS DE OURO

O mito do «amor impossível» do capitão Townsend e da princesa Margarida é uma autêntica galinha dos ovos de ouro para muita gente — incluindo o próprio Peter Townsend.

Este sabe muito bem que se estivesse apaixonado por uma rapariga qualquer isso não chamaria sobre si a atenção de quem quer que fosse. Possui a sua escrita bem montada.

Esse «amor impossível», apenas em França, foi nado em:

— 246 artigos no «France-Soir».

— 75 artigos, 7 capas e 339 fotografias no «Match».

— 45 artigos e 4 capas em «Jours de France».

E a Imprensa francesa está longe de bater o «record» do Mundo nesse aspecto.

«Os cadernos de Peter Townsend» foram vendidos na Inglaterra ao «Daily Mail»; a «verdadeira história de Peter Townsend» escrita por Norman Berrymaine, mas cujas provas foram revistas e corrigidas pelo próprio interessado, foi publicada em todo o Mundo. (Por ela o «France-Soir» pagou cerca de 150 contos...).

Sim, como se diz no inicio desta notícia, autêntica galinha dos ovos de ouro para certos jornais e revistas alimentadores do interesse mórbido do publico e da sua simpatia pelo mito do amor impossível do capitão P. Townsend...

IMPRESSÕES DE ITÁLIA

Por DULCE REBELO

ENVOLTA na sua bruma matinal, Florença, cidade de luz incomparável, desperta nas margens do Arno dourado, onde se reflectem os ocres e os azuis esbatidos dos velhos palácios. Ao longe ergue-se a torre de Arnolfo com 94 metros, mais além o Duomo de Brunelleschi e as «campanile», de Giotto. Pequenas ruas estreitas, mantendo o pavimento do tempo glorioso dos Médicis, conduzem ao centro da cidade, a Piazza della Signoria. Aí, no palazzo Vecchio, se decidiam os destinos da Itália em riquissimas salas, deslumbrantes pelos mármores de Carrara. Na própria praça levantou Miguel Angelo a sua tenda para talhar no mármore o famoso David, cuja execução durou meses de trabalho. Os eruditos Florentinos explicam que no sítio onde se ergue agora a fonte de Neptuno foi queimado Savonarola, o monge que fizera arder as obras-primas da Renascença por ele classificadas de «obras impias». A' direita da praça encontra-se a Arcaria de Orcagna e aí avulta entre outras criações o «Perseu» de Benvenuto Cellini. Parece que no coração de Florença se reuniram as estátuas e os palácios mais belos para surpreender o viajante desprevenido. As «Gallerie de gli Uffizi», ainda na piazza della Signoria, expõem esculturas e quadros mundialmente conhecidos, apreciando-se os cavaleiros pintados por Branzino e Pisanello que revelam a antiga indumentária florentina. Em contraste com a Lombardia em que abundam as terras planas, a Toscania é montanhosa e Florença abriga-se entre colinas verdes que a circundam num aro de graça e colorido antigo. E' uma cidade-monumento, esplendorosa de beleza, de tradições literárias, de história e arte. Nos mais remotos tempos estabeleceram-se os Romanos em cada margem do Arno, onde florescia um pequeno centro etrusco. O comércio maritimo desenvolvia-se com rapidez, e a Renascença vem surpreender uma cidade com alto nivel de civilização, em que a livre iniciativa e a capacidade individual rompem com as concepções rígidas do feudalismo. Uma nova era surge: a pintura revela aspectos ignorados, descobre novos temas, o mármore é golpeado sem tréguas pelo cinzel e nascem as obras-primas, e Dante, cujo berço é esta encantadora Florença, inicia uma literatura diferente com a flexibilidade do seu verso. Trechos da «Divina comédia» ornam as paredes de edificios medievais, como se a voz do poeta ainda falasse aos seus concidadãos. Num angulo de três ruas encruzilhadas a casa onde nasceu e viveu Dante é hoje circulo de artistas, e aí se conservam manuscritos e objectos do seu tempo. Com a luza do sol, as janelas góticas de vidros salientes e os tijolos avermelhados da fachada cobrem-se de um tom fulvo, coruscante, como uma magnifica peça de joalharia.

Há em Florença uma arte especial que consiste na gravação de dourados sobre caixas, carteiras e mil e um objectos, ricos de desenhos verdadeiramente inspirados. Os artífices trabalham em toda a parte — nas traseiras de lojas modestas, nos fundos de um pátio de traça antiga, sob tendas ao ar livre, ou nas dependências de uma igreja importante, onde uma secção de vendas destas pequenas maravilhas é sempre largamente frequentada.

Os monumentos, os palácios, os recantos unicos não têm fim. O palácio Pitti, residência dos grandes duques da Toscania e do rei Emanuel II, quando Florença foi capital da Itália, abre as suas portas ao grande publico e patenteia a sua riqueza nas decorações primorosas, mobiliário, quadros raros. Os Jardins de Boboli, vizinhos do palácio, são como um salão descoberto, onde o estilo de ornamentação atinge grande perfeição: Alternam os buxos de verdura, as estátuas, os frescos, os caramanchões. Mas outro atractivo da cidade são as suas pontes sobre o Arno, de águas mornas e calmas. Entre todas, duas há especialmente caras: a ponte de Santa Trinita, onde Dante ao atravessá-la encontrou Beatriz e que, destruida pelos Alemães, em 1944, foi totalmente reconstruida com as próprias pedras pescadas no rio, e ainda a Ponte Vecchio que existe desde 996 e foi reconstruida no séc. XIV.

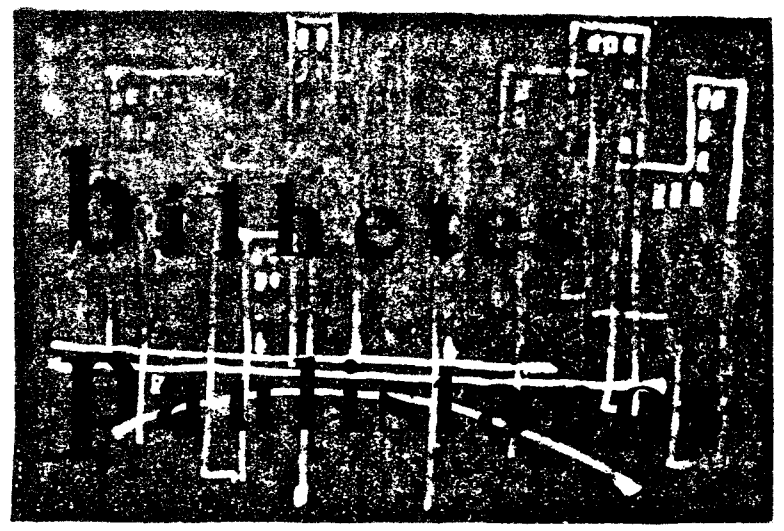
Sobre esta ponte encontram-se numerosas ourivesarias consideradas as melhores do Mundo. Aqui os artifices trabalhavam, sob a direcção de Benvenuto Cellini, o ouro e a prata que iriam adornar a mesa dos principes.

Para compreender esta cidade de velhas pedras e palácios magnificos, é necessário correr as suas ruas mais reconditas onde se bate o ouro, carda a lã ou martela o ferro como há mil anos. Ruelas estreitas conduzem ás estrebarias dos Médicis onde outrora se guardavam as carruagens e actualmente os fiacres de Florença. Para este itinerário há sempre um italiano disponível que enfiando o braço no parceiro, á moda florentina, vai desfiando o seu rosário de recordações. É voz corrente que as Florentinas são uma criaturinhas adoráveis e elas, cientes do seu sucesso, pousam na esplanada de um café com graça e leveza. A vida destes simpáticos filhos da Itália não tem segredos, e os acontecimentos mais importantes passam-se á luz do dia. Na praça se zangam e se reconciliam, tratam de negócios, fazem a côrte ás raparigas ou pedem-nas em casamento.

A cor e a luz de Florença mudam com o entardecer, e uma perfeita harmonia de tonalidades e sons se eleva da cidade. Michelangelo, Machiavel, Dante, Galileu, que repousam lado-a-lado na igreja de Santa Croce, parecem vir debruçar-se na Ponte Vecchio e admirar a cidade em que viveram, criaram e amaram.

Set. 1958.

DULCE REBELO



Pedreira das almas

(Continuação da 1.ª página)

Mariana — filha de Urbana — que ama Gabriel e deseja segui-lo em busca de «novas terras, novos rios, novas riquezas», de felicidade e de paz de espírito. Não tem ele a sede de aventura, a coragem e a ambição de um bandeirante dos tempos legendários? O povo acompanhá-lo-á, olha-o como chefe e guia. Urbana ficará em Pedreira com os seus mortos, as suas pedras, a sua igreja, os seus escravos, a meia duzia de pessoas apegadas á colina sagrada...

Mas entre o passado e o futuro interpõe-se o presente. Martiniano, irmão de Mariana, morre para salvar Gabriel e aquilo que ele simboliza. As autoridades imperiais rocuram o rebelde, cabeça de uma revolução malograda. A tragédia atinge então o seu ponto mais alto. Gabriel foge para uma gruta sepultada nos recessos da montanha, enquanto o corpo de Martiniano é exposto na Igreja. Em Pedreira das Almas não há cemitério...

Urbana, de quem tudo depende, não volta a descerrar os lábios. A vida triunfa sobre a morte. Fecha os olhos para sempre sem revelar o paradeiro de Gabriel, apesar de o odiar e de saber que sobre a sua cidade impende uma dupla ameaça de destruição. O mundo legal dos representantes do poder temporal choca-se com os dois mundos de Pedreira das Almas. O clima da peça torna-se alucinante e a acção passa a ter como eixo um estranho coro feminino e uma movimentação de pesadelo. São as mulheres de Pedreira, alicerce e alma da gens. A um coro junta-se outro e outro — os soldados e os encomendadores — num conjunto de vozes impressionante que cria na sala uma ambiência de indefinível espiritualidade. Jorge Andrade, que se adivinha filho do universo tradicionalista dos antigos fazendeiros, ultrapassou brilhantemente as fronteiras do ridiculo para se situar no campo do fantástico e do belo.

Gabriel volta e expulsa os forasteiros, aterrados pelo cenário e pela gente que os rodeia. Mas encontra outra Mariana. A jovem frágil e tímida transmutou-se com a morte de Urbana e de Martiniano e as ideias maternas, que outrora se lhe afiguravam obsoletas e inumanas, impõem-se-lhe agora. Não se trata de uma renuncia sublime, de um sacrifício, da fidelidade a uma promessa, mas de uma autêntica metempsicose. Mariana descobre-se ligada a Pedreira das Almas, á montanha inóspita, a tudo aquilo que outrora nada lhe dizia e que para ela ganhou um significado e uma dimensão imensos. Mas não quer prender Gabriel. Pede-lhe mesmo que parta, sabe que o desprezaria se ele a preferisse ao seu destino. Para ser coerente, ela, herdeira do clã e das suas tradições, deve ficar; ele, pelo contrário, guia e esperança do povo, deve partir em busca das terras da promissão. Antítese dramática que opõe o Brasil conservador ao Brasil pioneiro. Nela o amor perde-se como folha levada pelo vento. Mariana, que compreende mas não é compreendida, fica só com os seus fantasmas queridos na sua Pedreira das Almas. Gabriel parte para o desconhecido...

Não será «Pedreira das Almas» para além das suas raízes brasileiras — a ancestralidade lusíada manifesta-se fortemente no carácter das várias personagens — um ensaio sobre o círculo vicioso das esperanças do homem? Urbana vive apegada aos seus mitos, mas não será também um mito o eldorado de Gabriel? Assim como Pedreira das Almas envelheceu e se tornou estática, tal como envelheceram todas as cidades outrora fundadas em Minas pelos desbravadores do sertão, não envelhecerão amanhã todas as ideias e cidades que povoam de sonhos maravilhosos a mente da juventude da hora que passa?

Eles leem isto... em Ohio

O jornal «Cleveland Plain Dealer», dá-nos uma curiosa lista dos «bestsellers» no Estado americano de Ohio. Excede tudo quanto a imaginação mais arrebatada poderia supor. Ora vejam os nossos leitores, por ordem de preferência, os livros mais lidos naquele rincão estado-unidense:

1.º — «Os Analectas», de Confucio.
2.º — «Os Diálogos», de Buda.
3.º — «A Biblia».
4.º — «O Corão».
5.º — «Os principios da religião cristã», de Calvino.
6.º — «De Revolucionibus orbium coelestium», de Copérnico.
7.º — «Enciclopédia», de Diderot.
8.º — «O contrato social», de Rousseau.
9.º — «A origem das espécies», de Darwin.

Como se vê, os cidadãos de Ohio são os mais sábios e graves leitores do Mundo.

A prova dos nove

Para controlarem a exactidão da Teoria da Relatividade de Einstein, os Americanos construiram um relógio atómico que seguirá num dos próximos satélites artificiais, lançado á velocidade de 28 mil quilómetros/hora. Este relógio deverá contar um segundo de atraso em cada vinte e quatro horas, em relação aos relógios terrestres. Se tal suceder, demonstrar-se-á que, no espaço, o tempo não corre com a mesma rapidez que na Terra, tal como o sustentou o grande sábio.

Tempestade em Marte

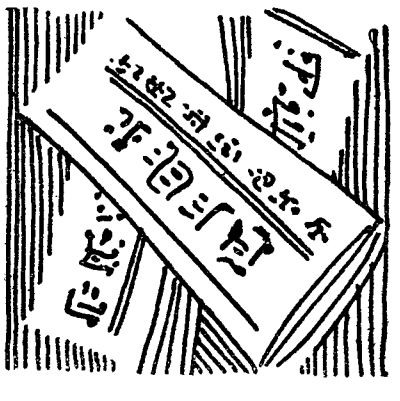
O «News Chronicle» noticiou que o professor soviético Charnov verificou a existência de violentas tempestades no planeta Marte, as quais, tendo começado em Setembro, ainda não acabaram.

A atmosfera do planeta ficou obscurecida por uma espécie de bruma amarelada, porventura devida a nuvens de poeira e de areia levantadas pelos ventos.

Aqui se diz onde nasceu O JORNAL

Verdadeiros bisavós dos nossos periódicos foram os editais que César mandou escrever diariamente. Mas jornais propriamente ditos, os primeiros, foram chineses. Há 900 anos já em Pequim saía o «Tchin-Pau» («Jornal de Pequim»)—um caderno de 12 páginas impresso em seda, que depois de lido podia ter diversas serventias...

Na Europa, o primeiro jornal apareceu em 1505, em Augsburgo. Era o «Cópias das Novas Notícias». Em 1660 surgiu o primeiro diário europeu — o «Jornal de Leipzig».



MeLoDiA interrompida

PASTERNAK

Olga era casada e feliz. Sérgio entregou-se á solidão; não considerava o seu amor um caso de amor livre. Sérgio gostava pouco da banalidade recalcada. Fugiu, sem quase saber como e achou-se em casa de Fresteln, na qualidade de receptor do filho. Não foi preciso muito tempo para se fazer amar do pequeno pupilo e estimado dos patrões. Na mesma casa habitava Arild, a dama de companhia da senhora Fresteln. Era uma dinamarquesa, vestia-se sempre de preto e tinha para Sérgio um sorriso cumplice, quando passava por ele. Era Verão, um Verão quente de turbilhões de areia, quando o pequeno apanhou sarampo. Tanto bastou para que ficassem na cidade e a partida para o campo fosse adiada. Sérgio não tinha agora com quem se entreter. Sofria mal o calor. Da janela viu a terra rodopiar; e a chuva a fazer-se rogada. Um dia saiu com a dama de companhia. Não sabia bem se era sonho ou realidade as recordações que se prendiam com esse passeio. Arilde tinha-lhe contado a sua vida passada. O calor sufocava. Dentro e fora dele. Dentro e fora dela...

Outras mulheres surgiram, noite a noite, na vida de Sérgio. Eram sempre mulheres que surgiam das sombras da noite, com um passado para contar. Essas confissões caíam sobre ele, afogavam-no em calor, tal como se dera com Arild. Mas a uma delas, Sérgio amara de verdade. Contudo, vivia como um bêbado e o facto era de ponderar.

Os dias sucediam-se. O pequeno ficou bom do sarampo, mas dir-se-ia ter contagiado Arild que apareceu com uma febre de assustar. Sérgio procurou-a uma tarde com o pretexto infantil de ter um recado para dar-lhe. Mas, o espectáculo que se lhe deparou, deixou-o petrificado. Como morta, Arild jazia na cama, transparente e pálida, solene e hirta. O grito de Sérgio, saiu-lhe do peito com tal impulso que quase o abafou. Agarrou-lhe a cabeça, pegou-lhe no pulso vagaroso. Graças! Apenas estava desmaiada. Sérgio sentou-se junto da cama. Era feliz. Só por estar ao pé dela. E foi ali, no silêncio de um quarto de doente, que a pediu em casamento.

O instituto veio-lhe á memória. Reviu as janelas lá em cima, as cortinas, o Sol franco e aberto, a mesa de estudo, os frascos alinhados no tampo da cómoda... Milhentos pensamentos se entrecruzavam; entre eles Ana surgia, sobrepondo-se a todos. Não só Ana. Mais alguém surgia, teimosamente. Combateu esse alguém, como um perigo que o ameaçasse. Pensou que ia casar com Ana, sem ter dinheiro. Escreveu a um amigo, na esperança de um auxílio. Ana apareceu-lhe, por entre brumas da memória. Entrou e ficou com ele...

...Sérgio acordou do primeiro sono dormido em casa da irmã. O sonho pareceu-lhe informe; mas não o largava. Sentiu apetite. Pensou se já teriam comido o banquete, sem deixarem algo para o grande apetite que trouxera daquela viagem ao passado. Surgiu o cunhado. Um abraço. Um abraço que cheirou a flanela e a iodo.

A mesa do banquete resplandecia. Acepipes e vinhos. Gargalhadas. O cunhado já tinha os dedos lambuzados de gordura. Limpou-os no lenço. Sérgio olhou para fora.

—Que encanto, está a nevar!

Sérgio sentia-se alegre, cada vez mais alegre. Nesse momento, veio do corredor um tropear confuso de passos. Gente que chegava. Entre essa gente, Lemokh, o homem que vira cozido ao tapume, no dia em que chegara. Um mal-estar subiu por ele. Perdeu a alegria. Conhecia esse homem, viu nele qualquer coisa de estranho e grande que lhe surgia pela frente para o

reduzir a pó, dos pés á cabeça. Sérgio sentia-se embaraçado...

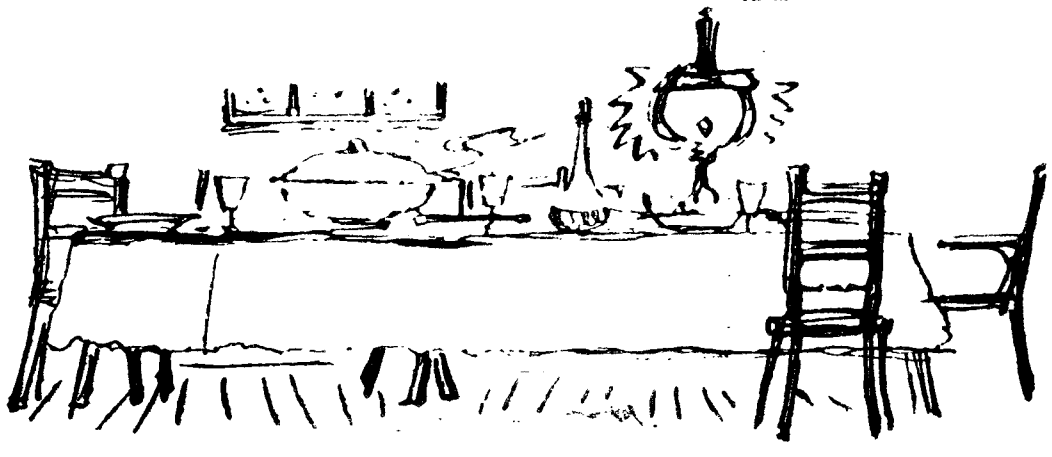
SÉRGIO chegou a casa da irmã, quando esta se preparava para ir ás compras. Era em Janeiro de 1916. Todo coberto de neve.

Abraçaram-se, com a efusão de uma ausência longa. Entraram em casa, Sérgio lavou a sugidade de muitas horas de estrada, penteou-se, fez a barba de dois dias e bebeu o chazinho quente que a irmã lhe serviu, amassou bolinhas de pão, contou a doença e morte da mãe. Depois falaram da guerra. Mas ela bem percebia que Sérgio fugia ás perguntas, com um ar cansado.

A campainha soou levemente. Sérgio levantou-se quando a irmã saiu; dirigiu-se para a janela. Nem vivalma, na neve que cobria tudo. Mas não, Sérgio notou um homem cozido com o tapume. Depressa contornou este e desapareceu. Lá dentro, a irmã gritava ao telefone. Depois pareceu-lhe que ela desligara e que agora falava alto com a costureira. Voltando para dentro, percebeu que a costureira não estava. Porque falava ela assim, com tanta força? Talvez para encobrir o que não queria dizer. Sérgio sentiu uma lassidão invadi-lo. Não podendo olhar a irmã, resolveu dormir.

Descia a noite. Lá fora, caía uma leve geada. As crianças algaraviavam. Furtivamente, a irmã vigiava a porta. Na cama, Sérgio pensava no drama do seu amor por Olga. Um verdadeiro drama.

Eis, em traços largos, o enredo de «MELODIA INTERROMPIDA», de Boris Pasternak, que Publicações Europa-América acaba de editar na sua interessante colecção «AS TRÊS ABELHAS». A Boris Pasternak foi, no ano findo, atribuido o Prémio Nobel da Literatura.



POSTAL IL

Ontem, o circo...

As crianças sabem que as maravilhas mais maravilhosas conseguem-no ser á custa da nossa imaginação.

Na realidade, a maior maravilha somos nós próprios.

Nem que exista uma flor, mas que ela nos emocione.

Nem que exista céu, mas que ele nos deslumbre.

Tal qual o circo. O que lhe dá vida é a vida que nós lhe damos. Os nossos olhos pasmados, á desfilada por campos imensos. Nós, ali sentadinhos na cadeira, puxando por ele e ele saltando á realidade, dócilmente.

Quero eu dizer na minha que, para amarmos o circo há que ter mais para dar do que para receber. Sempre me julgo em condições de concorrer no instante em que obtenho o bilhete. Um alvoroço, uma inquietação que não vejo em nenhum catraio. Eu estou indo já muito adiante, transpostas as ultimas barreiras...

Mas depois...

Bom, tenho de render-me. A pose não me vale. Mente-me, começo a achar-me intruso. O leão soberano, rosnando amável e lambendo a mão do domador? Fá-lo á custa de morfina. E depois dá-me desgosto ver seja quem for lamber as mãos de quem quer que seja. Os cãezinhos sábios? Sábios á custa de pancada, de fome, de tortura gestápica. Ah, não, não me fazeis sorrir á custa de vossas tropelias brincalhonas aprendidas com tanta lágrima. Li *O cão do circo*, de Jack London, meus amigos, pertenço a este mundo, não é fácil embarcar em mentiras! Os palhaços? Toma; Se rio, é uma catriz, um trejeito envergonhado por mim e pelos outros. E enquanto todo o mundo está rebentando a cupula do Coliseu á gargalhada, estou eu sofrendo com o palhaço menor que torceu um pé a correr atrás do anão, entra nos bastidores a coxear e ninguém viu, ninguém sabe, tudo ficou escondido na dobra da facécia com que o palhaço pobre se vingou da constelação privilegiada do palhaço rico. E o trapezista a uma légua de altura; tenho é medo que o artista se despenhe aqui no chão onde morrem as ilusões e vá depois engrossar o bando dos «falhados da rua dos sonhos». Acresce que li *O rapaz do trapézio voador* e não consigo dissociar as

Por

MANUEL AGRA

duas imagens e não o conseguindo esvai-se o encantamento, afocinho.

Quando diz um ai, penso que sou enrolado na onda, que atingi, empregando a gíria da hora, a velocidade de libertação. Isso quando surge a domadora e o elefante. A bela e o monstro. A flor erguendo a sua fragilidade como uma bandeira — e como um escudo... Toda verde e lantejoulas, toda oriental, sábia acendedora das mil e uma noites que guardamos. Talvez tudo estivesse muito bem se o Oriente não se chegasse muito para o meu sector. Se eu não visse as olheiras, a pele maltratada, a expressão de quem já viu estranhos mundos submersos ou soterrados... E a indiferença com que oferece a cabeça á bocarra do elefante que levanta

Aproximação ent e a

(Continuação da 1.ª página)

esgota o dia anónimo do homem da rua, e da qual os próprios artistas se tornam vítimas, presos de uma auto-consumação estéril.

E tal apatia se há-de reflectir nos órgãos da Imprensa, e é, por demais, ilusório pensar-se em resolver «in loco», o conflito das relações entre os artistas e os «orientadores da opinião publica», sem prèviamente se meditar nas mil e uma contingências que concorrem para o tão já apregoado divórcio arte-publico, do qual os nossos jornais serão, afinal, uma fiel e passiva imagem. E não se venha falar, de novo, na crise de uma época, pois, parece-nos advir o nosso problema, sobretudo, de uma vida portuguesa encalhada á margem de um tempo!...

Uma grande barreira se ergue entre o atelier e a praça publica, estabelecendo fronteiras tão confranjedoras como as mantidas entre o País e a Europa. Conhecemos os quadros de Rouault ou Manessier, como as praças de Londres ou o «boulevard» parisiense: através da reprodução fotográfica. E, os que mascaram esse lamentável provincianismo com um brilho cosmopolita, despertam-nos a presença amarga dos personagens dos «Maias».

As «solicitações» a povoar-nos os sonhos, desenham-se na face justaposta das «emboscadas» que nos podem adormecer. Benjamim Marques, ao falar em nome dos jovens artistas, quase caiu no logro de reciar um muro de lamentações para um cantico final, em vez de relembrar o prefácio de uma obra de juventude, agora começada a esboçar-se.

«—Unamo-nos para dizer: Não»— declarou Natália Correia. De facto, só uma lucidez constante, uma maior unidade de todos quantos em Portugal procuram estabelecer as pontes para o futuro, poderá apressar o crepusculo deste pesado silêncio.

Subsiste uma questão de Vonta-

por FERNAN

de, onde todas as ilusões serão tão perigosas como o optimismo de superfície. — Disseram-no, aliás, Almada Negreiros, Francisco Relógio e José Escada.

É, pois, erro grosseiro confundir-se, de qualquer forma, o espírito liberto de alguns jovens jornalistas com as intenções das empresas a subvencioná-los. Relembremos as intervenções de Artur Portela (Filho) e Corregedor da Fonseca, mas, sobretudo, impõe-se-nos o facto de a maior parte dos diários se ter esquivado á mais breve notícia sobre os debates, onde se pôs em causa — e as conclusões foram pouco lisonjeiras, a sua responsabilidade no desprezo nacional pelas coisas de arte. Sasportes já, prèviamente, surgira com um «mea culpa», que não o podia atingir, e também não afectou os órgãos da Imprensa, em cuja consciência adormecida talvez nem haja, ainda, lugar para o remorso, que a morte de Manuel Ribeiro de

ILUSTRADO

o mísero oriente e o passeia duas voltas ao redondel... Fico eu próprio á espera de ver acordar em mim laivos do «frisson» que tarda. Nova decepção. Nada mais descubro que piedade. E a piedade não dá sol.

ntre os artistas a Imprensa

facto, uma antos elecer oderá pesa-

/onta-

ERNANDO PERNES

o tão le su- s, Al- Reló-

nfun- espí- jor- em- elem- Artur r da ôe-se- e dos mais s, on- nclu- a sua na- sspor- com podia ou os- cons- a ha- orso, o de

gústia sufocada, a insuflar-se na pergunta de Neves Fortes:—«Que vamos fazer amanhã?».

O vulto do futuro, a descoberta dos seus contornos, a urgência da sua presença obsidia as mais novas gerações que, de qualquer forma, pretendem intervir no vasto diálogo da «Paleta e o Mundo». Entre a intensidade desse desejo e uma sensação de impotência, vai-se adiando para um amanhã remoto, a tolher os movimentos reclamados de um hoje de constante «á espera», o gesto criador.

Nós, os jovens, ignoramos talvez a nossa autêntica capacidade, ao recearmos a estrutura do tempo que nos determina. Não há a considerar apenas o conflito para o íntimo acordo do artista com a sua obra, mas a verdade de uma geração a sentir o peso de uma solidão progessivamente avolumada. Decerto, o drama tem origens muito vastas e o seu âmbito alcança o universal. Mas, em Portugal, toma características inéditas, na ausência de uma tradição de gosto e de pensamento. Um medo secreto torna mais angustiante a conquista do nosso destino, e dessa sombra pressentida nascem os sonhos dos futuros utópicos, como a saudade absurda dos esboços nunca realizados.

Talvez por isso, tantos diálogos propostos na voz dos poetas, dos pintores, dos críticos de arte, degeneram num solilóquio brilhante de poente.

Decerto, haverá sempre, em torno da obra de arte, um halo de silêncio a tornar estéril todo o verbalismo objectivo. O pintor deve saber, melhor do que ninguém, os limites do mundo exterior na sua expressão, terá uma aguda consciência desse estar só, mas nunca deve confundir a sua liberdade com uma impermeabilidade ao «Mundo dos Outros».

—«Numa dada época, todas as correntes de ideias, nos domínios mais diversos, ligam-se por uma secreta solidariedade» —, escreveu René Huyghe.

Numa possibilidade do fluir das correntes artísticas arrisca-se, pois, a cada momento, um destino comum.

Tentar esquecê-lo é pôr em causa a estrutura harmónica de um tempo, que nos determina como uma dimensão limite, só suprida, como um apelo ao porvir, pelo acto criador. Disso se têm esquecido alguns, quase todos os jornais, e talvez, também, muitos artistas.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Jograis de S. Paulo, meus Amigos: o pobre *Menino de sua Mãe* que ficou a habitar para todo o sempre nos meus olhos — jovem a quem roubaram a idade, varado inutilmente lado a lado no tal plaino que a brisa brande aquece — esse menino entrou na minha consciência pelos ouvidos, e é a vós que devo tal riqueza! Morto o jeito dos velhíssimos tempos em que o aedo e o jogral abriam caminhos imensos na geografia íntima do homem — a mensagem dos Poetas tornou-se o monopólio dos olhos, um gozo silencioso e solitário. Fechada assim a estrada dos ouvidos, a Poesia perdeu muitas das suas generosas harmonias e perdeu ainda, o que seria fatal para os Poetas, o belo país da sensibilidade popular, sem fronteiras nem alfandegas, onde nunca cepararam com uma porta fechada, libertadores de Poetas — eu percebi, sem qualquer sombra de duvida, que em vós e outros jograis como vós pode a Poesia voltar a ser semeada no humus popular onde florescerá. Para salvação dos Poetas.

Ao ouvir-vos, olhos apagados e espírito suspenso, entendi, na realidade, quanto o conduto da vista é insuficiente para a compreensão da Poesia! Depois de passar pela vossa sensibilidade de Jograis — tão Poetas como os Poetas — o *Menino de sua Mãe* ganha uma comunicabilidade universal e o profundo sentimento de uma acusação á guerra que nunca mais poderemos apartar da nossa experiência moral. Fernando Pessoa, a cuja morte a grande maioria dos nossos jornais fez um enterro jornalístico de 3.ª classe, entinha 14 anos) o *Menino de sua Mãe*. Nunca mais o esqueceram. Quando repetem o disco, é certo e comovente que ficam subitamente caladas e quietas quando um de vós anuncia *o Menino de sua Mãe!* O mesmo sucederá com o nosso povo, quando a vossa interpretação puder ser ouvida por eles.

E que dizer da monumental *Ode Marítima?* Ao escutá-la ganhamos a nítida consciência dos nossos centenares de quilómetros de convivência diária e histórica com o mar! O que a nossa capacidade individual de comprensão, o que os nossos olhos não conseguiram surpreender em toda a sua grandeza — veio, por vosso intermédio, a revelar-se-nos de subito. Do outro lado do Atlantico.

Os Jograis de S. Paulo libertaram o poeta!

onde toda a semente de beleza tinha a garantia da flor e o pago do fruto.

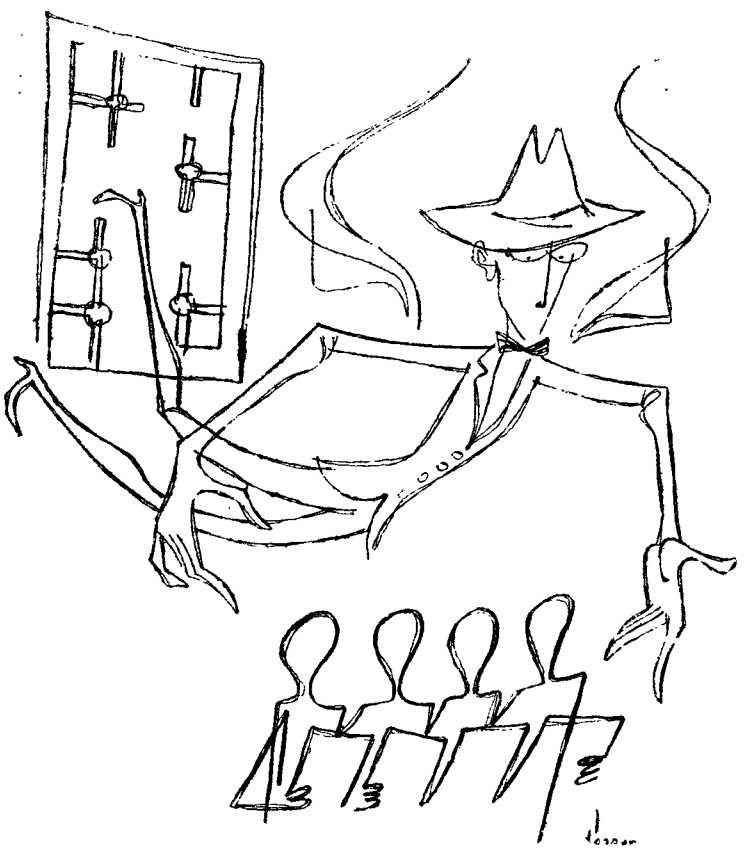
Os poetas ficaram á mercê dos «gourmets» dos palácios reais ou senhoriais, onde penetravam humildes como réus, depois de os obrigarem a bater á porta e a pedir licença para a Poesia. Os resultados, Jograis, sabeis quais foram: os grandes Poetas tiveram, como Camões de comer as sopas de Jau e morrer depressa, bem depressa, para que a sua Poesia não fosse de menos e a sua presença não fosse de mais. Só o povo tem amor bastante para os Poetas; só nos seus braços não há exílio nem ingratidão para a beleza: nas cortes, as distracções são muitas e a Poesia fica para as obras.

Claro que as reservas da humana hipocrisia são muitas e inesgotáveis: quando os Poetas morrem, os filisteus depois de porem a sua Poesia a render no tempo e depois de verem que Ela dá lucro — lavam, lavam, lavam, não se cansam de lavar as suas mãos e, para avisar os vindouros sobre a sua *inocência* encomendam estátuas para os Poetas, vazam-lhes por cima, discursos e abanam a cauda, de consciência desopilada.

Entretanto em todos os séculos vai morrendo, na miséria e no desprezo, mais um Poeta oceanico e necessário. E os filisteus, filhos de filisteus, netos e tetaranetos de filisteus repetem a comédia num recanto de um jardim, onde inauguram a estátua ou o busto (quando o remorso não chega para mais) e despejam o discurso fatal. E o povo sem saber!... Até quando?

Ah! Até quando! Isto me perguntava a mim mesmo, antes de vos ouvir, Amigos Jograis de S. Paulo, no *Menino de sua Mãe* na *Ode Marítima* do segundo Camões que os nossos filisteus amortalharam. E ao ouvir-vos, e ao sentir renascer em vós a milenária herança de aedos e jograis, contra em vós o verdadeiro amor que só o povo sabe dedicar aos Poetas. A vossa interpretação vale por uma revelação e um ajuste de contas. Eis Fernando Pessoa vivo e livre a transitar entre nós!

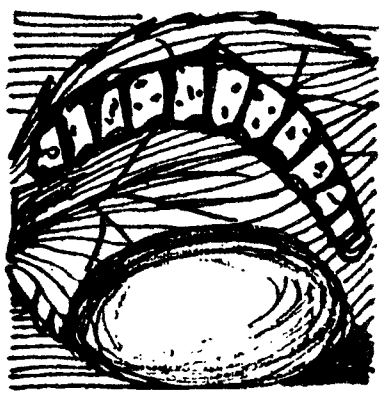
Mesmo que o agradecimento de uma só pessoa pareça demasiado pouco, eu quero agradecer-vos. Juntamente penso que estimareis saber que dei a ouvir a crianças (a mais velha



Aqui tendes porque digo que os Jograis de S. Paulo libertaram o Poeta. Libertaram-no duplamente: da condenação a um estreito círculo de iniciados, antes de tudo o mais; e libertação generosa do que de profundamente genial jazia escondido na obra do maior poeta português a seguir a Camões. Que grande e bela tarefa que deve ser continuada!

DIOGENES

Aqui se diz onde nasceu...



A SEDA

A seda nasceu na China, mas não é por esta razão que os casulos são amarelos... A razão é outra e quem a quiser saber que o pergunte aos bichos da seda. Aqui o que vamos dizer é que são necessários sete mil casulos para obter um quilo de seda (mais ou menos). Os casulos são lançados em água fervente para que o fio se possa desenrolar. Claro que foi necessária muita inteligência e paciência de chinês para se chegar á conclusão de que o casulo duma lagarta poderia ter alguma utilidade.

Durante séculos o segredo do fabrico da seda esteve muito bem aferrolhado na muralha da China; mas acabou, como se diz em linguagem moderna, por transpirar; desta forma passou á Índia, á Pérsia e depois á Sicília, á Espanha e a França.

Para concluir: nove décimos da produção mundial de seda são asiáticos; um décimo provém da nossa Europa.

O CHOCOLATE

Foi em 1519 que os Espanhóis depararam com o *chocolatl*. Esta palavra ,em linguagem mexicana, tem o seguinte significado: *choco*—cacau; *latl* —água. Para dar mais aroma a esta bebida os Mexicanos deitavam-lhe pimentão (uma delicia!), outras vezes baunilha. Para adoçar, deitavam-lhe mel.

Do México trouxeram, os Espanhóis a novidade para o seu país (1520). Em 1580, «nuestros hermanos» descobriram duas coisas: a maneira de industrializar o chocolate, e a maneira de nos tirar a independência — um invento doce e outro amargo. Durante 26 anos o segredo da fabricação do chocolate foi ciosamente guardado em Espanha; mas em 1606 um Italiano foi esperto bastante para descobrir o processo. Trinta e quatro anos depois, em 1640, coube a vez aos Portugueses, não de produzir industrialmente o chocolate, mas de se libertar da Espanha. Dois grandes desgostos para os nossos vizinhos.

O REGIME DIETETICO DOS IDOSOS

NÃO só os velhos, mas daqueles que começam apenas a envelhecer. Não há um regime-tipo; as necessidades variam segundo os indivíduos. Não é o excesso alimentar que pode preocupar; também a subalimentação pode ser nefasta.

Não deve a carne ser proscrita sistematicamente da alimentação a partir de certa idade, como é lugar comum. Há na carne elementos indispensáveis a um organismo que envelhece, porque são queimados com mais rapidez; devem, pois, ser substituídos, sob a forma de carnes vermelhas, esmagadas se a dentição está já deficiente, porque então as perturbações digestivas darão razão ao lugar-comum.

Os bombons, o chocolate, os bolos serão administrados com parci-

mónia. Pelo contrário, deve ser-se generoso com os frutos desde que estejam bem maduros — fornecem celulose que favorece o funcionamento intestinal, ao mesmo tempo que fonte de vitaminas, de que o organismo velho tanto necessita. Todas são necessárias, mas mais particularmente as do grupo B, que agem sobre o tecido nervoso e o sangue. Encontram-se nas carnes, na cerveja, nas cascas de certos grãos. Também a vitamina C tem grande papel, facilita o trabalho muscular e aumenta a resistência do organismo contra a infecção, a intoxicação e o frio. Ela existe, em estado natural, nos vegetais frescos, batatas, tomates, cenouras, limão, laranja, fígado e ostras. A vitamina A é util para as mucosas; evita as infecções e as perturbações da vista tão frequentes nas pessoas idosas.

Mas, evitar as gorduras e o sal. As primeiras favorecem a arterios-

clerose, a grande causa da mortalidade dos velhos. As gorduras vegetais ou a margarina, são preferíveis. Evitar as gorduras cozidas. O sal deve ser reduzido, principalmente se há a tendência para

a retenção de água nos tecidos e aos edemas. Apesar da sua riqueza em cálcio, não deve abusar-se do leite; contém elementos perigosos, gorduras e sal. Pelo contrário, o iogurte é excelente alimento. Comer, apenas, dois ovos por semana. Fugir aos temperos, como a pimenta, o excesso da mostarda; assim como aos aperitivos e digestivos, por perigosos.

A cada um, o seu regime. Mas as refeições devem ser pouco abundantes e muito numerosas; a da noite deve ser ligeira, para favore-

cer o sono. Deve comer-se lentamente, mastigar bem e metodicamente. Fazer uma pequena sesta, num maple, após a refeição do meio-dia.

E' essencial compreender que as medidas de higiene alimentar ocupam um lugar fundamental ao lado dos medicamentos, destinados a retardar o envelhecimento. Não se trata aqui de evitar o acidente mortal, mas de evitar a doença, de proteger o organismo contra o lento processo de destruição interna, muitas vezes acelerado por um ritmo de vida contrário ás leis naturais.

SAIBA COMER

Alface, verdura e saúde

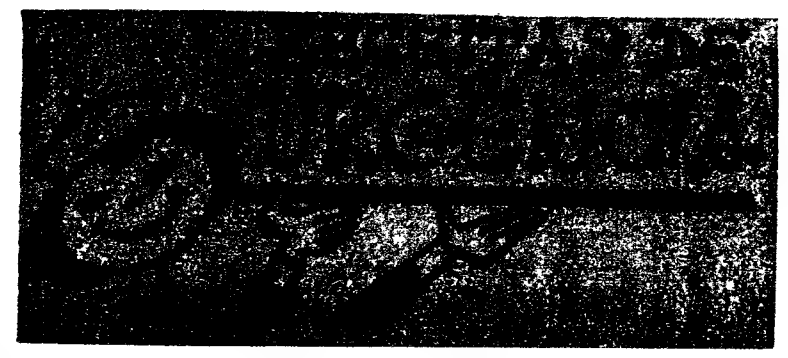
CONHECIDA desde a mais remota antiguidade, é mencionada nas Santas Escrituras pelo seu amargo sabor. Diocleciano cultivou-a no seu jardim de Salona; e o imperador

Augusto curou-se de uma grave doença de fígado pelo uso judicioso da alface.

De uma maneira geral, a alface é refrescante, aperitiva, concilia o

sono, excita o leite nas amamentadoras e acalma a azia.

E' do altex que contém que lhe vem o seu princípio activo. O xarope de alface é um bom sedativo.



Muito menos tóxico que o ópio, Henri Leclerc assinala-nos que este xarope tem a «vantagem de acalmar o erotismo nervoso, diminuir a excitabilidade reflexa, os movimentos

voluntários e a sensibilidade sem provocar fenómenos congestivos do cérebro, sem provocar transtornos

intestinais, nem anorexia, nem perturbações vaso-motoras».

Henri Vigne assinala como um bom calmante para as senhoras, em dolorosos períodos mensais.

No ponto de vista alimentar tem um valor mediocre, contendo 94% de água.

Mas o efeito que ela causa em certso pratos, em volta de carnes frias, é bonito, ressaltando o verde como uma guirlanda esme-

ralda. E bem temperada é um acompanhamento agradável e saboroso. Em sanduiches, torna-as frescas não apenas ao paladar, mas á vista.

Vamos continuar

a aproveitar os restos...

RESTOS DE VITELA ASSADA

Restos de carne—125 gr. de queijo ralado — 75 gr. de margarina.

Pôr um pouco de margarina no fundo dum prato de ir ao forno.

Colocar finas fatias da carne assada. Cobrir com fatias muito finas de presunto ou «facon». Outra de carne. Polvilhar com o queijo e pedaços de margarina. Meter no forno, durante vinte minutos. Servir com uma salada verde, misturando alface, agriões e chicória, azeitonas pretas e azeite e vinagre bem batidos

BOLOS DE SÊMOLA, COM RECHEIO DE CARNE

Restos de carne — 6 colheres de sêmola — 2 cebolas — Salsa, alho.

Fazer de véspera uma sêmola espessa, com água, leite ou leite cortado de água que salgará. Não deixar encaroçar. Logo que engrosse bem, retire do lume e deixe até ao dia seguinte. Faça então um recheio de carne, refogando os alhos, a cebola e a salsa com bom azeite. Corte a sêmola com um copo, em pequenas rodelas. Sobre cada uma, deite um pouco de recheio e sobre este outra rodela. Solde os bordos. Ponha a dourar na frigideira e sirva quente. Acompanhe com salada colorida: alface, beterraba cozida, azeitonas pretas e ovos cozidos. Azeite e vinagre.

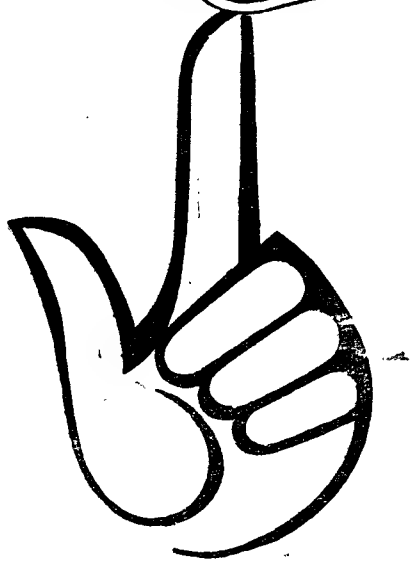
BOLO APROVEITADO

Se lhe ficou do Natal um bolo e está já seco, para ser comido assim, corte-o em fatias. Barre-as com com pota de maçã (ou outra qualquer)

e coloque outra por cima. Ponha as sanduiches no fundo dum prato e regue com vinho do Porto. Deite sobre elas um leite creme pouco espesso e polvilhe com canela ou queime o leite creme.

NOVA EMBALAGEM!

POR 20$00 VAI ENCHER 4 VEZES (QUATRO) O SEU FRASCO DE



AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

Numa manhã de nevoeiro

por ALFREDO BRÁS

Confesso bastante penalizado a minha falta de inclinação para a obscuridade e o mistério. Sempre me senti, pelo contrário, fortemente atraído pelas zonas luminosas, onde as sombras se dissipam e as coisas e as ideias se mostram com angulos nítidos e contornos bem definidos. Assim certamente se justifica a sugestão sobre mim exercida pela paisagem e a arte solares da antiga Grécia e pelo claro cartesianismo do espírito francês. Repare-se, entretanto — e esta prevenção parece-me aqui necessária — que estou falando da pura claridade mediterranica e não da crua luminosidade das terras demasiado ardentes, onde objectos e ideias parecem dissolver-se numa poalha fosforescente.

Este meu confessado gosto pela claridade e pela nitidez não parece á primeira vista ter nada de anormal e poderia mesmo harmonizar-se, até certo ponto, com as condições naturais deste País da beira-mar onde tive a sina de nascer. Se não fosse o facto de por aqui surgirem, de vez em quando, certos períodos nevoentos que de maneira alguma concordam com as minhas preferências e ainda a desgraçada circunstancia de eu viver numa época em que um tal André Breton, pontífice do surrealismo, decretou superiormente que «a claridade confina com a tolice».

No que respeita aos nossos nevoeiros, sinto-me ainda sob a desagradável impressão em mim produzida por aqueles dias do fim do ano em que Lisboa esteve mergulhada numa fria e espessa névoa londrina. Não sei como a sensibilidade do amigo leitor teria reagido ao fenómeno meteorológico, mas para os meus olhos ainda habituados á nossa belíssima luz outonal o choque foi um tanto brusco e senti-me bem tristonho e oprimido. A cidade tinha-se subitamente tornado opaca, desconhecida, ameaçadora. Nem colinas, nem a linda visão do Tejo, nem a policromia do casario. Uma cor soturna e uniforme, uma unica dimensão e, para lá do muro de bruma, o desconhecido ou quem sabe mesmo se aquele absurdo que, segundo a curiosa expressão do sr. Camus, «na esquina de qualquer rua pode bater na cara de qualquer homem». Cheguei mesmo a aguardar com uma certa inquietação essa simbólica bofetada prometida pelo tão celebrado escritor, mas tudo se resumiu, felizmente, no involuntário choque com cidadãos tão embuçados como pacíficos, além de uma ou outra topada e da ameaça de grave colisão com um marco de correio.

Devo, entretanto, explicar ás pessoas desprevenidas esta minha insólita invocação do «absurdo», existencialista a propósito do nevoeiro lisboeta. É que a ideia deve certamente parecer tão estranha que nem sequer me admiraria se algum leitor mais fortemente arreigado ás nossas belas tradições me retorquisse indignado: «Porque diabo vem o «menino» (as pessoas muito tradicionalistas são geralmente mais idosas e têm o direito de nos tratarem assim) relacionar os surrealismos e os existencialismos com o bom e legítimo nevoeiro lusitano? Olhe que as espessuras do nosso nevoeiro só poderão esconder um salvador da Pátria, um D. Sebastião, e nunca esse tal «absurdo». Deixe-se de Bretons e de Camus e leia o sapateiro Bandarra, leia Vieira, leia Pascoais!». E eu teria de calar-me respeitosamente e reconhecer que, de facto, assim é, que o nosso rico nevoeirozinho sebastianista nada tem a ver com tais subprodutos estrangeiros. Reconheceria também, sem a mínima dificuldade, que tem muito maior interesse nacional e poético aguardar a vinda de D. Sebastião do que esperar um desagradável encontro com esse tal «absurdo». Mas será minha culpa, poderia eu talvez retorquir, se a nossa estranha época exterminou impiedosamente todo o maravilhoso para criar em sua substituição um mistério de pacotilha?

Porque não pode haver duvida de que a gente de hoje está perdendo completamente o gosto pelas profecias bandarreanas e até mesmo o nosso belo saudosismo, derradeira manifestação do sebastianismo lusiada, vai declinando a olhos vistos. O seu ultimo abencerragem parece ter sido o grande Pascoais, constantemente enamorado dos nevoeiros do Marão. Depois do grande poeta das «Sombras» nenhum outro voltou ás sugestões do profético sapateiro e aos encantos do saudosismo, mas se acaso a isso ainda se referem é só para afirmarem descontentamento, como o Joaquim Namorado, que

Bandarras nunca faltaram
manhãs de nevoeiro também não.
Quem tem faltado até aqui é o D.
Sebastião.

Ora esta tendência para esvaziar o nevoeiro do seu prestígio mítico, virando-o do avesso como um ilusionista faz com o saco das prestidigitações para mostrar ao publico que lá dentro não existe mesmo nada, parecia-me bastante salutar e de ferteis consequências se não é o caso de certos jovens intelectuais, sentindo a nostalgia do maravilhoso e a pressão da moda, terem resolvido importar, á falta de melhor, o tal mistério de pacotilha «made in France», criação muitíssimo bergsoniana devidamente aumentada e corrigida por surrealistas e existencialistas. E eis assim devidamente explicado o motivo da intromissão do «absurdo» no nevoeiro lusitano.

Mas é evidente que medeia uma enorme distancia entre o primitivo maravilhoso nacional e o referido mistério de importação. O primeiro é uma crença sem premeditação resultante de um estado de ignorancia; o segundo, uma automistificação deliberada por medo da realidade. E é encarando as coisas sob este aspecto que me recuso a reconhecer qualquer vantagem na troca.

Todas estas considerações surgiram, como o amigo leitor deve estar lembrado, a propósito ou a despropósito do meu gosto pela claridade e dos antipáticos nevoeiros que tombaram sobre Lisboa nos ultimos dias do ano findo, os quais não me trouxeram senão frio, tristeza e esta «absurda» constipação que não me larga. De maravilhas e mistérios, nem sombra! E não hei-de eu antipatizar com o nevoeiro!

A CONQUISTA DO CÉU

(Continuação da 1.ª página)

tituirá o primeiro planeta artificial — o 10.º...

Então, como diziamos no «Magazine», o primeiro objectivo deixou de ser a Lua?

Não. A este propósito, o sábio K. Guilzine declara na sua obra «Viagem aos mundos distantes», publicada em 1958:

«Podemos, sem qualquer hesitação, indicar o primeiro objectivo das astronaves. Será ele o segundo astro do ceu, a Lua.

E isso não devido á preferência que os poetas sempre manifestaram por ela, nem ao sentimentalismo com que os homens, desde sempre, olharam para ela, dando largas á imaginação. Essa escolha é determinada por motivos muito mais prosaicos: a Lua é o corpo celeste mais chegado á Terra; *a viagem á Lua é a mais simples de todas as viagens interplanetárias...*

Está bem de ver que, constituindo embora a mais simples de todas as viagens interplanetárias, ela exige uma quantidade fabulosa de estudos e experiência.

Na obra citada, afirma K. Guilzine: *«No estádio actual da ciência considera-se provàvelmente impossível «tomar» a Lua por assalto directo. O mais racional será efectuar um cerco metódico e preparar assim, minuciosamente, o assalto decisivo».*

O primeiro passo para o cerco, á Lua deu-se com o lançamento do deu-se agora, com o lançamento do primeiro Sputnique. A viagem deste foguetão cósmico, em direcção ao Sol, passou por um caminho já muito perto do satélite terrestre —e certamente os segredos que lhe arrancou já devem estar pesando na balança para o próximo assalto...

A aterragem na Lua ou, como já vai pegando a moda, a «alunagem» não pode estudar-se independentemente de uma série de outros factores. O envio de um «objecto» para a Lua não oferece, actualmente, qualquer dificuldade. Mas se a ciência nada ganhar com isso, valerá a pena realizá-lo? Como trunfo na política das nações, tendo em vista as massas ignorantes, talvez. Mas o espírito científico deve manter-se alheio a considerações dessa ordem. Não nos esqueçamos da resposta dos esposos Curie aos que lhes propunham a comercialização do rádio: «Não aceitamos porque é contrário ao espírito científico».

Assim, na aventura do homem pelo espaço, a sua primeira conquista, a Lua, deve assentar em bases firmes. Há que estudar: o seu campo magnético (se o houver) e qual a sua intensidade; a massa da Lua; a radioactividade do solo, o valor real da sua atracção, radiações cósmicas; o comportamento dos instrumentos terrestres nas vizinhanças da Lua.

Só depois disso, como diz Guilzine, se procederá ao «assalto decisivo», que já sabemos estar marcado, em princípio, para 1960.

Até lá, porém, quantas surpresas!

quem se parece este homem? O Lemos chamava-lhe cavalo de corridas reformado mas afirmava que não era má pessoa.

Levantei-me com esforço e ofereci-lhe a minha cadeira.

Continuei jogando.

— Estou farto. Vou até á central.

— Espere. Eu vou consigo.

— Para quê? Acha que faz lá falta?

Ele ia do lado do desmonte. Se lhe desse um empurrão era uma vez um inglês. Não, não era capaz de fazê-lo. Não, não era. Fiquei um pouco para trás e emendei mentalmente a frase, ao olhar pelas costas o corpo bojudo e as pernas delgadas de Rowe: «Era uma vez um porco, assim é que está bem». Apressei o passo e fui apanhá-lo junto ao poste da luz eléctrica. Fixei o chão. Nunca passo por aquele poste sem olhar o chão. Foi naquelas pedras... Vejo-o na minha frente, os olhos esbugalhados a boca aberta, os dentes cheios de sangue... E o Lemos, que era o melhor de todos nós...

— Rowe! Você não conheceu o Lemos. Era um amigo e ficou aqui...

As lágrimas corriam-me pela cara abaixo e a neve, ao pisá-la, dava-me uma sensação repugnante. Parecia-me pisar carne. E que pisava eu em toda aquela terra maldita? Carne, só carne. «Eu sinto-os debaixo dos pés abrindo galerias...».

— Você tem qualquer coisa esta noite?

— Já lhe disse que não tenho nada. Deixe-me.

O Freitas deitava óleo no motor numero dois.

— Um motor parado. O que há?

— Começou a falhar. Deve ser do óleo.

— Oleo deste num motor novo? Rowe, diga ao director que beba esta murraça.

Atirei o capote para cima de uma mesa e vesti um macaco.

— Ponham-no a trabalhar. Quero ter a certeza.

— Não pega, senhor engenheiro.

Cansei-me a limpar peças. O Freitas foi para o compressor e veio de lá cheio de óleo. Fui á secção de tratamento verificar se havia sobrecargas. Só trabalhava um dos «trommers». Era preciso tirar a cabeça de bloco. Não, eu não devia estar bom. O chão ia fugir-me novamente, debaixo dos pés. Via-me cercado pelas correias de transmissão. As esferas brilhantes dos «trommers» caiam uma a uma a meus pés e a cabeça da mulher do comboio seguia junto das pedras na correia de escolha do minério. Via-a apanhada pelas mandíbulas dos trituradores e depois tornar a aparecer sorridente noutro ponto qualquer.

Segurei-me a uma parede, depois pedi água. Não desistiria. Sentei-me. Abri uma gaveta, consultei uns gráficos e mandei o Freitas ao depósito ver a qualidade do óleo que chegara de tarde. Rowe conversava com o mestre da oficina. Via-os da janela da central. O velho Mota abriu a boca numa gargalhada franca ao ouvir o que o inglês lhe contava.

— O óleo é todo do mesmo.

Era escusado. Mas escusado o quê? Agarrei na chave inglesa, apertei-a com quanta força tinha. Aquilo andaria nem que fosse um minuto.

— Viram bem as velas?

— Sim, senhor engenheiro.

— A corrente passa?

— Sim, senhor engenheiro.

—Então ficas aqui.

—Peguei-lhe como se fosse uma criança e encostei-o a uma árvore baixa, de espessa copa. Dez minutos me chegavam para atravessar o pinhal. Tinha os nervos arrasados. Olhei para trás mais uma vez para fixar o sítio onde o deixara. Depressa avistei, num concavo do terreno, a boca da mina. Galeria numero seis, lá estava escrito numa tábua em letras vermelhas. Caminhei por algum tempo por entre os «rails», cobertos de ferrugem, das vagonetas. A' direita um depósito de ferramentas... A porta tinha os gonzos partidos... Agachei-me, peguei nuns bocados de brita do filão. Examinei-os. Ao levantar-me senti o casaco preso a qualquer coisa. Voltei-me. O braço de uma cruz. Sem saber porquê arrepiei-me. Depois encolhi os ombros. Uma cruz como tantas. Não há mina que não esteja rodeada de cruzes. Mesmo todas as minas são um cemitério. Inspeccionei a galeria. Estava entulhada a dez metros da entrada.

Com um martelo arranjei um bocado do filão. Bafejei-o. Argila com palhetas brilhantes orientadas. E parecia um «Gneiss»!

Estava tudo visto. Atravessei novamente o pinhal. Como estaria o Rua? perguntei a mim próprio. A princípio só via troncos na minha frente. A ansia de chegar dominava-me.

Acabaram-se as árvores, lá estava o vulto do rapaz. Aproximei-me a passos largos. O mesmo olhar de pavor. Ajoelhei-me a seu lado.

—Estás melhor?

A mesma mudez.

—Tens forças para chegar á mina?

O Rua levantou-se como se mordido por uma mola de aço.

Não compreendi aquela mudança, aquela força estranha. Levei-lhe novamente á boca o frasco do Whisky. Desta vez bebeu. Dei-lhe outro cigarro. Os seus passos, de vagos, de indecisos tornaram-se cadenciados, ágeis mesmo. Passei-lhe mais uma vez o braço pelo ombro.

—Que idade tens?

—Fiz dezassete anos.

—Há quanto tempo estás na mina?

—Um ano e meio.

—Trabalhaste na galeria 6?

—Não.

O mesmo «não» ríspido e gutural.

—Conhecias o mineiro que morreu lá?

O rapaz agarrou-se a mim a soluçar e murmurou numa voz que o vento levou, talvez ao encontro da cruz que me tinha prendido o casaco, «era meu pai».

Encostei-me a uma janela. A neve caía lá fora e o chão parecia um lençol. Só o da oficina de tratamento do minério era negro e negros também os rolos de fumo que as chaminés vomitavam. O fumo e aquele casarão não podiam viver um sem o outro e no dia em que o monstro não o cuspisse tudo ali estaria acabado. As garras dos trituradores e engrenagens «trommers», criariam ferrugem, e as pás dos classificadores nunca mais largariam a liga cinzenta e viscosa.

Voltei a olhar as chaminés. O fumo saía enrolado, contorcia-se e depois alastrava-se no ar. «Estão lá dentro a queimar gente», disse comigo e esborrachei a cara contra o vidro. Procurava prender-me a qualquer coisa que não fosse aquele monte esventrado que era a unica paisagem da nossa vida e perguntei a mim mesmo o que faria o Lemos. Dez horas... Devia

DIA DE NATAL

O dia de Natal em Londres e nas cidades de província da Inglaterra é de um silêncio sólido e pesado. Ao alvoroço frenético que se apodera da multidão desde o princípio do mês sucede-se um cansaço imenso, um êxodo e um recolhimento subito que dão á grande metrópole um ar de museu, uma vaga aparência de uma velha urbe, onde a civilização se extinguiu por completo.

Por
LUIS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

São raros os transeuntes, e as grandes avenidas sem autocarros, vazios, inutilmente vazios, têm qualquer coisa de estranho e absurdo. As árvores despidas e esgalhadas escorrem abandono e as fachadas negras das casas, onde as janelas são como olhos vazados num pasmo de pedra, respiram uma melancolia de cinza.

Assim este Natal foi um pouco triste, como são todos os Natais em que não há neve, em que se não acorda de madrugada com um clarão de estrelas no quarto, uma claridade lívida e leitosa que vem das trevas e espalha o encantamento de um mundo melodioso e distante.

As árvores polvilhadas de branco, os caminhos atapetados de um farelo fofo e macio, os telhados toucados de arminho e os peitoris das janelas debruados de uma filigrana veludosa tomam então um ar de festa, um ar de gala que coincide com a ternura que vai nos corações. A atmosfera é mais pura, mais límpida, e as vozes ressoam nítidas numa vibração de cristal.

Nas cidades esconde-se o negrume e a ciscalhada industrial e, por algumas horas, vive-se esta alegria de um reino longínquo de mágica infantil, jogam-se bolas de neve, e reencontra-se a inocência do primeiro deslumbramento. Sob os nossos pés range, rija, aquela brancura, que se vai maculando a pouco e pouco até se diluir mais tarde numa massa viscosa e lutulenta.

Mas este ano a Natureza faltou mais uma vez á sua promessa, não nos dando essa surpresa tão desejada, esse brinquedo nacional de um Natal branco. De modo que o Natal foi triste, foi sombrio, foi desolado.

A manhã nasceu num manto de neblina, que barrava toda a cidade e se esfiapou ao meio-dia, pairando ainda em tarjas fuliginosas e reticentes, onde o Sol não era mais do que um disco alaranjado e mortiço. E ao entardecer, num crepusculo estrangulado e sujo, liquedesfez-se tudo numa chuvinha mirda e pegajosa, tornando ainda mais triste a cidade abandonada, mais melancólica a despedida dos escassos grupos que, nos degraus da escada, se apartavam dos parentes e amigos.

Todavia o verdadeiro Natal inglês, o Natal das gravuras dos cartões de boas festas e da tradição, esse doce Natal doméstico a que adere ainda a saudade da Merrie England só se encontra no campo.

Londres é sobretudo uma cidade de trabalho e o Inglês, sempre que pode, fixa a sua residência nalgum distrito rural. Por isso o êxodo, começa maciçamente umas 48 horas antes. E' uma turba vergada ao peso de maletas de viagem que assalta autocarros, tázis, comboios e automóveis, largando em caravana para os pacatos burgos costeiros, para as negras cidades do Norte, ou para uma vilazinha sonolenta entre prados humidos e vacas leiteiras, cottages atarracados e moreias de feno donde se evola um olor de presépio.

E o Natal tem, então, o seu sentido próprio neste cenário rustico, vagamente reminiscente de uma paz feudal, do squire magnanimo naquela hora cristã, de festas alegres de camponeses, da beleza singela da paisagem isenta de máquinas e chaminés. Aqui pressente-se o raiar da alvorada na vidraça da janela, ouve-se lá fora o pialhar dos pássaros e toma-se pouco a pouco consciência dos ruídos surdos e distantes que acordam toda a casa.

De longe vêm vozes infantis numa excitação de surpresa e toda a família se reune no salão do rés-do-chão em torno do pinheiro druídico sob cujas ramadas se alarga um estendal de caixas precintadas de laços, envoltas em papel sedoso de fantasias silvestres. O direito de tomar e repartir o maná celeste cabe ás crianças e o dia começa com o grato ritual, enquanto toros de madeiro grosso estralejam na lareira e uma chama alta vai afogueando os rostos.

Mas o Natal não é apenas uma festa de crianças e, depois de respeitado o dever familiar, há sempre quem saia numa ronda de visitas a amigos velhos. Comemora-se o encontro numa evocação de memórias inesquecíveis, ungidas de muito whisky e gin, e fazem-se promessas que ninguém pensa cumprir.

Peal tarde chegam grupos de gente nova, com parentes e amigos vindos de longe e a sua entrada é saudada com risadas frescas, com um madrigal, com um dito de bom humor, ou com um beijo, se as raparigas são bonitas.

O mistletoe pendente dos candeeiros justifica castas liberalidades amorosas que a musica dolente do gira-discos estimula e incita. E a noite desliza suavemente em jogos cheios de graça, em olhares enternecidos trocados nas voltas de um passo de dança, em duas cabeças que se juntam tontas de um amor unico e adolescente, em juramentos apaixonados que se querem eternos, e numa ou outra saudade triste, numa mágoa baça que já não punge o coração dos velhos.

Para fechar aquele Natal feliz, que só os pobres solitários não tiveram, esses solitários de Londres, tímidos e recatados sem amigos, nem parentes, vivendo em quartos alugados, em pensões baratas, para terminar aquela festa de alegre paz doméstica, forma-se um grande grupo em círculo, e dando-se as mãos num gesto de calorosa fraternidade cantam todos com emoção o Auld Lang Syne, encantadora e velha melodia das montanhas da Escócia

Cá fora o céu forrado e humido põe em tudo um desolamento enervante e os motores dos automóveis alinhados na álea do jardim trepidam surdamente num sinal de abalada.

A' luz frouxa do portal, num atraso tácito e premeditado, há um par que se deslaça contra vontade, e, sob a orla do gorro de inverno uma madeixa loura e uns olhos alagados de uma felicidade sem nome, um good-bye sussurrado como o vento da tarde nos canaviais da planície, abriram para ele os horizontes de um mundo ignorado, revelaram-lhe uma claridade mais forte do queo dia e a certeza do mais belo Natal de toda a sua vida...

«O OBELISCO PRETO»
extraordinário romance de
ERICH MARIA REMARQUE

Edições de
LIVROS DO BRASIL
leia
(não pode deixar de ler)

«A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO»
por JEROME CARCOPINO

dormir. Dizia uma carta que a vida do sanatório era aborrecida. Não tanto como a da mina, pensei. Aqui estou outra vez a enterrar-me nisto... O outro chamava-lhe «taylorismo» sentimental... Estou a vê-lo, com esta sentença, soletrada a uma roda de amigos, á mesa de um café. Sim, a atmosfera do café é morna, há mulheres bem vestidas que nos ouvem... e homens que gostam de ser ouvidos por mulheres bem vestidas. Mas só ouvidos... depois fogem.

— No que pensa você?

Julguei melhor não dar resposta a esta pergunta do inglês.

Rowe disse ao brasileiro que trouxesse uma garrafa de «whisky». Aproximou-se de mim com um copo na mão, encheu-o, pôs-mo em frente dos olhos e disse: «beba». Bebi como um autómato e momo um autómato esperei duas vezes que moenchesse de novo. Sorriu, apontou a garrafa e murmurou pérfidamente á laia de receita:

— Isto dá quase sempre resultado.

Dei alguns passos e voltei para a janela. Uma lampada lá no alto de um poste e os armazéns do material, ao fundo... À mina outra vez... Fechei os olhos, cansado. Não queria olhar mais para além dos vidros. Enfrentei Rowe e perguntei com secura:

— Você sabe o que é «taylorismo» sentimental?

O inglês encolheu os ombros. Aproximei-me da mesa. O coração batia-me no peito, ás sacadas, e tinha nos ouvidos o barulho do vento. Mal arrástava os pés. Sentia-me, como um homem que espera cair de um momento para o outro. Pensei que poderia enlouquecer e quis gritar como se alguém me apertasse a garganta. Sentei-me. Suava. A garrafa e o copo

estavam de novo na minha frente. Bebi mais. Angustia... Isto será angustia? Depois puseram-me cinco cartas na mão.

Joguei e sorri algumas vezes de uma forma imbecil. Estava a lembrar muitas coisas que não eram a mina. Uma mulher que viajou comigo quando ia para o Sul... O magazine que comprara na estação de partida... Aqueles lábios grossos... Os cabelos que tocaram os meus... Sim, devia estar congestionado quando os seus cabelos tocaram os meus. A mão dela tremendo... E o homem do «taylorismo» sentimental? Pequeno... O chapéu enrolado e uns óculos sem aros... Os outros a ouvi-lo como meninos que querem ganhar modos de professor.

Deitava as cartas para a mesa mecanicamente. Os outros riam das minhas jogadas. Aquilo aborrecia-me. Os zumbidos, nos ouvidos, eram cada vez mais fortes... Talvez fosse o barulho das máquinas. Via os volantes da central nova, a cabeça da mulher do comboio metida numa das transmissões, e os cabelos fartos caídos sobre o compressor. Cerrei os olhos. Não, a mulher já nada tinha de belo. Causava-me nojo metida nas peças das máquinas.

— Você não está bom.

— Não me mace.

Rowe achou graça á acentuação que dei ás palvras e deu uma gargalhada. O sangue subiu-me á cara, mas dominei a vontade de lhe atirar com as cartas e de esbofeteá-lo. Do esforço que fiz me veio a certeza de que não estava doido. Apeteceu-me sair. Talvez a neve, o frio da noite, o uivar dos lobos me fizessem ber. Procurei levantar-me mas não consegui. Pesava-me tanto o corpo que mal podia com ele.

— Vem aí o director. Leva o «whisky» para dentro.

— Não. Por que razão é que ele pode beber á minha vista e eu não posso ter aqui a garrafa? Fica aqui e ninguém se atreva a tirar-ma.

Pus naquela ultima frase um sentido de desafio. Gostaria de andar á pancada, naquela noite. Bater, ser esmurrado, rolar pelo chão, cansar os musculos e cair num sono pesado até amanhecer.

O director entrou e deu as boas noites. Chamou Rowe de parte e disse qualquer coisa que não ouvi. Mesmo que fosse de mim pouco me importaria. Odiei o director. Odio de classe? Não. Deitar-lhe para cima das costas os males da mina seria absurdo. Eu sirvo e ele serve... Os dentes cerraram-se-me. «Tenho-lhe ódio, um ódio instintivo. Pronto, acabou-se». Com

DA MULHER E DA CRIANÇA

A escolha do vestido
para ir à ópera a S. Carlos

Começam as óperas e as corridas das senhoras para as modistas na pretensão de que lhes façam, imediatamente, um vestido para levarem a S. Carlos. Para esse efeito o «Diário de Lisboa» já começou a dar-lhes sugestões e modelos bonitos, mas não basta, é necessário voltar ao assunto e junto de alguns modelos dar-lhes, também, alguns conselhos.

O modelo que hoje lhes apresentamos é uma lindíssima criação de Carven-Junior. Compõe-se de um vestido de renda vermelho rubi, fabricada por Dognin, guarnecido com uma fita de «satin» rubi que põe o busto em destaque. O casaco, que se ajusta na frente com um pequeno laço, é de «satin» cor de rubi, muito amplo e com punhos virados.

CONSELHOS PARA QUEM VAI À OPERA

Se a leitora vai esta noite á ópera, se pertence a esse reduzido numero de bafejadas pela sorte, porque tenha obtido um bilhete de favor ou porque tenha a possibilidade e o bom gosto de o comprar, prepare-se a tempo e horas a fim de não transformar num suplício, para si e para os seus, esses momentos que precedem a saída de casa.

Comece por comer o jantar pausadamente não se enchendo de sopa e de líquidos que vão tornar-lhe difícil a digestão e o ajuste da «toilette», motivando-lhe afogueamentos e mal-estar geral.

Tenha posto muito a tempo, no seu quarto de vestir, o que pretenda levar e verificado se tudo está em condições de se poder vestir e de se poder ver. Quando menos se espera, não funciona um fecho «eclair», solta-se da «coulisse» a fita que a há-de ajustar, verifica-se uma nódoa produzida por champanhe ou «chantilly», encontra-se o vestido queimado por um cigarro, as luvas que guardamos sem ver, julgando-as impecáveis, sujaram-se no fecho do carro que nos transportou a casa na ultima ida á ópera, a bainha do vestido comprido, por ter sido pisada sem se dar por isso, está descosida. Enfim, muitas contrariedades podem surgir que, embora fáceis de remediar, levam algum tempo na reparação. E nesses momentos que fogem tudo são precipitações e enervamentos, tudo parece estar combinado para correr mal. O fecho «eclair» teima em não deslizar e acabamos por unir o vestido com um alinhavo. A fita da «coulisse», depois de passada novamente por esta, desenfia-se outra vez. A nódoa de creme «Chantilly» saiu bem com o benzovaque, mas o cheiro deste é que nunca mais desaparece e abafa por completo o da essência que se usa; para ocultar o buraco feito pelo cigarro não encontramos nem um nadinha de tecido, porque a modista fica lá com os retalhos todos e uma passagem bem feita só com o tempo devido e esse tempo não há... As luvas terão que levar-se mesmo sujas porque ninguém pensa em metê-las no benzovaque no momento de sair de casa... A bainha do vestido é fácil de coser mas é necessário ir buscar a linha e agulha na medida proporcional — o dedal é quase sempre dispensado nesses momentos de aflição — e desde o início da costura até ao seu remate, sem compreendermos bem porquê, a agulha desenfia-se a cada ponto ou a linha torce-se formando uma laçadinha irritante que não conseguimos desmanchar e nos obriga a quebrá-la! Tudo isto porque se esqueceu o ditado «mais vale prevenir do que remediar»...

A luz verde
não dá saude às plantas

Não é só a luz, mais ou menos intensa, que influi no maior ou menor desenvolvimento das plantas. A cor dos raios tem igualmente influência no que respeita ás modificações da vegetação.

Em 1930, Paul Bert demonstrou que a luz verde não tinha acção sobre as plantas. Depois de ter colocado umas tantas leguminosas sob campanulas de vidro verde e outras tantas em completa escuridão verificou que igualmente se deram muito mal pois apenas tiveram, umas e outras, dezasseis dias de vida. A maioria das leguminosas deixara de existir ao décimo dia do início das experiências.

Portanto, se as leitoras têm em casa plantas envasadas, não as conservem nas varandas envidraçadas, em tons de verde, nem ponham cortinas verdes nas janelas em cujos parapeitos queiram colocar vasos com plantas.

CULINÁRIA

Ramequins

Massa para os ramequins: 200 grs. de farinha; 1 gema, 1 colher de manteiga; 1 colher de banha ou azeite fino; 1 colher de conhaque ou vinho do Porto; um pouco de sal fino. Mistura-se tudo e amassa-se bem até ficar perfeitamente ligado e com esta massa se forram pequenas forminhas.

Prepara-se em seguida o recheio: 5 ovos, 1 colher de manteiga; 100 grs. de queijo ralado, 1 chávena de leite e sal. Mistura-se a manteiga amolecida com o queijo ralado; junta-se-lhe o leite aquecido e os ovos muito bem batidos como para omeleta. Tempera-se com sal e enchem-se as forminhas que se levam a cozer em forno bem aquecido.

PRONTO A VESTIR

DE MANHÃ À NOITE
BOUTIQUE
DA CASA AGUIAR
R. do Carmo, n.º 17-19 — Lisboa

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Ldª
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs: 59181-2-3 - LISBOA

A CRIANÇA
E AS SUAS COMODIDADES

Na maioria dos casos as crianças nada têm á sua escala. Tudo se faz para os adultos e só pensando neles. No entanto, muitas vezes, seria fácil darmos um pouco de atenção a esse assunto de tão grande importancia.

Temos nesta gravura o pormenor duma cozinha moderna que tem uma prancheta deslizante que sai do armário para servir de mesa á criança da casa.

Do mesmo móvel, a uma altura inferior, sai outra prancheta que serve de banco para a criança se sentar enquanto dura a refeição.

Isto pode não ter importancia á primeira vista, mas tem muitíssima para a criança. Assim, sente ela que também lhe deram atenção, proporcionando-lhe a comodidade a que tem direito.

CURIOSIDADES

Maurice Chevalier começou a cantar aos 12 anos no estrado de um modestíssimo café-concerto.

BRIC a BRAC
Compra e vende
ANTIGUIDADES
R. Francisco Metrass, 14-B
Frente á Igreja do St.º Condestável

O QUE É
A «BICHA SOLITÁRIA»

A ténia—«Taenia solium»—a que o povo chama «bicha solitária» é um parasita que se introduz no organismo pelas carnes ingeridas quando estas são portadoras de cisticercos, «grainhas» ou «sementes» como chamam vulgarmente a essas formas cisticas da ténia.

Meios de defesa

Há perigo em comer carnes que não tenham sido devidamente cozinhadas ou expostas, por largo tempo a uma temperatura muito baixa.

Os cisticercos não resistem a temperatura superior a cinquenta e cinco graus centígrados; as vulgares salgas das carnes também são suficientes para matar os cisticercos que se encontram na carne e basta metê-la dentro de um frigorífico cuja temperatura esteja abaixo de zero graus centígrados, deixando-a permanecer nessa instalação durante alguns dias, para termos, como certo, que ela não nos transmitirá a «bicha solitária». O numero de dias da permanência no frigorífico tem sido muito discutido por vários investigadores. Enquanto uns dizem serem bastantes quatro dias, outros afirmam que menos de vinte dias não nos garantem a devida segurança.

Como se dá a transmissão

Um indivíduo portador da solitária elimina pelas fezes os anéis do parasita que se apresentam repletos de ovos. Um suino fossando na terra suja por essas fezes ingere ovos que têm evolução no seu aparelho digestivo. Nessa evolução os ovos tornam-se larvas que se espalham pela circulação sanguínea, introduzem-se nos musculos e aí formam pequenos nódulos ou «grainhas». Comendo-se a carne do porco infectada por este processo, mal cozida ou refrigerada, temos, por certo, ficarmos contaminados visto que cada «grainha» é uma larva do parasita.

As perturbações causadas pelos cisticercos nos musculos não são aparentes e o suíno, mesmo infectado, vive lindamente.

Um lindo avental para proteger o fatinho, no periodo do recreio

O volume das golas dos casacos de Inverno

Os casacos deste Inverno são valorizados por golas de grandes dimensões.

Não podemos deixar de concordar com a moda das golas grandes no tempo do frio. Desagradável, e muito, foi a moda passada em que os casacos, desprovidos de golas, não proporcionavam, a quem os vestia, o agasalho devido.

As golas usam-se grandes, muito grandes mesmo, chegando, algumas, a lembrar as romeiras que foram vistas em tempos muito recuados.

Depois das golas fantasiadas que deram o nome ás «toilettes» apresentadas no Outono passado, surgem-nos alguns modelos que se aproximam um pouco mais do corte alfaiate e outros em que a gola, por um engenhoso processo de alta-costura, passa a ter as funções de uma «écharpe» ou pode cobrir a cabeça como as usadas em desportos de Inverno.

Os modelos aqui expostos dão uma ideia do que são as golas que vão usar-se até ao fim do Inverno corrente:

1.° — Casaco de PIERRE CARDIN realizado com fazenda preta de Raimon. A gola-«écharpe» dá-lhe categoria.

2.° — A gola imaginada por JEAN DESSÈS, neste casaco da fazenda clara, é fechada com dois botões.

3.° — O lápis de YVES SAINT LAURENT delineou esta gola para o casaco preto de fazenda Lesur.

4.° — LAUVIN CASTILLO apresentou esta gola como remate superior num casaco vermelho príncipe de Gales, de Lesur.

Vestido de «jersey» castanho-claro no tom de castor. E' valorizado por um lindo colar de Schneider com quatro voltas de contas vidradas alternando com grandes pérolas enfiadas em corrente de metal dourado. O vestido tem o decote horizontal, o cinto incrustado e os punhos dobrados. Modelo de Grés.

Embora vos pareça mentira.

As chagas, flores alaranjadas com manchas vermelhas que todos nós conhecemos e podemos admirar em canteiros de jardins ou coberturas de muros, lançam do seu interior, umas centelhas muito semelhantes a pequenas faíscas eléctricas.

Este fenómeno tão interessante só pode ser verificado nos dias muito quentes de Junho e de Julho.

*

Uma boa abelha mestra chega a pôr, em tempo que seja propício, quatro mil ovos por dia.

Pergunte para saber

Olga — As peles de coelho destinadas ao fabrico de feltros não requerem grandes cuidados e tudo quanto a leitora tem feito está muito acertado. Mas se destina agora as peles para o fabrico de abafos terá que proceder diferentemente. A pele deve tirar-se do coelho com muito cuidado. Depois de cortadas as patas e a cabeça, esfola-se o coelho e volta-se a pele do avesso. Ficando o pêlo para dentro a pele secará melhor. Para se manter a pele distendida enquanto seca é uso enchê-la com palha ou meter-lhe umas varinhas de vime ou laminas de aço á maneira de esticadores, como é uso pôr nos sapatos. Essas varinhas ou laminas devem ser suficientemente consistentes, mas um tanto maleáveis para manterem a pele numa moderada mas permanente distensão. Deve fazer a secagem das peles de coelho em sítio bem arejado, mas sempre á sombra.

Depois de estarem as peles secas e antes de serem curtidas torna-se indispensável outra operação a que se chama o «descarne». Consiste em cortar a pele pela linha média do ventre e conservá-la durante vinte e quatro horas mergulhada em água muito limpa, á qual se adicionaram algumas gotas de formol. Esta operação deve ser feita numa vasilha bem esmaltada ou de loiça. As vasilhas de metal são contra-indicadas.

Depois de retiradas as peles do molho raspam-se pelo lado de dentro com uma raspadeira que não seja muito cortante e arrasta-se-lhes para fora toda a carne e gorduras que ainda tenham. Essa carne e gorduras não sendo tiradas motivam, em pouco tempo, a decomposição da pele.

Em seguida, na mesma vasilha, ou noutra também de loiça ou bom esmalte, ferve-se um soluto composto por seicentos gramas de alumen, duzentos e cinquenta gramas de sal e dez litros de água. Quando este líquido depois de ter sido retirado do lume já se encontra quase morno mergulham-se nele as peles calcando-as e voltando-as para que toda a superfície lhes fique bem molhada. Mantêm-se as peles nesse banho durante quarenta e oito horas. Retiram-se depois as peles do líquido e torna-se a aquecer este e quando estiver morno de novo se mergulham nele as peles, que ficam de molho durante mais quarenta e oito horas.

Retiram-se depois as peles do banho, torcem-se levemente para escorrerem o líquido e estendem-se prendendo-as em caixilhos formados por quatro réguas de madeira á medida das peles.

Levam-se então as peles para a secagem num lugar ventilado, mas onde não cheguem directamente os raios do Sol. Devem secar com o pêlo na sua natural inclinação para não ficar arrepiado.

Quando as peles estiverem quase secas devem ser esticadas de tempos a tempos para que não fiquem rijas e enrugadas. Se as peles ficarem com o pêlo muito engordurado estendem-se sobre uma superficie lisa com o pêlo voltado para cima, cobrem-se com farelos de semeas, tapam-se bem com umas folhas de papel pardo e põem-se-lhes por cima umas tábuas de madeira com pesos ou pedras bastante pesadas para calcar bem.

Passados dois dias retira-se tudo e sacodem-se as peles batendo-as pelo avesso com uma chibatinha. Nessa altura pode verificar-se que a gordura foi toda absorvida pelos farelos.

Escovam-se então as peles, ao correr do pêlo, com uma escôva macia e colocam-se em cima umas das outras pondo-se entre cada duas peles umas bolas de naftalina para evitar as traças.

Assim poderá guardar as peles durante bastante tempo até as mandar para o fabricante que as há-de preparar devidamente para a confecção do casaco que deseja obter.

Meias Christian Dior

À venda nos melhores estabelecimentos

MORPHY-RICHARDS

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

INSTITUTO DE BELEZA FRANCÊS

MÁRIO — CABELEIREIRO

Permanentes a quente desde ..... 50$00
Permanentes a frio desde ..... 120$00

MASSAGISTA — MANICURA

Todos os tratamentos de **Beleza — Estética Feminina — Celulite — Má circulação — Depilação eléctrica** sem marca, etc.

R. Rodrigues Sampaio, 192-1.°, Dt.° — Telef. 43509

Eduquemos o nosso filho!

No limiar do ano novo

Nós queremos que os Portugueses vejam na criança a riqueza e o futuro da Nação.

Queremos que as mães e os pais de Portugal saibam educar os seus filhos.

Que os Portugueses encarem com inteligência e carinho todos os problemas das nossas crianças.

Que se defendam as crianças de tudo e de todos que as prejudiquem.

Que se auxiliem e estimulem todas as iniciativas a seu favor.

Que os milionários e os filantropos pensem nas nossas crianças, fundando

— Preventórios, sanatórios e hospitais infantis,
— Institutos para reeducação das crianças e jovens deficientes,
— Institutos para recuperação de crianças e jovens delinquentes.
— Infantários, recreatórios, e escolas pré-primárias,
— Escolas-oficinas e de ensino doméstico e agrícola, para adolescentes,
— Cantinas escolares e colónias de férias para crianças e jovens,
— Bibliotecas e teatros infantis e juvenis,
— E tudo que liberte a infancia e a juventude da miséria, da doença e da ignorancia.

Todos podemos dar um passo, nem que seja um pequenino passo, para esta obra gigantesca e necessária. Que todos o dêem.

São estes os nossos votos de vida nova e felicidade — sem as quais todos os cartões de boas-festas não passam de inutil convenção.

MARIA LUCIA

A higiene amiga n.° 1 dos bebés

Tudo que está em contacto com a criança deve manter-se sempre escrupulosamente limpo: a cama, a cadeirinha, as almofadas, o chão do quarto, os brinquedos, etc. Os brinquedos devem ser laváveis, de pano, plástico ou borracha, sendo ainda preferíveis aqueles que se podem ferver de vez em quando, visto que o bebé tem uma tendência invencível de tudo levar á boca.

Sobretudo, há que defender o bebé desse porta-micróbios que é a chupeta. Ela roça por todo o lado e quantas vezes cai no chão, levando agarrados poeiras, impurezas, micróbios, que deposita na boquinha da criança. Também não há vantagem nenhuma em levar o bebé a chupar em seco, dando ocasião a lágrimas e gritos quando a chupeta cai.

Além de todo o perigo que acarreta, a chupeta representa ainda a primeira mentira das pessoas crescidas para com os pequeninos.

Aqui tem, mãezinha um conjunto confortável para o seu rapazinho: calça, camisola e gôrro de malha de lã, para estes dias frios de Inverno

Consultório das mães

Tenho dois filhos, um com 3 anos e outro com 7 meses. Sem que eu tenha contribuido para isso, ou alguém da família, pelo menos que eu saiba, o mais velhinho mostra-se ciumento do irmão, e de tal maneira anda irritado que a todo o momento tem birras. Com tudo se aborrece, atira com os objectos, não quer comer, enfim é um' castigo para mim que o vejo tão diferente do que era e não sei como o hei-de levar.

Resposta:

— Se não houve o cuidado de preparar convenientemente o seu filho mais velho, é natural que ele tenha ciumes do irmãozinho. E' uma pena que as coisas tenham chegado a esse ponto, e agora o que tem a fazer é procurar imediatamente, sem perda de tempo, resolver a situação. Proceda com toda a cautela para que o mais velho se sinta feliz com o bebé e não lesado por sua causa. Deixe-o «ajudá-la» a tratar do pequenino: Pode assistir ao banho, arrumar o sabonete e o talco, ir buscar as fraldas. As crianças adoram ser prestáveis, e estes pequenos serviços têm agora para eles o interesse de um jogo engraçado. Leve os dois a passear, e faça-lhe ver que daqui por uns tempos terá um companheiro para a brincadeira. Nunca lhe diga «já não gosto de ti», «tu és mau, o menino é bonzinho», e outras frases no género, infelizmente tão vulgares quão prejudiciais. Ao mesmo tempo lembre-se de que ele tem apenas 3 anos e não ligue demasiada importancia ás suas birras, mas procure evitar essas situações desagradáveis. Não o obrigue nem lhe faça discursos que ele não pode compreender. Porque é que a criança não ná-de dizer «não» quando a querem forçar a uma coisa que lhe desagrada? Veja antes como poderá despertar no pequenino o desejo de fazer aquilo que pretende que ele faça. Fale-lhe com serenidade e boas maneiras, diga-lhe «muito obrigada» e «fazes favor» como diria a qualquer outra pessoa.

Quanto ao regime alimentar, siga a opinião do médico e não queira que ele coma demasiado. Em geral as mães acham sempre pouco o que os seus pequeninos comem. Mas se eles têm boa disposição, dormem bem, e se desenvolvem normalmente, não tem que se afligir.

Habitue-o a comer por sua mão e não mostre que lhe liga excessiva importancia durante as refeições; mas não o deixe sózinho a comer para ir tratar do irmãozinho. Ofereça-lhe a comida numa travessazinha, de onde o servirá; ponha-lhe um jarrinho com água, para ele a deitar no copo. Não se apoquente nem o reprenda quando ele não for bastante hábil — ainda o não pode ser! Não lhe implore que coma — nem o ameace para o obrigar a comer.

Bem vê, na educação da criança deve haver disciplina, mas disciplina maleável, jamais obstinada; ditada pela inteligência e pelo bom senso.

Cuide da sua saude. Repouse tanto quanto possível, defenda os seus nervos. E' preciso que esteja sempre apta a raciocinar claramente, e a agir com o maior tacto e serenidade.

Se o pequenino «vomitar» frequentemente (não confundir com «bolsar»), é necessário fazê-lo examinar pelo médico, visto que pode tratar-se de um sintoma de infecções variadíssimas.

A criança, inspiradora de poetas

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sózinho, menino entre mangueiras
lia a história do Robinson Crusoé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a minar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu —
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Pára o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a do Robinson Crusoé.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Tem a palavra

Sugestões, opiniões e comentários dos leitores

E' linda e profundamente humana a ideia de escolher um dia no ano para mostrarmos á nossa mãe, numa prova palpável, quanto lhe estamos gratos por nos ter dado ao Mundo, por nos amar e amparar ao longo de toda uma vida.

Para a mãe é uma recompensa, quiçá a melhor recompensa de todas as suas dores e devoções; para o filho um meio de comunicar com ela na mesma intimidade dos primeiros meses. É, além disso, uma forma de educação preciosa e natural, que o não deixará perder, no meio da luta e mesquinhês da vida, aquela delicadeza de sentimentos que eleva o homem acima de si mesmo.

Porém, para que assim seja é necessário que o filho, nessa lembrança que depõe no regaço materno, dê alguma coisa mais que a materialidade dum presente; é necessário que, juntamente e inicialmente, dê alguma coisa de seu sacrifício, de seu cuidado; um pouco de amor bem puro transbordando de tal modo que se materializou.

Vem isto a propósito duma conversa a que assisti e em que acabei por tomar parte, numa casa comercial desta nossa Lisboa.

Certo pai queixava-se desta época de festas que o deixava «depenado». Dizia ele: —«Agora, o Dia da Mãe... Depois o Natal... Em Janeiro os anos dela... Pai, a senhora professora disse-nos para lhe pedir dinheiro para comprar uma coisa para a mãe... Pai, preciso de dinheiro para o presente do sapatinho da mãe...

Fiz notar ao senhor que tudo se tornaria melhor se acostumasse os filhos a receberem, por semana e para suas despesas, determinada quantia; que era um hábito bastante bom a inculcar nas crianças, dando-lhes a noção das realidades da vida.

A resposta deixou-me triste, triste como uma noite de trovões — como rezam as histórias.

— «Semanada recebem-na eles mas, em chegando estas ocasiões, dizem que «o têm mas que é deles».

E resumem-se nisto as lembranças dos filhos para as mães? Que valor têm estes presentes, quer moral quer educativo? Que podem compreender estas crianças do real significado do «Dia da Mãe»? Se não aprendem a fazer o sacrifício duns escudos que têm para seu governo, como podem sentir a alegria duma retribuição, embora mínima, do incontável que receberam de sua mãe?

Não terão as senhoras professoras certa dose de culpa nisto? E os pais grandes culpas?

Parece-me que não se faz compreender ás crianças a pureza e isenção de sentimentos que criaram o «Dia da Mãe». Parece-me que os adultos, embora tenham dele melhor compreensão, a não têm sabido tornar acessível ás crianças. Um presente para a mãe, sim. Mas um presente que nos tenha custado a ganhar, ou a fazer, ou a inventar.

MARIA LUISA

Mostra-me as tuas mãos!

— Olha para essas mãos, José Luís! Achas que estão bonitas para vires sentar-te á mesa? Vai já lavá-las

O menino protesta, mostrando aos olhos irados da mãe as suas mãos pequeninas, mãos de 6 aninhos, ainda humidas do contacto da água.

— Pois se as lavaste, não parece! Molhaste-as, só! Ainda têm tinta! Que falta de cuidado!

E, com estas e outras frases agrestes, irritadas, a mãe acompanha de longe o José Luís que lá vai, corredor fora, cabecita baixa, mirando as mãozinhas á procura dos defeitos notados por sua mãe.

O lavatório é tão alto que só em bicos de pés consegue pôr os bracitos de forma a receberem a água da torneira, que escorre até ás mangas, apesar de arregaçadas.

Perante este caso, apetece perguntar á mãe do José Luís: — «Ensinou o seu filho a lavar as mãos, a dar aquele jeito de esfregar uma na outra abrangendo nesse movimento as palmas e costas das mãos, os pulsos e braços? Ensinou-o a servir-se da escova de unhas e da pedra-pomes?».

Talvez esquecesse esse principio tão simples mas tão importante que bem pode considerar-se o fundamento da independência que quer incutir no pequenino, e também daquela perfeição que exige em todo o seu trabalho.

Primeiro que tudo, as educadoras não devem esquecer que a criança não dispõe das faculdades do adulto, pois é, ainda, um ser em formação. Depois, tem o dever de ensinar exemplificando — que é sempre a forma mais fácil de ser compreendida — tudo aquilo que esteja ao alcance da sua mentalidade e das possibilidades dos pequeninos. Por fim, é necessário pôr ao alcance das crianças e em relação com a sua estatura os objectos que tem de utilizar. Por exemplo: porque se não há-de colocar uma bacia suficientemente grande sobre um banco que ofereça estabilidade, para a criança poder lavar as mãozinhas á vontade, podendo assim empregar a sua atenção e o esmero que lhe ensinaram e de que é capaz nos cuidados da sua pequenina pessoa? O sabonete coloca-se ao lado, noutro banquinho, onde devem estar também a escova de unhas e a pepra-pomes. Se for possível, manda-se fixar na parede um lavatório á altura das crianças, o qual pode estar na casa de banho ou numa varanda fechada.

Uma das condições que desperta o interesse dos pequeninos pelo seu arranjo pessoal é possuir os objectos necessários e poder mexer neles á vontade. Suponhamos um ranchinho de irmãos. Cada qual possui um sabonete, uma escova de unhas, uma pedra-pomes e uma toalha. Pois cada irmãozinho pode ter estes objectos de sua cor, para se distinguirem, e isto não só os alegra como lhes dá certa importancia e o prazer de se servirem deles. «depois de a mãezinha lhes ter ensinado como os devem utilizar».

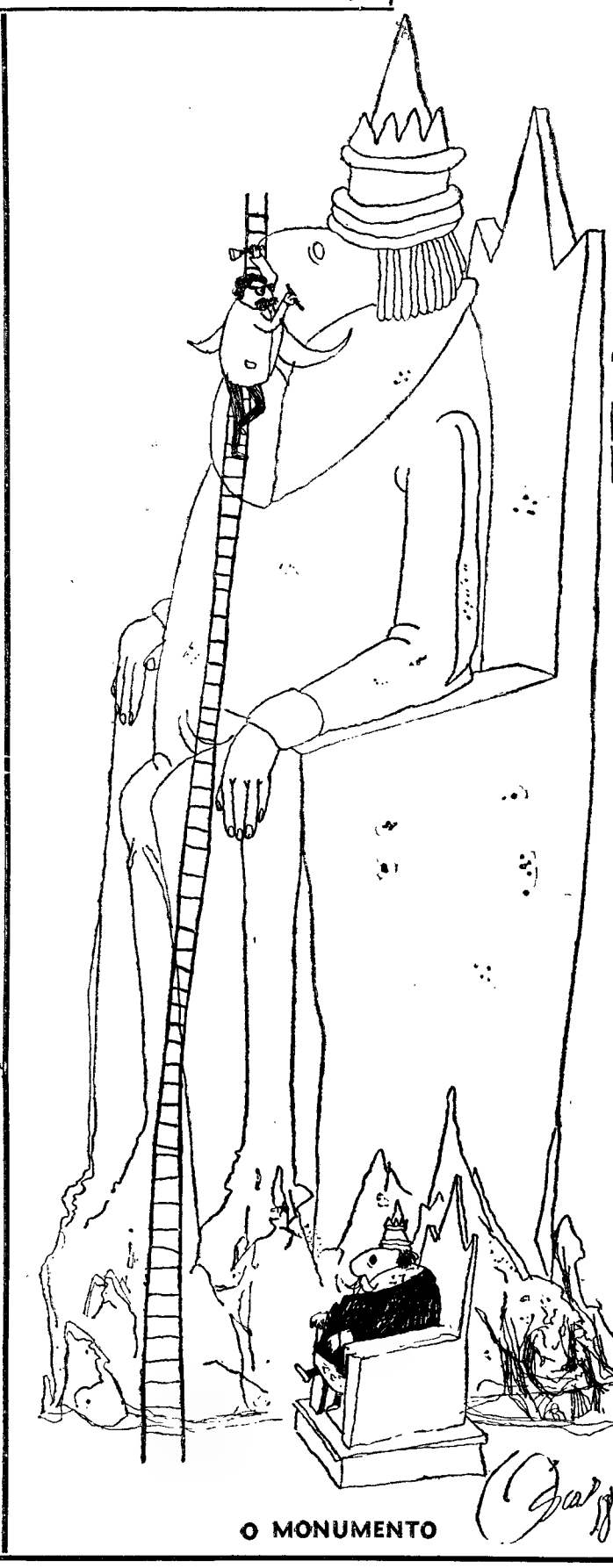
Também é muito necessário recomendar ás crianças que enxuguem bem as mãos e os braços para não virem a sofrer o ardor do cieiro.

Só depois de os guiarem com paciência as mães podem esperar de seus filhos uma certa independência e relativa perfeição, mas não esquecendo nunca a sua idade.

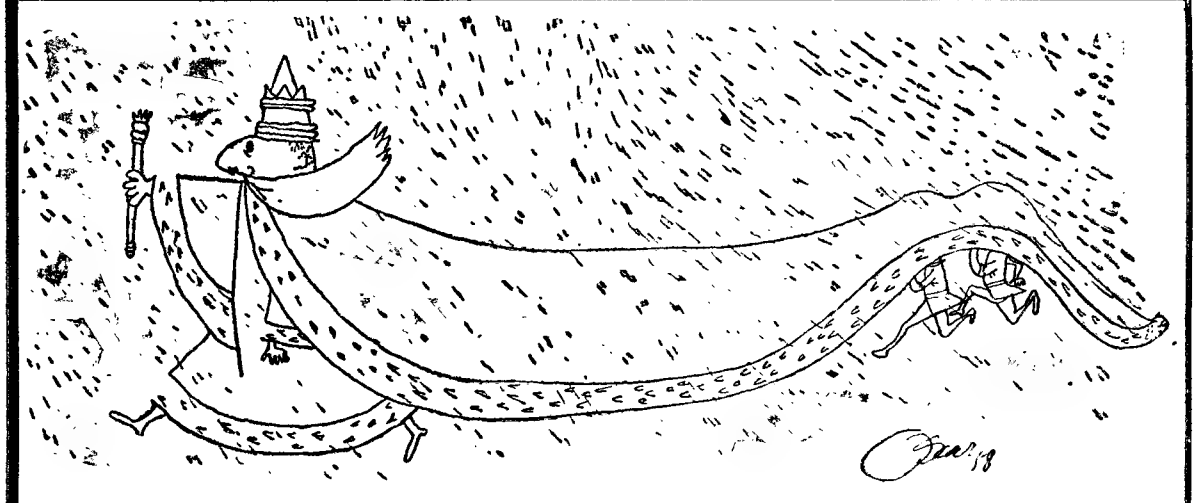
«Memórias del-Rei»

Comentário humorístico de ÓSCAR

REAL CENA CONJUGAL

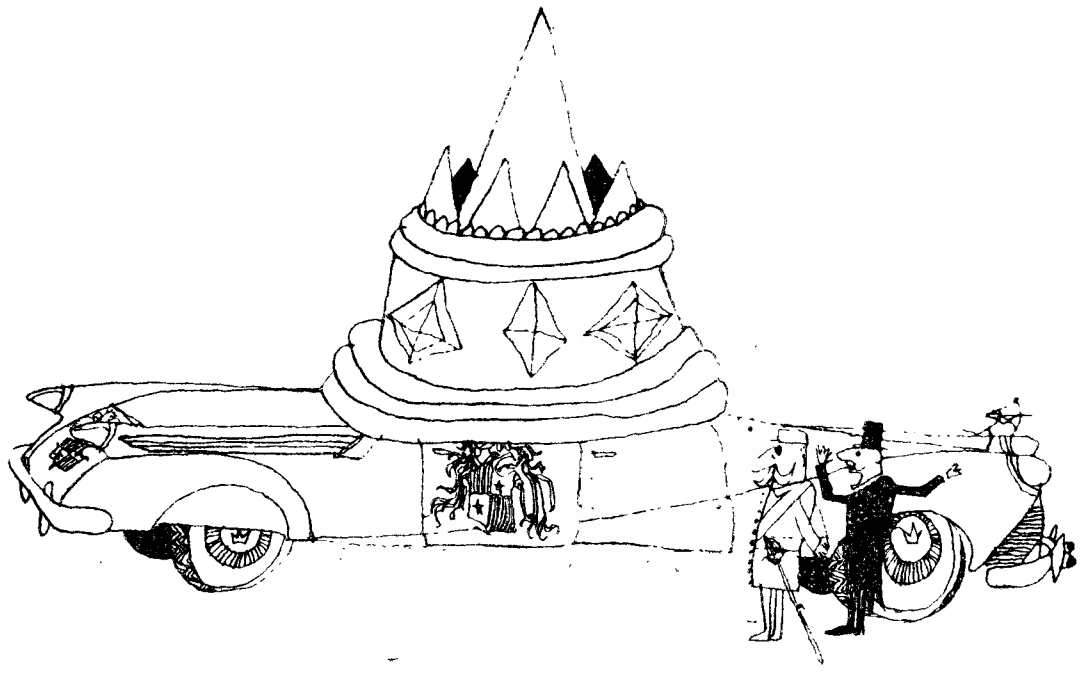


O MONUMENTO



CHUVADA

—É UM REI COM MUITO FUTURO. JÁ É ANALFABETO.



É O ÚLTIMO DESCAPOTÁVEL REAL

Fim de Outono

ERA um belo dia de Outono. As árvores despiam os lindos mantos verdes com que se tinham enfeitado durante o Verão, o sol aquecia com os seus raios amigos e suaves a Terra inteira.

Da porta do liceu saíam imensas raparigas. Era a hora do almoço e todos tinham pressa de chegar a casa.

A Zita saiu a correr, ia nesse dia almoçar a casa da avó, e ainda tinha que andar um bom bocado.

— «Vou pelo jardim que é mais perto e mais bonito» — pensou a Zita.

E assim foi. Com o seu passito ligeiro ela dirigiu-se para o jardim.

A aragem corria doce e musical, mais parecendo um canto de poeta, num dia de Outono. As folhas das árvores dançavam uma dança cadenciada, rodopiando sem fim.

Logo ao princípio do jardim brincavam duas garotinhas, a mãe delas velava o irmãozito mais novo que dormia no carrinho. Mais adiante, no lago, nadavam os cisnes altaneiros e belos, sobre a relva verdinha um pavão vaidoso abria o seu belo leque.

A Zita não parava, olhava para tudo, mas seguia sempre em frente, até que viu um rapazinho, de 8 a 9 anos, a soluçar, sentado num banco. O coração de Zita confrangeu-se, não podia ver ninguém sofrer, e as lágrimas daquele pequenito atraíram-na. Aproximou-se e perguntou ao garoto por que é que ele chorava.

Por entre lágrimas ele explicou que o tio lhe dera 20 escudos para ir fazer uma compra e que ele andara a brincar e perdera o dinheiro. E que se voltasse a casa sem o dinheiro e sem a compra, o tio lhe daria uma tareia, e ficaria nesse dia sem almoço.

Zita puxou a sua bolsinha de prata e sem hesitações tirou uma nota de vinte escudos novinha, entregou-a ao pequeno e foi-se embora.

O rapaz ficou tão admirado que nem teve palavras para agradecer, mirou e remirou a nota e pensou para consigo — «Boa menina aquela».

Aqueles vinte escudos tinham sido juntos pela Zita para comprar um livro, mas aquela criança a chorar cheia de medo do tio, tinha-a feito esquecer o livro que tanto desejava, e, sem reflectir, dar-lhe a nota para substituir a outra perdida.

Na mão de Zita caiu uma folha avermelhada que se tinha desprendido naquele mesmo instante, e parecia dizer-lhe—«Fizeste bem Zita, foi uma linda acção».

Zita pegou na folha e guardou-a dentro de um livro.

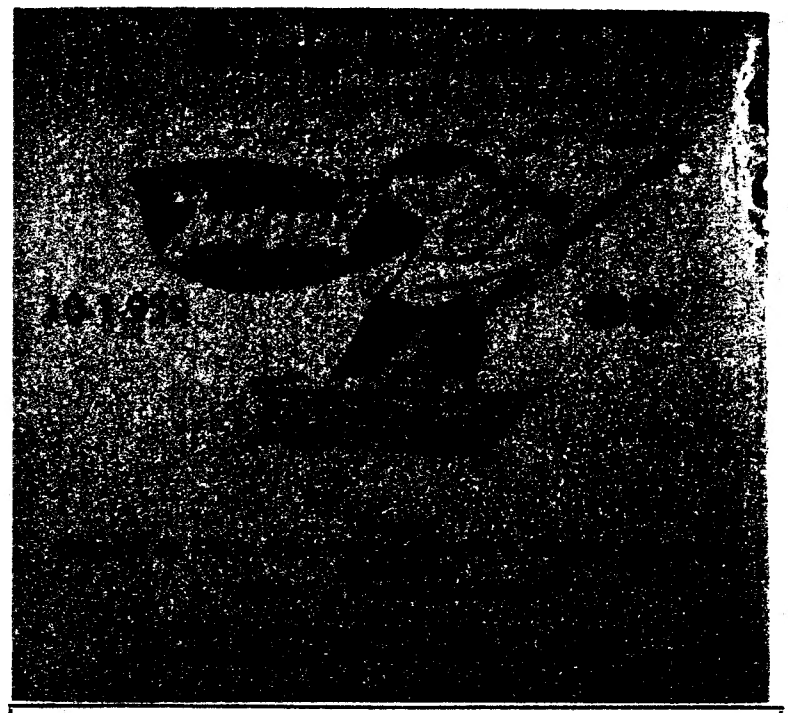
Num banco aquecido pelo sol, uma velhinha, branca de neve, fazia «tricot» ao lado da neta de 6 anos que estava muito compenetrada a fazer um «naperon» a ponto de cruz, naturalmente o primeiro que fazia.

— «Está bem avózinha?» — ouviu a Zita, perguntar a garota.

A avó levantou os olhos do seu trabalho, para observar aquela obra, pequenina feita por dedos gordinhos e inexperientes.

A Zita sorriu perante aquele quadro de ternura. Gostava sempre de atravessar o jardim quando ia a casa da avó, gostava de ver os ramos das árvores baloiçarem ao sabor do vento, as flores que salpicavam os canteiros dando ao jardim uma nota de intensa harmonia e beleza, os passarinhos saltitantes, as crianças que brincavam despreocupadas e felizes. Enfim de tudo e de todos que contribuiam para lhe encher a alma de coisas belas e simples.

(AMIGO 1409)



Problemas dos jovens

TEM ultimamente levantado grande celeuma, o problema exposto por Rúben Santos. Portanto, se não os enfado com as minhas prosas bárbaras, pensei que podia escrever algo sobre esse problema.

Se bem que não concorde, totalmente, com o aspecto ideológico que esse artigo do 587 traduz, foi com prazer que o li, pois noto que ainda há pessoas que são leais e honestas e evitam males que abundam como o «snobismo» e o oportunismo; foi com alegria, confesso, que li um artigo arrojado, sem receios, expondo cara-a-cara o problema subjectivo da arte moderna, aliás já muito debatido e ainda não solucionado.

O Ruben marcou uma personalidade, que não é a continuação das ideias dos progenitores de que Hasse Ferreira expõe no seu artigo; é, sim, uma personalidade própria e respeitável como são todas. Eu sei que criticar é difícil, principalmente para os jovens, como eu, que são sempre dogmáticos naquilo que dizem e não dão atenção e, até, desprezam as opiniões contrárias. Temos que nos lembrar de que criticar não é destruir, mas construir; não é derrubar, mas amparar.

Devo dizer que há 3 anos, quando iniciei as minhas tentativas literárias, criei um jornal, no qual eu atacava tudo quanto fosse arte moderna; porém, á medida que nós começámos a compreender os outros e a nós próprios; á medida que o nosso espírito evolui, principiamos a perceber as novas directrizes que a arte adquire.

Hoje ouvimos uma «Pastoral» de Beethoven ou uma «Finlandia» de Sibelius; lemos uma obra de Fernão Lopes ou de Steinbeck; apreciamos um quadro de Goya ou de Portinari, e gostamos de tudo isso; no entanto, se ouvirmos uma sinfonia, lermos um livro ou apreciarmos um quadro quando formos mais velhos, encontramos novos aspectos até então desconhecidos. Porque é preciso sofrer, é necessário saber o que de facto é a vida, para podermos compreender, mais perfeitamente, essas obras.

O Ruben, agora, não gosta de musica contemporanea; não aprecia a poesia actual, mas tenho a certeza de que um dia as entenderá.

Apesar de tudo eu peço ao Ruben Santos que se mantenha na mesma senda da verdade, sem se influenciar pelas pessoas que, ás vezes, pensam uma coisa e dizem outra. Porque só com lealdade de parte-a-parte, o Mundo poderá vir a ser melhor...

JOSÉ PIMENTA
(17 anos)

vistos pelos jovens

FLASH

Todos nós inventamos...

Era uma vez o dia de Natal.

Não foi ainda há muito tempo.

Foi este ano.

Disse eu para comigo: toca a trabalhar.

Para maior franqueza direi que essa frase me saiu da boca de envolta com um suspiro. Apetecia-me... Eu sei lá o quê! Ficar muito quietinho a ver o nevoeiro caindo como um saco que se fecha, resguardando os sonhos que a nossa imaginação povoa.

Olha que trabalhar hoje é pecado!, disse-me eu em artimanha saloia.

—Pois sim, mas se não trabalho hoje, amanhã não como. E depois?

Sentei-me á mesa.

Mas daí a nada acho que foi o Natal que entrou comigo.

Cresceu a lassidão, uma vontade de que fosse domingo...

Natal é mais que domingo!

Foi o que eu quis ouvir.

Pego no jornal a ver a coluna dos cinemas. Dou com os olhos no Palatino. Leva o «GAROTO DE CHARLOT».

O casaco por cima dos ombros e ala. Está na hora de começar. O Natal não diz que devemos passá-lo com a família? Charlot é da minha família.

O cinema do bairro cheio de crianças também do bairro. Pobrinhas, reparem: duas cabem perfeitamente no lugar e ainda sobeja cadeira. Entro ás escuras, uma grande tranquilidade no «écran». A floresta calma, o rio de bojo enorme, estendido ao sol...

—Já é a fita? — pergunto ao companheiro da esquerda. Farto de saber estava eu, mas foi só para ouvir.

—Ainda não — ouvi sussurrar a vozinha mastigada.

Tomei conta. O companheiro deliciava-se com amendoins...

—Então isto o que é?

—São amostras...

Pausa. E novamente a voz ciciada, quase ao meu ouvido:

—Queres um amendoim?

—Dá cá.

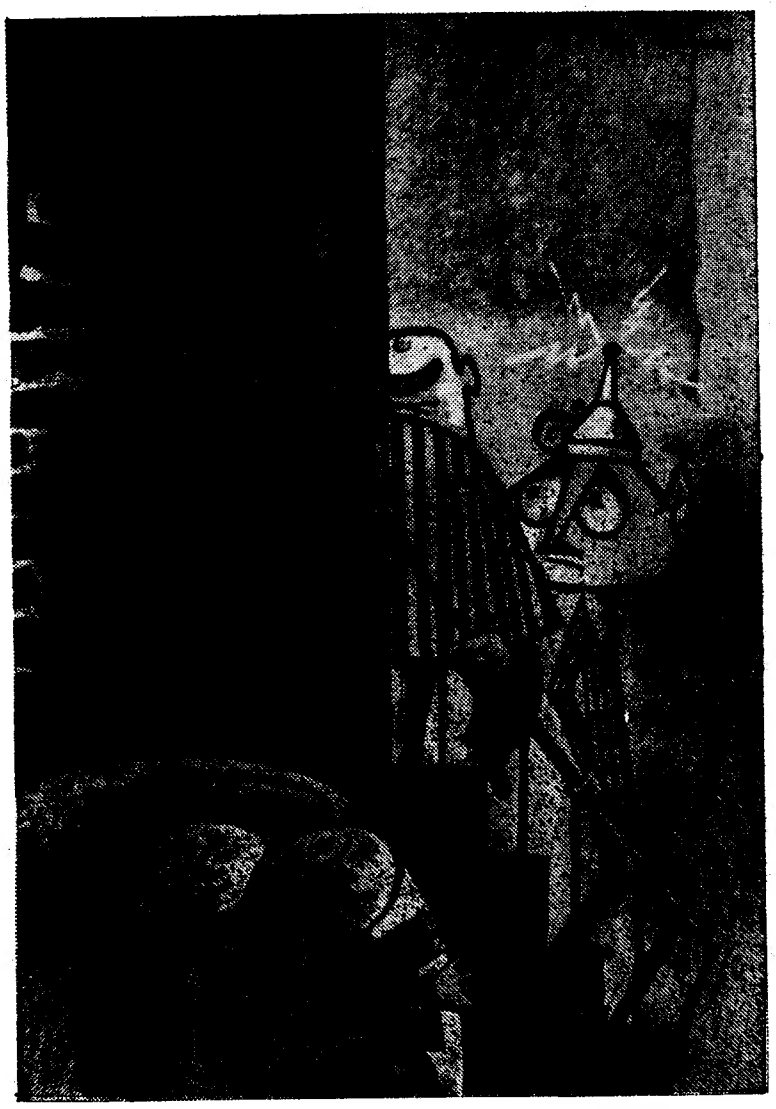
Procuro afeiçoar-me á escuridão para ver melhor o amigo da esquerda. E' uma carinha pontuda de raposa. Nos olhos dele, muito abertos, resplandece, como uma fogueira maluca, o movimento do «écran»... Peço-lhe que me conte o que foi o cinema antes de eu chegar. Ele volta a aproximar a boca do meu ouvido:

—Aquilo é numa floresta... Os homens querem ir pelo rio, deitam árvores abaixo, pregam com cavilhas e inventam um barco...

Depois veio o Charlot. E os meninos que não o conheciam, todos os meninos pobres e ricos do meu bairro, mal ele surgiu imprevistamente ao dobrar de uma esquina, saindo do nevoeiro (é assim que ele também me aparece sempre na memória...) então os meninos aplaudiram num esvoaçar de palmas que era já uma sadia gargalhada...

Em mim o que prevalece é aquilo de os homens inventarem um barco. A arte do homem, inventar. Um barco, um poema... Charlot está inventando uma lágrima com o mesmo material com que inventa um sorriso. Eu estou inventando um «flash» rápido e liso ao chão como o voo de andorinha. Minha irmã está a inventar uma camisola de lã para o meu Inverno. Tu estás inventando a felicidade. E todos os povos do Mundo, nesta hora, estão inventando a paz e a edificá-la na Terra...

MANUEL AGRA



O mistério da bengala de bambu (VI)

Uma pista importante

As horas que se seguiram á descoberta do gorila misteriosamente assassinado foram para o detective Pararraios de indiscritível angustia. Mil ideias se baralhavam no cérebro fecundo, jorrando chispas desordenadas pelo funil. Desordenadas e fugazes, como pirilampos. A denotar o remoinho em que o genial detective naufragava...

—Coma, meu amo, coma que isso passa-lhe! — aconselhava Basílio.

— Meu pobre amigo! — suspirava Pararraios. — Como te invejo e como te lastimo... Invejo-te porque ignoras a grave situação em que a minha alma perturbada se perde — e sofre... Lastimo-te, porque vives á margem do grande perigo em que a Humanidade está metida — e nada podes fazer para salvá-la...

—Se bem entendo, refere-se á tal máquina...

—Exactamente. Pela primeira vez, ao que parece, se consegue fabricar uma máquina de fazer parar o tempo... E acaso saberás tu o que isso representa?

—Para ser franco...

—Eu explico-te. Considera-se que a matéria, toda a matéria, ocupa espaço, uma certa extensão. *E' impossível conceber algo que não ocupe espaço,* estás a ver?

—Perfeitamente.

—Agora vê bem: *Será possível conceber algo que não ocupe uma determinada porção de tempo?*

Deambulavam nas ruas movimentadas da cidade carioca. Pararraios, com a sua proverbial eloquência, ia todo lançado na explicação da importancia que assumia para toda a Humanidade a «máquina de fazer para o tempo» quando utilizada por um louco. De subito, parou e segurou o braço do companheiro.

—Basílio... Estarei sonhando? Olha para ali, meu amigo!

Basílio encaminhou os olhos para o local que o detective apontava. Era um edifício isolado, não muito imponente mas de construção sólida. Na frontaria, um dístico recatado: «O Clube da Bengala». Junto dele, a «néon» o distintivo: uma pequena bengala canelada a imitar o bambu...

—Basílio... — tornou Pararraios — aquilo não te diz nada?

—Não. Isto é, pelo menos não oiço.

—Faz um esforço... O homem do avião, a quem o gorila roubou a bengala, não trazia na lapela?...

—Perfeitamente. Igualzinha áquela...

—Ainda há pouco, Basílio, tinha o desespero no meu coração — e agora a esperança renasce com esta pista...

O ajudante suspirou:

—Comigo acontece exactamente o mesmo — mas ao contrário...

O detective premiu a campainha da porta. Um olho vivo e inquieto espreitou pelo ralo. Decorreram minutos. Por fim, a porta abriu-se e os dois amigos viram-se na vasta quadra iluminada por balões de fantasia.

—Parece que estamos no S. João! — comentou Basílio.

Sentaram-se a uma das poucas mesas vagas. O criado trouxe duas chávenas e o bule de chá. Tinham bebido a primeira xícara quando Pararraios sussurrou:

—Ele aí vem...

Basílio voltou-se e reconheceu imediatamente o companheiro do avião, que se dirigiu para a mesa deles. Com uma vénia exagerada, pediu licença para sentar-se.

—Faça favor — disse o Pararraios que teve a certeza de que se avizinhavam graves acontecimentos.

—Já nos conhecemos, não é verdade? — perguntou o amarelo com um sorriso gentil.

—Não tenho essa honra... — foi a resposta cautelosa do detective.

—Lembre-se bem... O avião... o desastre... a cena do gorila que me roubou a bengala... *preciosa*...

Sublinhou intencionalmente esta palavra e acrescentou:

—Porque o senhor sabe bem que se trata de uma bengala preciosa, não é verdade?

— Ignoro totalmente a que se refere.

Sem abandonar o sorriso estranho, um sorriso quase inocente, a enigmática personagem disse com firmeza:

— O meu nome é Sum Wi; o seu é Pararraios... Vê? Comecei a fazer jogo claro. Porque não faz o mesmo? Acredite que muito o admiro e gostaria de conversar alguns minutos... em particular. Concorda?

Levantou-se e apontou-lhe uma porta minuscula que se abria ao pé do bar.

—Seja — respondeu o Pararraios — Vamos, Basílio.

Passaram diante de Sum Wi.

—Desçam — ordenou este numa voz doce.

Tomaram por um escada mergulhada em penumbra. Duas sombras rápidas cruzaram a cave. Basílio hesitou. Mas não teve tempo sequer de esboçar a defesa: a luz fechou-se, os dois amigos foram manietados rápidamente. Quiseram gritar, em vão. Aplicaram-lhes no nariz um lenço embebido em clorofórmio e o chão faltou-lhes debaixo dos pés...

(Continua)

MANUEL SALGUEIRO

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

TESTE DE INTELIGÊNCIA PARA OS TEUS IRMÃOS MAIS VELHOS

O Amadeu frequenta o terceiro ano do liceu. Conheço-o. E' um rapazinho tímido, direi mesmo apagado. Daqueles que nada ou pouquíssimo divulgam de si próprios. Mas tem valor. Escreve bem, gosto dos versos dele...

Não admira, pois, que todas as suas preferências vão para as letras — português (onde é barra...) francês, inglês... Mas despreza a matemática e a física — e o resultado do primeiro período foi desastroso, como devem estar vendo.....

Ele, desmoralizado. Que não é capaz de estudar aquilo, que não sabe estudar, que é «burro», etc.

Sei que o problema é difícil. Queres tu, amigo, ajudar o Amadeu com a tua própria experiência?

*

Filho de gente rica, o Lobo distingue-se de todos os seus companheiros pelo snobismo e importancia que para a sua própria pessoa exige. Vaidoso, faz ostentação das gravatas, das camisolas (apareceu agora com uma terrívelmente encarnada...). No fundo, pode não ser mau rapaz (e eu acredito que não é). Deve reflectir o ambiente do lar, será isso. De qualquer forma, uma realidade com que se deve contar. Que devem fazer os companheiros?

Ridicularizá-la?

Imitá-lo?

Desconhecê-lo?

Criticá-lo, fazendo-lhe ver os seus defeitos?

As emissoras de rádio portuguesas transmitem uma cauda formidável de musica estrangeira, relegando a musica nacional para um plano menos que secundário...

Parece-te isso bem?

Que solução alvitras?

Estes testes destinam-se a proporcionar aos nossos leitores alguns minutos de séria reflexão. No entanto, teremos muito prazer em ler respostas que se dignarem dar por escrito. Se o merecerem serão publicadas.

SOLUÇÕES

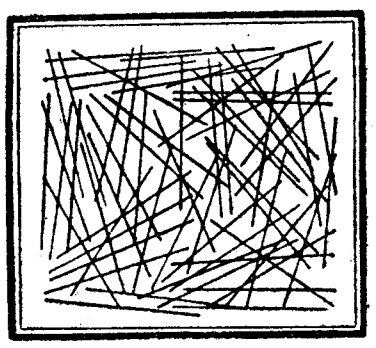
Do JUVENIL n.º 85:

Símbolos — *Balança, justiça; o cão, fidelidade; o colar, servidão; o leão, bravura; o pavão, vaidade; a abelha, o trabalho; a serpente, a traição; a formiga, a providência.*

Do JUVENIL n.º 88:

Pedras preciosas — *Rubi, ametista, berilo, topázio, esmeralda, ágata, jacinto, calcedónia.*

Quantos ?



Olha com atenção para esta gravura. O que vês? Um emaranhado difícil de compreender.

Eu explico: foi a caixa de fósforos que se entornou... e tu agora vais dizer quantos fósforos estão aqui!

O «record»

Carlitos, apaixonado pelo desporto, adoeceu. O médico tira-lhe a temperatura.

— Quanto? — pergunta Carlitos.

— 40 e 5/10...

— Ena! — exclama o rapazinho. — E o «record», senhor doutor, qual é?

CONCURSOS

CONCURSO «AUGUSTO GIL»

Numerosos jovens nos têm pedido um alargamento do prazo para entrega dos trabalhos. Porque o intuito da Portugalia Editora é difundir o amor por Augusto Gil e a sua obra e não promover uma corrida de velocidade, sem mérito literário, aqui damos a boa nova do adiamento. Os trabalhos poderão ser entregues até ao dia 6 de Fevereiro. Trata-se, como se lembram, de apresentar um trabalho sobre Augusto Gil.

CONCURSO «Qual é coisa qual é ela»

Também os Amigos se queixam da falta de tempo para colorir este engraçado livrinho. Dado que, para os jovens que gostam de ler, os prémios são tentadores, o prazo tem-lhes parecido curto para dar largas ao seu gosto pela pintura. Lembramos aos jovens concorrentes que podem usar do material que tiverem ou quiserem adquirir: lápis, aquarela, guaches, etc. Os livros serão devolvidos aos concorrentes. O prazo para a entrega dos livros pintados é, também, o dia 6 de Fevereiro. Mãos á obra, pintores!

Entretanto, também nos pedem alguns leitores que voltemos a publicar a lista dos prémios destes concursos. Fazemo-lo com todo o gosto:

CONCURSO «AUGUSTO GIL» (jovens entre os 15 e os 20 anos)

1.º Prémio: Quinhentos escudos.
2.º Prémio: Trezentos escudos.
3.º Prémio: A obra completa de Augusto Gil (até á data publicada pela Portugália Editora).

CONCURSO «QUAL É A COISA, QUAL É ELA»

1.º Prémio: Duzentos escudos em livros editados pela Portugália Editora.

2.º Prémio: Cento e cinquenta escudos em livros da mesma Editora.

3.º Prério: Cem escudos em livros, nas mesmas condições.

4.º a 10.º Prémios: Cinquenta escudos em livros nas mesmas condições.

Será verdade agora que os nossos leitores não pedirão outro adiamento? Vamos meter, sem demora, mãos á obra?

Concurso da semana

Gente nossa

«Ó suave Ria!,
minha paixão...»
— Disse-o um dia
Raul Brandão.

A luz tem lá
alma diferente
E' de um cristal
mais céu, mais quente.

Tem além disso
na água pura
peixe e moliço
com tal fartura.

Moliço enorme
papinha boa
que a gafanhoa
terrinha come.

Barco ao luar
leva-a consigo.
— Vê, é do mar
que nasce o trigo...

Vida secreta
mistério imenso!
Fico poeta
se nisto penso...

«Céu infinito
minha paixão!»
Eis que repito
do coração.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a ria portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 19 de Janeiro de 1959.

A VIDA EM ROMA

Eis uma bela novidade: acaba de sair a tradução portuguesa de «A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO», da autoria de Jerôme Carcopino. É mais um volume da já célebre colecção editada por Livros do Brasil, Ld.ª —«A VIDA QUOTIDIANA».

Desta vez, acompanhados por um cicerone cultíssimo, os nossos jovens leitores poderão visitar Roma no seu período áureo de extensão —as suas casas, as suas ruas, as suas grandezas e misérias; conhecerão a vida familiar — o casamento, a situação da mulher e das crianças, a educação, a cultura, as crenças; depois assistirão ao desenrolar da vida quotidiana desde o levantar e o preparo matinal, ás ocupações, espectáculos, o passeio, o banho do fim do dia e o jantar. Enfim, um belo livro que todos os nossos leitores devem conhecer.

MARAVILHAS DA NATUREZA

As flores essas desconhecidas

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

COM certeza, todos vocês se rirão do título que escolhi. E dirão: «pois quem não conhece as flores, esses encantadores adornos da Natureza? Não são apenas os floristas que as admiram, mas todos aqueles que gostam de passear nos campos verdejantes, fugindo ao bulício da cidade e aos apertos da multidão».

Pois bem, Amiguinhos, podemos dizer que há flores verdadeiramente selvagens, sem correr o risco de quebrar a poesia de que os bardos e floristas fizeram profissão.

Já ouviram dizer que vivem nas areias do deserto e nos pantanos das regiões tropicais algumas espécies de flores carnívoras. Como o nome o indica, alimentam-se de carne. Para o homem, são inofensivas; mas aproveitam a carne de insectos — moscas, mosquitos, pulgões e formigas — que, atraídos pelas cores vistosas das suas pétalas e por um líquido açucarado que cheira a distancia, não são bastante cautelosos para conhecer o engano das aparências. Uma vez pousados na flor, esta fecha-se sobre eles que não mais poderão escapar áquele abraço traiçoeiro. Em volta dela, entrelaça-se um emaranhado de pêlos, formando uma cadeia impossível de romper... Passada a digestão, a planta volta a abrir as pétalas á luz brilhante do Sol.

Mas há mais: há flores perigosas para o homem, rosas que picam e rasgam, junquilhos e beladona que envenena, anémonas dos bosques que golpeiam e empolam.

Pois é, Amiguinhos, os passeios romanticos pelos bosques e campos floridos têm poesia e têm seus perigos, camuflados em cores garridas, corolas caprichosas, folhagens verdejantes. O hábito de levar plantas á boca, tem provocado intoxicações ou irritações das mucosas, mais ou menos perigosas, como acontece com o lírio bravo, flor cujo perfume inebriante, numa casa fechada, pode provocar a morte.

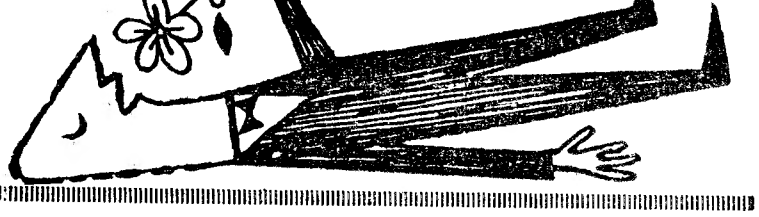
As anémonas bravias podem encher as mãos de golpes e bolhas irritantes, provocadas por um líquido que segregam. Os junquilhos em floração assustam os floristas, porque podem provocar infecções internas, acompanhadas de feridas externas que tomam o aspecto de furunculos.

Quanto ao perfume inebriante dos narcisos e junquilhos, não é menos de temer que o do lírio dos campos. O seu aroma funciona como um narcótico. Porque são de cheiro «estonteante», como acontece de resto com inumeras flores bolbosas, não devem ter-se nos quartos fechados, nem junto de doentes ou depois de uma enfermidade.

A dedaleira (também chamada erva-dedal ou luvas de Nossa Senhora), vermelha e amarela, que cresce, selvaticamente bela nos prados verdes, ou cultivada nos jardins, tem o perigo da digitalina, princípio activo cujos efeitos sobre o coração são por demais conhecidos.

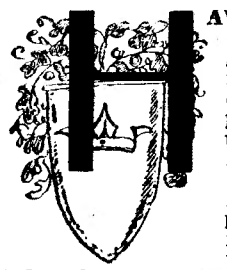
Os lírios verdes dos vales, ou narcisos do Outono, que anunciam esta estação, não devem levar-se á boca, por extremamente perigosos.

Ficam, pois, prevenidos, pequenos Amigos, contra a beleza tentadora e falsa das flores garridamente espalhadas pelo verde dos campos. Elas são como as sereias das lendas marítimas que, com belos cantos e formas tentadoras, arrastavam os marinheiros incautos para a morte. Também as flores, solicitando com a garridice das cores e formas caprichosas, levam o poeta a dizer: «no chapéu uma flor; na boca, uma canção»...



Os CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

por TROTE



HAVIA naquele tempo, na Inglaterra, barões muito poderosos, tão poderosos que todos queriam ser reis. Como, porém, governava o país um monarca mais poderoso que todos eles — o rei Utário Pendragão — eles quiseram ao menos ser reis das terras de que eram senhores. Tinham, para isso, muitos e feios e barbudos soldados vestidos de ferro, com longas espadas e escudos negros como corvos. Eles próprios assim andavam vestidos e armados e oprimiam a boa gente que trabalhava nos campos, nas vilas e cidades. Não tinham, já se vê, quem lhes dedicasse um poucochinho de amor, pois quem semeia ventos sempre colhe tempestades. Quando se cansavam de oprimir os pobres voltavam-se em guerra contra os outros barões, incendiavam campos, aldeias e cidades, e, de cima dos seus cavalos, riam a bom rir com o espectáculo das chamas. Se não fosse o bom rei Utário Pendragão, é bem certo que a Inglaterra se tornaria, mais dia menos dia, num tremendo braseiro. Mas Utário velava: tinha cento e cinquenta bons cavaleiros com quem se sentava á roda duma Távola Redonda e eram eles que o ajudavam a defender os pobres e os oprimidos e a castigar os poderosos cruéis. Quando o rei Utário, a rainha Igrénia e os cento e cinquenta cavaleiros caminhavam pelas estradas, nunca faltavam bocas que amorosamente dissessem: Bom dia! Boa tarde! Só uma coisa faltava ao rei e á rainha: era um filho.

Ora é tempo de dizer que o monarca tinha um grande amigo e conselheiro que ainda por cima era mágico. Chamava-se Merlim e sabia tudo quanto os demais homens ignoravam. Uma vez em que o monarca lhe confessou o seu desgosto por não ter um filho, Merlim disse:

— Tereis um filho, sim, meu senhor, tereis um filho. Mas quando o tiverdes...

— Quando o tiver...

— Para que vosso filho seja feliz e para que sua glória seja grande é preciso que me façais uma grande promessa.

— A' fé de cavaleiro que a farei! — E estendendo a mão que nunca oprimira ninguém, pediu: Juro, Merlim, diz!

— Pois, senhor, no dia em que vosso filho nascer, mandá-lo-eis enfaixar em faixas de ouro, confiá-lo-eis a dois dos vossos cavaleiros; e mandareis que estes o entreguem, o vosso menino, ao primeiro mendigo que eles encontrarem na porta traseira do castelo. Prometeis?

Utário jamais na sua vida voltara atrás com a palavra dada. Embora o desgosto o empalidecesse, ele prometeu.

Ora tudo veio a acontecer como estava previsto. A rainha Igrénia teve um menino, o menino foi enfaixado em faixas de ouro, entregue a dois cavaleiros, que, por sua vez, ao chegarem á porta traseira do castelo, o depositaram nas mãos de um mendigo que aí encontraram.

Assim deixou o menino os seus pais. Mas quem o levava, disfarçado de mendigo, era Merlim, o feiticeiro. Merlim confiou-o a Heitor, um dos mais lelais e perfeitos cavaleiros de Inglaterra, conforme muito antes fora combinado entre os dois. No mesmo dia e na mesma hora, Melisanda, mulher de Heitor, tivera também um rapazinho, que entregaram aos cuidados duma ama, a fim de que a criancinha real fosse amamentada pela própria Melisanda.

O príncipe teve o nome de Artur; seu irmão adoptivo, o de Kay. Eles julgavam-se irmãos de sangue e assim se criaram, amigos, amigos. Ninguém, na verdade, sabia da ascendência de Artur, a não ser Merlim, Heitor e Melisanda.

Ora o tempo foi correndo. Tinha Artur dezasseis anos quando a Inglaterra perdeu o seu bom rei Utário. A notícia correu como uma ave de mau agoiro, de terra em terra. Os pobres, todos os que viviam do trabalho, ergueram os olhos para o céu: a morte do seu amigo nada de bom prometia. Porque não tivera Utário um filho? Que ia ser do reino quando todos os cruéis barões se levantassem em revolta, cobiçosos de se sentarem no trono? Que ia ser do reino, se um deles conseguisse impor a sua vontade aos restantes? Onde pararia a justiça e a bondade, que eram a lei nos tempos de Utário e de Igrénia?

Os receios do povo cumpriram-se. Todos os barões pegaram em armas para conquistar o ambicionado título de rei. Como sempre, na guerra entre os poderosos quem vertia lágrimas era o povo: suas pobres searas, suas pobres choupanas, seu gado — tudo quanto amavam se convertia em braseiro. E nenhum cavaleiro tinha força bastante para se impor como rei. Ora a verdade é que só teria tal força quem se valesse do amor da gente simples. Sim, a gente simples queria no trono um homem bom e justo: cada vez mais aspirava por ele. Mas onde estava? Onde?

Merlim procurou um dia o arcebispo de Cantuária e disse-lhe:

— E' altura de parar com esta loucura que destrói a nossa querida terra.

— Como acabar com ela? — perguntou o arcebispo com as lágrimas nos olhos.

— Reuni no dia 25 de Dezembro todos os nobres do reino, na vossa Catedral. Dizei-lhes que um prodígio designará o verdadeiro rei de Inglaterra.

E assim se fez. Por ordem do arcebispo, os arautos correram a Inglaterra a convocar os cavaleiros para a grande reunião. No dia do Natal, o enorme templo era pequeno para conter tanto nobre ambicioso. Terminada a missa, foram convidados a descer ao largo, em frente da igreja. Aí, mesmo no meio da praça, havia um enorme quadrado de pedra, em cima dele uma bigorna de ferro onde estava embebida uma bela espada, quase até aos copos. Ao lado, um letreiro com letras de ouro dizia:

«QUEM RETIRAR A ESPADA DA BIGORNA SERA O LEGÍTIMO REI DA INGLATERRA».

(No próximo número: «A Espada maravilhosa»)

DIARIO DE BORDO

Amigo n.º 365 — Maria Guilhermina Lobato (Barreiro): Nem tu calculas a alegria que a tua carta causou. Amiga, é assim com essa coragem, esse optimismo, essa inteligência que certas mulheres ficaram na História. E olha que, felizmente, não foram assim tão poucas. Continua, Amiguinha, e o futuro será teu. Obrigado por haveres quebrado a tua ausência da forma como o fizeste. Obrigado.

Amigo n.º 348 — Manuel António dos Reis (Cascais): aqui tens o teu numero. Deves anotá-lo em todas as tuas cartas.

Amigo n.º 856 — Francisco José Fernandes (Lisboa): Infelizmente não foi possível publicar o teu conto, pois a colaboração tem sido imensa, felizmente; e o espaço, pouco.

Amigo n.º 892 — Lucia Maria Morgadinho (Lisboa): o assunto pode ficar á tua escolha, qualquer que seja o género que queiras utilizar. No entanto, vê nos numeros atrasados as condições.

Amigo n.º 1026 — Maria Teresa Godinho: o teu numero é este e não o que indicavas.

Amigo n.º 1237 — João Fernando Santos Mendes (Estarreja): seguem os jornais pedidos; desculpa a demora. Quanto ao artigo, espera a tua vez.

Amigo n.º 1271 — António Manuel Ponce (Lisboa): aqui tens o teu numero de ficheiro.

Amigo n.º 1273 — António Valério Ramires (Lisboa): manda, sim, os desenhos. Os artistas gráficos se encarregarão de o julgar. Se a tinta for preta, pode ser. Quanto ás anedotas, podes mandá-las, com a indicação da secção a que se destinam, no envelope.

Amigo n.º 1453 — Francisco José Ferreira (Olhalvo): Vou tratar do teu assunto e tomo em consideração a tua grande sinceridade. Usa-a sempre, Amigo. Por muito que pensem o contrário, não vale a pena enfeitarmo-nos com penas de pavão. As penas falsas acabam por cair, mais dia menos dia, e a verdade é então mais crua: é ridícula, sobretudo. E se há coisas que alguém deve evitar na vida, é precisamente, cair no ridículo. Felicito-te, pois.

TROTE

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 87

I — CONCURSO «GENTE NOSSA»: Minho. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Dante.

Vencedores

1.—Amigo n.º 1474 — Magda Militão (Barreiro).
2.—Amigo n.º 1394 — Manuel de Sá Gomes (Vila Nova de Gaia).
3.—Amigo n.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz).
4.—Amigo n.º 1369 — Maria José C. Barroso (Lisboa).
5.—Amigo n.º 362 — José Pimenta (Queluz).
6.—Amigo n.º 505 — António Carvalho e Branco (Dafundo).
7.—Amigo n.º 775 — Maria Teresa Ventura (Lisboa).
8.—Amigo n.º 1127 — Judite Allen Leal (Vila Franca de Xira).
9.—Amigo n.º 1437 — Mário Martins de Carvalho (Lisboa).
10.—Amigo n.º 418 — Maria da Graça Catita Santos (Lisboa).

Prémios

1.—«**O romanceiro de Garrett**», da colecção «Clássicos portugueses».
2.—«**Camões e D. Branca**», da colecção «Clássicos Portugueses».
3.—«**Frei Luís de Sousa**», da Colecção «Clássicos Portugueses».
4.—«**Líricas de Gil Vicente**», da Colecção «Clássicos Portugueses».
5.—«**Sonetos de Bocage**», da Colecção «Clássicos Portugueses».
6.—«**O fidalgo aprendiz**», da Colecção «Clássicos Portugueses».
7.—«**Dez benfeitores da Humanidade**», da Colecção «Dez».
8.—«**Dez imortais da Medicina**», da Colecção «Dez».
9.—«**Dez monarcas infelizes**», da Colecção «Dez».
10.—«**Dez rainhas que reinaram**», da Colecção «Dez».

Todos estes belos livros são edição da Livraria CLÁSSICA EDITORA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE DANTE:

11.—Amigo n.º 1469—Pedro Foyos.
11.—«**Crónica de D. Fernando**», da Colecção «Clássicos Portugueses»; «**Crónica de D. Pedro I**», da Colecção «Clássicos Portugueses»; «**Dez ases da espionagem**», da Colecção «Dez».

Amigos novos entrados

1440 — Maria Teresa Mello Barreto (L.); 1441 — Mário Pereira (L.); 1442 — Maria Isabel Trindade Boavida (L.).; 1443 — Mário Jones (favor indicar a morada); 1444 — Manuel Marcelino da ena Costa (favor mandar a morada); 1445 — Alice de Abreu Dinis (Porto); 1446 — Maria Esmeralda da Costa (Santarém); 1447 — Luís António Santos Sá (T. Vedras); 1448 —Armando Santos Cerqueira (L.).; 1449 — Maria Elisabete Jorge (Bucelas); 1450 — Raul Cabral Adão (T.-os-Montes); 1451 — M.ª Tomélia de Carvalho (Bucelas); 1452 — José Filipe de Sá (L.).; 1453 — Francisco José Ferreira (Alenquer); 1454 — Rui Saraiva (Covilhã); 1455 — Maria Olímpia Franco (L.); 1456 — Maria do Pilar Feijão (L.); 1457 — Maria Helena A. Ribeiro (L.); 1458 — Armando dos Santos Cerqueira (L.); 1459— Terezinha Cascais; 1460 — José Alfredo C. Gomes; 1461 — Carlos Alberto L. Medeiros (Nazaré); 1462 — António A. Fernandes (Porto); 1463 — Maria Teresa Guerreiro Godinho (Aveiro); 1464 — António Francisco de Carvalho (Amadora); 1465 — Berta Pinto; 1466 — Maria Luísa F. dos Reis; 1467 — Maria do Céu A. de Guerra (indicar morada); 1468 — Maria Elisa Bacelar (Moura); 1469 — Pedro Teixeira; 1470 — Maria Margarida Macedo (Coimbra); 1471 — Manuel Rodrigues Leal (indicar morada);

O voluntário do espaço

O 1.º encontro

por AGOSTINHO DE BRITO MACEDO (19 anos)

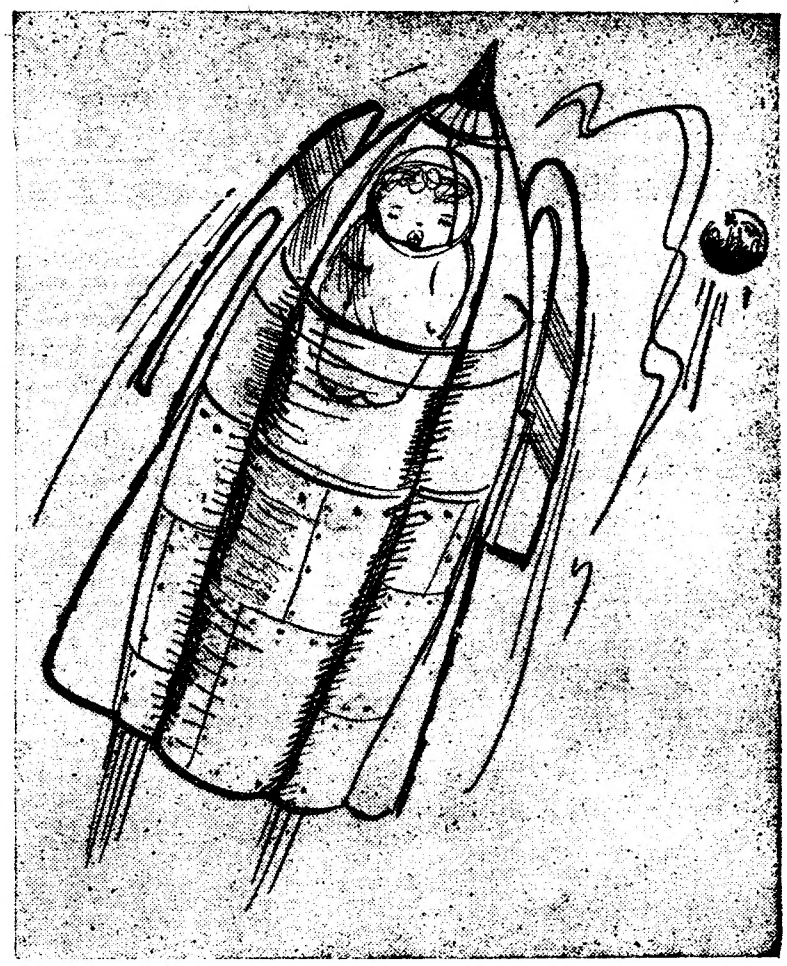
DESCI da nave. Sem saber como, mas desci e pisei o chão. Bolas, que depois de estar um mês empacotado, sabia bem andar um pouco sobre um chão feito de terra, mesmo que seja dentro de uma espécie de escafandro do ar. Não gostei muito foi do silêncio. Havia silêncio demais naquele sítio. Parecia que tinha descido numa espécie de deserto. Mas num deserto estranho. Um deserto com árvores aqui e além. Dei mais uns passos com o meu «cómodo» fato especial. Voltei-me para o meu foguetão. Foi então que eu vi o homem, que por sua vez estava a olhar para mim. Fiquei atrapalhado. Não estava preparado para encontrar um «indígena» naquela altura. Principalmente um indígena como aquele. Pode-se lá imaginar que num planeta, a milhões de quilómetros da Terra, se vá encontrar um homem igualzinho a nós? É' aborrecido. Ao menos podia ter duas cabeças, quatro braços, ou vinte pernas. Mas não. Era um «camafeu» como eu. Até vestido normalmente. O homem aproximou-se de mim, e estendeu-me a mão, que eu apertei, através do meu fato espacial. Se valia a pena ter-me oferecido para a primeira viagem «turística» interplanetária, ser o primeiro palerma que deixa a Terra, sem ter morrido, com as compressões, etc., etc., e vir encontrar um basbaque no planeta «Lyn», como mais tarde me disseram chamar-se. O melhor foi que o Lynense, disse-me qualquer coisa, numa língua tão esquisita, que eu não percebi nada, mas que julguei querer dizer, pouco mais ou menos:

— Ouve lá, tartaruga!... Porque é que não saltas de dentro dessa casca?

Olhei para ele, correguei no botão do capacete... e ele saiu. Podia ter morrido nessa altura. Tive sorte. O ar era bom para consumo. Tirei todo o escafandro e mostrei um fato que fez o meu novo amigo rir ás gargalhadas. Fiquei espantado a olhar para ele. Pensei que fosse maluco. Ainda se o fato dele fosse diferente do meu. E olhei para o meu. Realmente o meu fato, não era bem um fato. Eram só rugas. Rugas cosidas umas ás outras, fazendo mangas e pernas de calças.

Imediatamente fiz companhia ao riso dele. Depois pedi por gestos que ele me esperasse um pouco e dirigi-me ao foguetão. Abri a porta do compartimento onde tinha uma mala cheia de coisas da Terra, vesti um fato que tinha lá dentro, e que apenas estava amarrotado nos locais típicos onde as malas os amarrotam. Por fim dirigi-me satisfeito ao encontro do meu novo conhecimento. Ele sorriu e fez com a cabeça sinal para eu o acompanhar. A grande aventura ia começar. Por detrás do monte que estava perto do foguetão, havia uma estrada e nela havia um automóvel do tempo dos nossos «D. Elviras». Afinal o mundo de Lyn, parecia mesmo a Terra. Quando eu tinha ido naquela geringonça, contava chegar a um mundo onde comesse apenas comida sintética, que não me fizesse sofrer mais da minha horrível doença do fígado. No fim de tudo, o meu primeiro almoço em Lyn, foi bacalhau á Gomes de Sá... e um pouco de sais de frutos...

Amigo 1282



PALAVRAS,
leva-as o vento...

(A vida aventurosa das palavras)

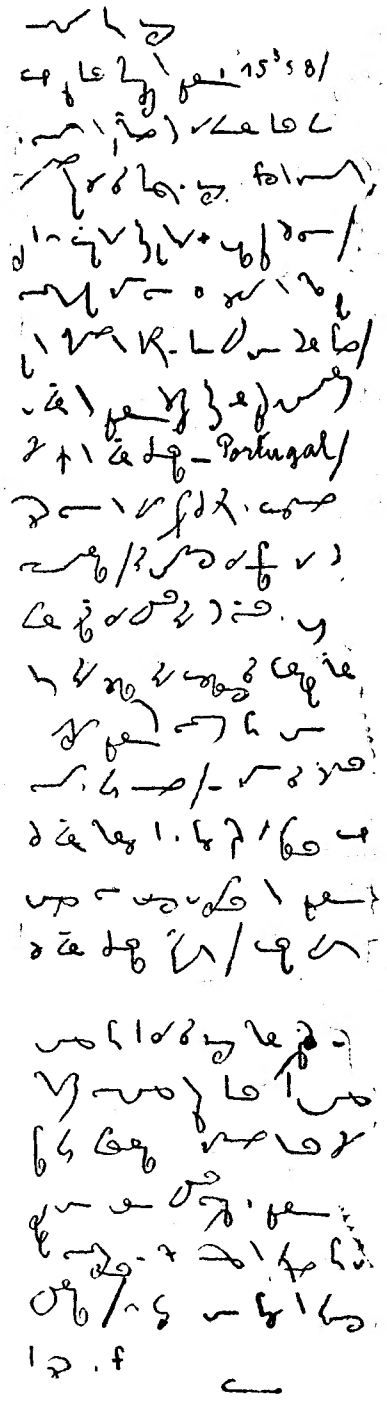
NO PRÓXIMO NUMERO:

Primeira reportagem no mundo de linguagem portuguesa

Por Natália da Fonseca

Curso elementar de estenografia

por Natália da Fonseca



Meus caros amigos:

Foi este Curso Elementar de Estenografia iniciado a 15 de Março de 1958. A partir de então, todas as semanas, quase sem excepção, demos aos nossos leitores a possibilidade de aprenderem algo que é, conforme diz alguém, uma das grandes conquistas do homem. Pretendemos assim pôr ao alcance de todos uma arma de aquisição de cultura e, quem sabe, um ganha-pão.

O ensino da estenografia, durante alguns anos, esteve abandonado nos estabelecimentos de ensino comercial em Portugal. Acaba porém de ser reconhecido como necessário á formação profissional. Na verdade, os parlamentos, os serviços nas grandes empresas, as grandes reuniões internacionais, a vida diária nas escolas (principalmente superiores) no jornalismo, etc., continuam a exigir estenógrafos hábeis e preparados para bem desempenharem a sua missão. E assim no Congresso do Ensino Técnico, que há pouco se realizou, foi votado por unanimidade o regresso da estenografia ao ensino comercial secundário.

Fazemos sinceros votos para que os nossos amigos tenham gostado e tirado proveito do Curso, que constituiu, pela sua arrumação e factura, disso nos orgulhamos, um bom serviço prestado á estenografia portuguesa, e, por isso, motivo de satisfação para o «Juvenil». E' já com um pouco de saudade que escrevo a palavra

FIM

NATÁLIA DA FONSECA

CONCURSO

GIGANTES DA HUMANIDADE

O genial cientista que hoje apresentamos fez extraordinárias descobertas no campo da psicologia e da fisiologia do sistema nervoso, de tal forma que depois dele a Psicologia passou a seguir rumos muito diferentes daqueles que até então seguira. Os nossos leitores já ouviram com certeza falar nas célebres experiências feitas em animais, sobretudo cães, por este grande sábio. Tais experiências levaram-no á descoberta dos *Reflexos condicionados*.

Vejamos o caso de um dos tais cães. Quando têm fome e são postos em frente da comida, os cães salivam. Que fez então o nosso cientista? Ao mesmo tempo que apresentava a comida a um animal, ele fazia soar uma campainha. Repetiu a experiência várias vezes e no fim verificou este surpreendente resultado: bastava tocar a campainha (sem apresentar a comida) para que o cão salivasse. O estímulo *habitual* da comida fora substituido pelo estímulo *artificial* da campainha, *e com os mesmíssimos efeitos* ou seja: a salivação). O primeiro reflexo era *puro, absoluto;* o segundo era *condicionado.*

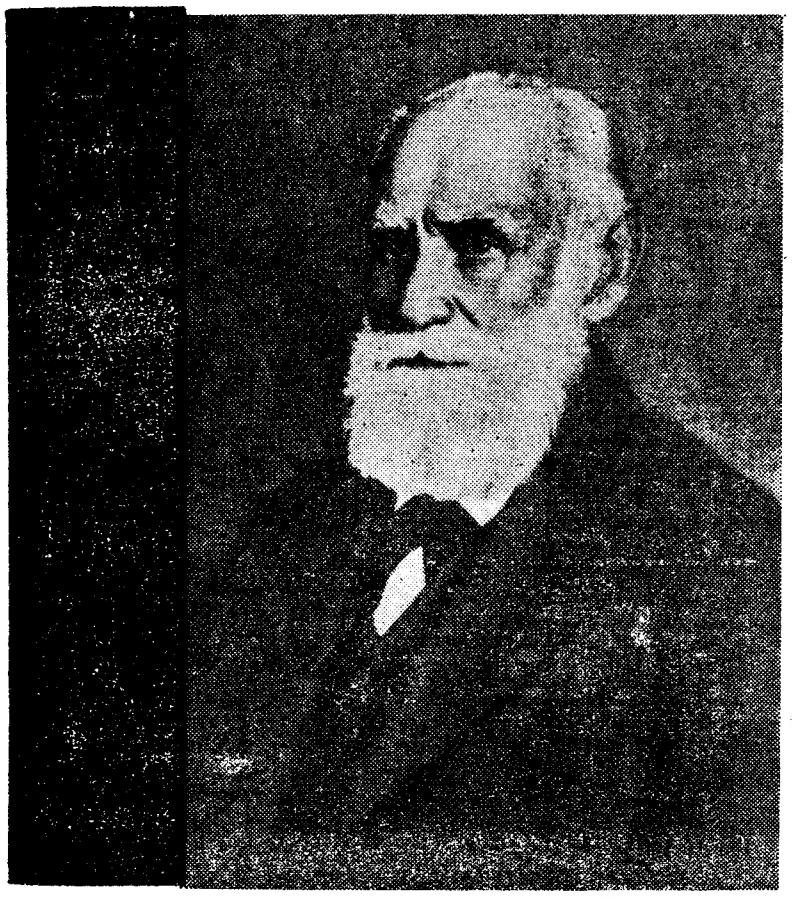
Ora bem: o grande sábio russo (nasceu e morreu na Russia) descobriu ainda que os *reflexos condicionados* constituem a base de toda a nossa actividade psicológica, pois é por meio dos *reflexos condicionados* que os seres vivos se adaptam ao meio em que vivem.

Este sábio foi galardoado com o Prémio Nobel.

As respostas devem estar em (JUVENIL» até ao próximo dia 17, acompanhadas das habituais informações; nome, morada e data de nascimento dos concorrentes (que ainda no-la não enviaram) e numero de ficheiro, no caso de já o terem.

Juntamente queiram indicar os três artigos do «JUVENIL» desta semana que mais lhes agradaram.

Além dos habituais prémios, haverá um prémio especial para o melhor trabalho sobre o grande cientista desta semana.



NOTAS DE LEITURA

Os problemas da adolescência

CENTENAS de jovens põem-nos, de vez em quando, os problemas. São, sempre, problemas prementes, tanto mais prementes quanto é certo que os julgam insoluveis. Cada um de vocês, ao pôr o «seu» problema, julga que é o unico a sofrê-lo, ou que, pelo menos ele se restringe a um numero muito limitado de amigos seus. Dá-lhe uma importancia puramente pessoal. O «eu» cresce desmedidamente até se tornar imenso como o Universo. Cada um, preocupado com o que vai dentro de si, não mede os problemas dos outros jovens. Angustia-se, porque se julga infeliz, incompreendido. Não sabe que eles são iguais a outros tantos jovens com outros tantos problemas, precisamente iguais; e que estes jovens se multiplicam ao infinito. Todo o mundo jovem está cheio de problemas. Pois é. E os adultos depressa esquecem a sua juventude, e os problemas que debateram então, com mais ou menos felicidade. Todos pensam, sentem, vivem da mesma maneira ou com ínfimas diferenças. Contudo, a adolescência varia com o meio social; não é, fundamentalmente, um fenómeno natural. A conduta de jovem varia mais com o meio social em que vive do que entre jovens de sexo diverso. Um operário de dezasseis anos não pensa, nem sente do mesmo modo que um estudante da mesma idade. O meio moldou, em cada um, uma conduta diversa. Mas há, entre uns e outros muitos pontos de contacto; caminham em paralelo. Todos os jovens, em todas as épocas, vivem a adolescência, á semelhança de sempre. Não há épocas estanques para os problemas da adolescência. Esta não tem figurinos nem moldes por que se vista. Claro que, em cada época, podemos encontrar grupinhos que se tornam unicos; passam pela «juventude da época» — mas são de todas as épocas, felizmente com excepções.

Se lerem, com atenção, o livro «Adolescência», de Maurice Debesse, incluido na colecção «Saber». poderão vocês mesmos analisar o problema com a atenção e a profundidade que o caso requer.

E já que falamos da colecção «Saber», cumpre-nos falar num outro livro que merece a vossa atenção — a «Genese da Humanidade», de Arambourg. Claro que ele não faz pensar na adolescência, senão na adolescência da raça humana; mais, até á nossa origem. Antes de pensarem no que são hoje, apertados em coletes de força de mil complicações, vamos pensar como chegámos aos nossos dias. Verdadeira epopeia do esforço humano, a história da Humanidade. E' curioso ver como venceram o tempo, as condições atmosféricas adversas, as distancias geográficas, como caçaram e pescaram quando a recolecção se tornou insuficiente, como lançaram a semente á terra, quando a caça e a pesca se dificultou, como descobriram o fogo e venceram o frio, como olharam o espelho das águas paradas, a sombra no chão e descobriram um outro «eu». O homem encontra-se a si próprio; daí nasceram os prementes problemas que ainda hoje o torturam. Os problemas que ainda hoje torturam a adolescência.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

●

«Adolescência», por Maurice Debesse; «Genese da Humanidade», por C. Aramboury. Colecção «Saber» — Publicações Europa-América — Lisboa, 1958.

UM POVO ESTRANHO

O Amazonas é um dos mais extraordinários locais da Terra! A sua completa rede hidrográfica forma uma vastíssima região a que se dá o nome de Amazónia. Em grande parte ainda por explorar, no meio das suas florestas virgens vivem alguns dos povos mais primitivos do Globo. Tal é o caso dos estranhos «caçadores de cabeças do Arizona».

F. W. Up de Graff dá-nos no seu livro «Os Caçadores de Cabeças do Amazonas» uma emocionante narrativa destes povos de selvagens. Eis uma obra onde a mais escrupulosa veracidade tema, para o leitor, o verdadeiro aspecto de uma narrativa de aventuras.

Claro que é uma obra que interessa vivamente os jovens e que os instrui. Ao assinalarmos o seu aparecimento, recomendamo-lo aos nossos leitores maiores de 15 anos.

A esta mesma colecção «Viagens — Aventuras — Epopeias», editada pela Livraria Clássica Editora, pertencem os dois livros seguintes, a que na devida altura nos referimos:

«O Patrão do Girl Pat» por Dod Osborne.

«Rumo ao Perigo» por F. A. Mitchell-Edges.